

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

TÁSSIA AGUIAR DE SOUZA

HUMOR NOS TEMPOS DE CÓLERA:
Uma proposta conceitual de histórias em quadrinhos políticas

São Bernardo do Campo, 2024

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

TÁSSIA AGUIAR DE SOUZA

HUMOR NOS TEMPOS DE CÓLERA:
Uma proposta conceitual de histórias em quadrinhos políticas

Tese apresentada em cumprimento às exigências do
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)
para obtenção do grau de Doutora.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Paganotti.



São Bernardo do Campo, 2024

FICHA CATALOGRÁFICA

So89h	Souza, Tássia Aguiar de Humor nos tempos de cólera: uma proposta conceitual de histórias em quadrinhos políticas / Tássia Aguiar de Souza. 2024. 144 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2024. Orientação de: Ivan Paganotti. 1. Estética 2. Gênero do discurso 3. HQ (História em quadrinhos) 4. Humor político I. Título. CDD 302.23
-------	---

FOLHA DE APROVAÇÃO

A tese "Humor nos tempos de cólera: uma proposta conceitual de histórias em quadrinhos políticas", elaborada por Tássia Aguiar de Souza, foi defendida no dia 27 de janeiro de 2025, tendo sido: Aprovada com louvor



Prof. Dr. Ivan Paganotti (Presidente)



Prof. Dr. Antonio Roberto Chiachiri Filho (UMESP)

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Área de concentração: Processos Comunicacionais

Linha de Pesquisa: Linguagem, produção de sentido e conhecimento

Aos meus pais outra vez

Meu maior mérito

“A sátira é o humor militante”

Elias Tomé Saliba

AGRADECIMENTOS

A Deus, força vital de toda minha engrenagem.

Aos meus pais, Antonio Humberto e Socorro, meus alicerces e vetor.

À minha irmã, Mariana, e à minha sobrinha e amada afilhada, Betina Maria, que dividem comigo o privilégio de ser cuidada por esse casal incansável. Por alimentarem meus sonhos, por serem inspiração, motivação, esperança, extensão e “amores de mim”.

A Enio e Ayla, meus primos, amigos, parceiros e cúmplices deste trabalho e de todo o resto.

A Benji Joy e Mel Joy, minha pequena família multiespécie, alegria e leveza dos meus dias. Por cada vez em que eles intencionalmente deitaram-se aos meus pés, segurando-me mais uma horinha na cadeira para continuar tentando.

Ao professor Ivan Paganotti, que carinhosamente acolheu a mim e à pesquisa quando a Universidade Metodista de São Paulo fez o exato contrário. É uma honra tê-lo como parceiro neste trabalho com tamanha prontidão, assertividade e conhecimento.

Ao professor Mateus Yuri Passos, orientador, amigo, entusiasta dos quadrinhos e incentivador deste projeto. Mais um professor descartado do Póscom/Metodista por suas caras qualidades docentes e compromisso com a verdade e justiça.

Ao professor Octávio Aragão, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação deste trabalho e por todo o universo que estou conhecendo a partir de suas referências.

À professora Rose Ferreira, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, que tão bem me recebeu em suas turmas como estagiária-docente. Por suas orientações, ensinamentos, cuidado e amizade que permanecerão.

Ao professor Ricardo Alvarenga, que tanto me incentiva. A ele também pela amizade, pelo acolhimento em tantos momentos, e pelas boas lembranças de nossas aventuras no Rudge Ramos.

À Adri, pela companhia silenciosa e descontraída, e pelos atentos ouvidos nos momentos difíceis.

Ao Dr. Caio Neuenschwander, que cuida da minha saúde mental desde o início dessa jornada demonstrando profunda dedicação com a garantia da minha qualidade de

vida e produtividade acadêmica. Chego até aqui com saúde e motivação graças à sua irretocável conduta profissional e natureza humana.

Ao CNPq pelo incentivo financeiro que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao governo federal, sob gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pela Portaria nº 133, de 10 de julho de 2023 da Capes, que permitiu aos pesquisadores bolsistas o acúmulo de bolsa com outros rendimentos, promovendo melhor qualidade de vida para os pós-graduandos brasileiros.

Às instituições brasileiras que resistem às tentativas de golpe de Estado empreendidas pela extrema-direita, liderada por Jair Bolsonaro, desde 2022, sem as quais esta tese jamais seria publicada.

A todos os cartunistas desse país que dedicam um pouco do seu trabalho denunciando as canalhices que minam nossas instituições e comprometem a garantia de direitos dos brasileiros. Aos que foram citados neste trabalho, aos que, de alguma forma me inspiraram ao longo da vida, e aos que eu ainda não tive a oportunidade de conhecer.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Contagem dos stickers de vomitação de 19 a 21 de novembro de 2016	62
Tabela 2 – HQs políticas encontradas com a palavra-chave “política”	81
Tabela 3 – HQs políticas encontradas com a palavra-chave "Bolsonaro"	84
Tabela 4 – HQs políticas encontradas com a palavra-chave "vacina"	85
Tabela 5 – HQs políticas encontradas com a palavra-chave "covid"	86
Tabela 6 – HQs políticas encontradas com a palavra-chave "Brasil"	87
Tabela 7 – Características objetivas das categorias estéticas de Souriau	99
Tabela 8 – HQs políticas com a temática "Bolsonaro" e/ou espectro bolsonarista	100
Tabela 9 – Amostragem total das HQs analisadas	141

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Trecho de Grama: autora entrevista Vovó	33
Figura 2 – Página do livro Desvendando os Quadrinhos	34
Figura 3 – Capa da Cartilha da Editora Globo sobre o Fome Zero	35
Figura 4 – Capa da Cartilha da Turma da Mônica sobre o ECA	35
Figura 5 – Cartilha da Justiça, parceria entre o MJSP e o Instituto Maurício de Sousa... 35	
Figura 6 – Capa da adaptação para HQ do Manifesto Comunista	36
Figura 7 – Capa da HQ Palestina	39
Figura 8 – Capa da HQ Reportagens	39
Figura 9 – Trecho da HQ Mon Bataclan	40
Figura 10 – Capa da HQ Kanikosen	42
Figura 11 – Primeira charge em periódico no Brasil	52
Figura 12 – Capa da primeira edição d'O Pasquim	54
Figura 13 – Capa da última edição do Pasquim	54
Figura 14 – Charge sobre violência policial durante o regime militar	56
Figura 15 – Charge sobre a violência policial no governo de Tarcísio de Freitas-SP	56
Figura 16 – Continuação de charge sobre a violência policial em São Paulo	56
Figura 17 – Ilustração censurada por Marcelo Crivella	58
Figura 18 – Charge censurada de Latuff	58
Figura 19 – Charge censurada de Renato Aroeira	59
Figura 20 – Charge sobre censura em apoio a Aroeira	60
Figura 21 - Matéria sobre tentativa de proibição do vomitão	61
Figura 22 – Reportagem em quadrinhos publicada no site da Agência Pública	63
Figura 23 - Trecho da HQ Três Meninas da Craco	63
Figura 24 - Trecho da HQ Meninas em Jogo	64
Figura 25 – Página da HQ Cavaleiro das Trevas: a criança dourada	70
Figura 26 – Página da HQ Demolidor: prefeito Fisk	70
Figura 27 – Trecho da HQ Um Grande Acordo Nacional	71
Figura 28 – Trecho da HQ Um Grande Acordo Nacional	71
Figura 29 – Trecho da HQ Um Grande Acordo Nacional	72
Figura 30 – Trecho da HQ Um Grande Acordo Nacional	72
Figura 31 – Trecho da HQ Moebius Arzach	73

Figura 32 – Trecho da HQ Moebius Arzach	73
Figura 33 – Capa da HQ Um Grande Acordo Nacional	75
Figura 34 – Capa da HQ Revolta da Vacina	79
Figura 35 – Trecho da HQ Crônicas de 2020, história de não-ficção	83
Figura 36 – Trecho da HQ Crônicas de 2020, história de ficção	83
Figura 37 – Trecho da história O Imbrochável na HQ El Perro Feo	84
Figura 38 – Crônica da revista Minhocazine	89
Figura 39 – Fotonovela da revista Minhocazine	90
Figura 40 – Fotonovela d'O Pasquim, Ano IV, 281	90
Figura 41 – Trecho da HQ Batman - O Mundo	91
Figura 42 – Trecho da HQ A urna	92
Figura 43 – Diagrama estético de Étienne Souriau	95
Figura 44 – Diálogo sobre fake news da vacinação	102
Figura 45 – Charge cômica sobre Bolsonaro	104
Figura 46 – Charge cômica sobre Bolsonaro	105
Figura 47 – Charge cômica sobre Bolsonaro	105
Figura 48 – Charge dramática sobre o desastre de Brumadinho	106
Figura 49 – Charge satírica sobre disputa eleitoral durante a pandemia	107
Figura 50 – Charge satírica sobre gestão de Bolsonaro durante a pandemia	108
Figura 51 – Charge satírica sobre pronunciamentos de Bolsonaro	109
Figura 52 – Charge sobre o exército brasileiro	110
Figura 53 – Charge sobre CPI da covid	112
Figura 54 – Charge satírica sobre futuro de Bolsonaro	114
Figura 55 – Charge sobre bomba caseira com fezes	115
Figura 56 – Meme sobre colostomia de Bolsonaro	116
Figura 57 – Meme sobre colostomia de Bolsonaro e debate eleitoral	116
Figura 58 – Charge associa Bolsonaro a fezes	116
Figura 59 – Charge sobre pandemia e eleições	117
Figura 60 – Charge sobre a posse do presidente Lula em 2023	119
Figura 61 – Charge sobre delação de Mauro Cid	120
Figura 62 – Trecho da HQ Crono Xiririca, o plano	121
Figura 63 - Tira grotesca sobre o ingresso de Bolsonaro no exército	122
Figura 64 – Tira irônica sobre rotina nos quartéis	122
Figura 65 – Referência a Bolsonaro na história We are carnaval	124

Figura 66 – Referência a Bolsonaro na história Espião doméstico	125
Figura 67 – Referência ao bolsonarismo na história Espião doméstico	125

SUMÁRIO

Introdução	18
1. Política e ativismo nos quadrinhos	23
1.1. Definições de política: um breve panorama	23
1.1.1. Política Clássica	23
1.1.2. Política da Razão	24
1.1.3. Política Moderna e a crítica ao capitalismo	26
1.1.4. Política Contemporânea	27
1.1.5. Contexto político e democrático brasileiro	29
1.2. Mapeando os quadrinhos	32
1.3. Quadrinhos no front	40
2. Jornalismo em quadrinhos no Brasil.....	47
2.1. As charges e o humor no jornalismo brasileiro	49
2.2. Censura contemporânea	57
2.3. A reportagem em quadrinhos	62
3. HQs políticas: elaboração de um conceito	66
3.1. O gênero discursivo	67
3.2. Identificando as HQs políticas	77
3.2.1. Palavra-chave: política	81
3.2.2. Palavra-chave: Bolsonaro	83
3.2.3. Palavra-chave: vacina	85
3.2.4. Palavra-chave: covid	85
3.2.5. Palavra-chave: Brasil	86
4. Configuração estilística das HQs políticas	93
4.1. Categorias estéticas do riso	95
4.2. Análise estética das HQs políticas	98
4.2.1. Definição do corpus	100
4.2.2. Análise de Brasil 2019 em charges	102
4.2.3. Análise de Brasil 2020 em charges	107
4.2.4. Análise de Brasil 2021 em charges	109
4.2.5. Análise de Brasil 2022 em charges	113

4.2.6. Análise de Ascensão e queda de Bolsonaro: efeito Lula	117
4.2.7. Análise de Crono Xiririca	120
4.2.8. 1984: Brasil, distopia, paranoia	123
4.3. O que dizem os quadrinhos sobre a gestão do governo federal 2019-2022.....	126
Considerações Finais	128
Referências	132
Anexos	141

SOUZA, Tássia Aguiar de. **Humor nos tempos de cólera**: uma proposta conceitual de histórias em quadrinhos políticas. 144 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

RESUMO

Estudo sobre a definição conceitual de Histórias em Quadrinhos (HQs) políticas e análise estética dos títulos publicados durante a crise política, social e sanitária que se estabeleceu durante os anos de 2019 e 2022 no Brasil. O objetivo deste trabalho é propor um conceito de HQ política em mídia exclusiva. Para tanto, partiremos de uma conceituação ampla de política. Buscamos compreender as HQs políticas como gênero discursivo baseados na proposta de Mikhail Bakhtin (2015). E nos propomos também a investigar o perfil estético das publicações brasileiras, entre 2019 e 2023, que mencionam o contexto de crise, a partir do diagrama de Étienne Souriau (1933). A metodologia empregada consiste em cinco etapas que envolvem a pesquisa bibliográfica dos conceitos de política desde o período clássico até a contemporaneidade; uma análise interpretativa das publicações para aplicação do conceito proposto de HQ política; uma análise quantitativa das HQs políticas; e análise estética das HQs políticas que trataram da referida crise no Brasil a partir do humor. Nossa hipótese é de que as HQs políticas são um gênero discursivo que possuem um conteúdo temático estável, política em seu sentido amplo; uma construção composicional própria, que pode variar de acordo com seus subgêneros e estilo humorístico. Esperamos, com este trabalho, contribuir para a categorização das publicações em quadrinhos de mídia exclusiva, assim como para a compreensão das vozes alternativas que presenciaram o referido período de crise, e as possíveis interações emocionais geradas por suas obras na comunicação com o leitor.

Palavras-chave: Estética. Gêneros do Discurso. História em Quadrinhos. Humor. Política.

RESUMEN

Estudio sobre la definición conceptual de los cómics políticos y análisis estético de los títulos publicados durante la crisis política, social y sanitaria que tuvo lugar entre 2019 y 2022 en Brasil. El objetivo de este trabajo es proponer un concepto de cómic político en medios exclusivos. Para ello, partiremos de una concepción amplia de política. Buscamos comprender los cómics políticos como un género discursivo, basándonos en la propuesta de Mikhail Bakhtin (2015). Además, nos proponemos investigar el perfil estético de las publicaciones brasileñas, entre 2019 y 2023, que hacen referencia al contexto de crisis, utilizando el diagrama de Étienne Souriau (1933) como herramienta de análisis. La metodología empleada consta de cinco etapas: una revisión bibliográfica de los conceptos de política desde el período clásico hasta la contemporaneidad; un análisis interpretativo de las publicaciones para aplicar el concepto propuesto de cómic político; un análisis cuantitativo de los cómics políticos; y un análisis estético de los cómics políticos que abordaron la referida crisis en Brasil, enfocándonos en el humor. Creemos que los cómics políticos son un género discursivo que presenta un contenido temático estable – la política en su sentido amplio – y una estructura compositiva propia, que puede variar según sus subgéneros y estilo humorístico. Con este trabajo, esperamos contribuir a la categorización de las publicaciones de cómics en medios exclusivos, así como a la comprensión de las voces alternativas que presenciaron dicho período de crisis y de las posibles interacciones emocionales que sus obras generan en la comunicación con los lectores.

Palabras clave: Estética. Género discursivo. Historietas. Humor. Política.

ABSTRACT

Study on the conceptual definition of political comics and aesthetic analysis of titles published about the political, social, and health crisis in Brazil from 2019 to 2022. This work aims to propose a concept of political comics in exclusive media. To achieve this, we will start from a broad conceptualization of politics. We seek to understand political comics as a discursive genre, based on Mikhail Bakhtin's proposal (2015). Additionally, we aim to investigate the aesthetic profile of Brazilian publications, between 2019 and 2023, that reference the crisis context, using Étienne Souriau's diagram (1933) as a framework. The methodology employed consists of five stages: a bibliographic review of the concept of politics, from classical to contemporary periods; an interpretative analysis of publications to apply the proposed concept of political comics; a quantitative analysis of political comics; and an aesthetic analysis of political comics addressing the aforementioned crisis in Brazil, focusing on humor. We believe that political comics constitute a discursive genre with stable thematic content – politics in its broad sense – and a distinctive compositional structure that can vary depending on its subgenres and humorous style. With this study, we hope to contribute to the categorization of comics in exclusive media and to the understanding of alternative voices that witnessed the crisis period. Furthermore, we aim to explore the potential emotional interactions generated by these works in their communication with readers.

Keywords: Aesthetics. Discursive Genre. Comics. Humor. Policy.

Introdução

Quando falamos em histórias em quadrinhos, é bem possível que a geração dos *millenials* associe, de pronto, aos super-heróis e outros clássicos que marcaram a infância dos brasileiros na década de 90, como as revistinhas da Turma da Mônica, Tio Patinhas, Zé Carioca, entre outras narrativas sequenciais infanto-juvenis. Para os assíduos leitores de jornais, do impresso ao digital, é impossível não pensar nas tiras e charges diárias de grandes nomes como Ziraldo, Laerte, Aroeira, Jaguar, Henfil, Caruso, André Dahmer e Deus me livre de esgotar essa lista de tantas décadas e qualidade.

Mas, não ocasionalmente, um outro perfil de quadrinhos destaca-se no cenário nacional e internacional, desde muito tempo, são aqueles que comumente chamamos de HQs de temas sérios, ou HQs sobre política. A temática dessas publicações é facilmente dedutível: política. Mas o que compreende esse tema tão amplo? E o que mais caracteriza essas HQs além do tema em comum?

Esse questionamento surgiu durante as discussões no Grupo de Pesquisa Comunicação, Enunciado e Narrativas, CENA, liderado pelo Prof. Dr. Mateus Yuri Passos, no PósCom da Universidade Metodista de São Paulo, e em sua disciplina Linguagem e Práticas Discursivas. O interesse nesse objeto de estudo sempre impulsionou calorosas discussões na disciplina e no GP, dado o alinhamento do prof. Mateus e de seus alunos com o tema. Além disso, a pesquisa sobre humor e política que já trazíamos do mestrado em Comunicação Social, também no PósCom, ganhou terreno nas discussões férteis sobre política propostas pelo Prof. Dr. Ivan Paganotti no GP Checar (Checagem, Educação, Comunicação, Algoritmos e Regulação), também na Metodista.

Desta feliz confluência de interesses e experiências, nasce esta tese, que trata de uma proposição conceitual de histórias em quadrinhos políticas em mídia exclusiva. A pesquisa se desenvolve na linha de pesquisa "linguagem, produção de sentido e conhecimento", que aglutina os estudos sobre a realidade comunicacional e sociocultural, processos, práticas e produtos, abrangendo estéticas, linguagens e discursos, pesquisa das mídias, produção histórico-artísticas, linguagens e significados.

Nosso problema tem início ao observarmos que a classificação de HQs políticas nem está presente nos bancos de dados de quadrinhos, nem nos trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Política aparece sempre como algo sobre o que se está discutindo, mas não de forma composicional e estilística dos quadrinhos.

Nossa hipótese é de que as HQs políticas são um gênero discursivo que possui um conteúdo temático estável, política em seu sentido amplo; uma construção composicional própria, que pode variar de acordo com seus subgêneros, como a charge; e predominante tendência ao estilo humorístico. Essas produções costumam dar voz aos movimentos de resistência a regimes autoritários e denunciam, em tempos de crise política e social, as diversas formas de desvirtuação aos princípios democráticos e aos valores relacionados aos direitos humanos.

Foi assim com as charges e tiras durante a ditadura militar no Brasil, foi assim com os memes no golpe de 2016, e vimos os novos e tradicionais modelos protagonizarem também o debate público entre os anos de 2019 e 2022, com o agravamento da crise política e social advindo da crise sanitária causada pela pandemia da covid-19.

Considerando que nenhuma manifestação humana é alheia ao contexto em que foi produzida e que, portanto, revela as condições sociais, políticas e culturais em que foi criada, nos propomos a investigar o que diziam as vozes não-convencionais dos quadrinhos de ficção e não-ficção sobre os recorrentes escândalos de um governo de extrema direita, negacionista e autoritário, entre 2019 e 2022, como não se via desde a redemocratização do Brasil.

Para demonstrar nossa hipótese estabelecemos como objetivo geral propor uma definição de HQ política. Os objetivos específicos propostos foram: definir um conceito amplo de política que dê conta das estruturas e funcionamento do Estado, da elaboração de políticas públicas e dos impactos sociais gerados por este mecanismo; classificar as HQs políticas como um gênero discursivo; categorizar a temática das HQs políticas em mídia exclusiva no Brasil entre 2019 e 2022; e caracterizar o perfil estético ou estilo das referidas publicações.

Para o alcance dos objetivos mencionados, utilizamos, primeiramente, a literatura voltada para um conceito de política ao longo da História, começando no período Clássico com teóricos como Aristóteles, quando propõe que a política engloba todas as ordens sociais e atividades humanas, passando pelo período Iluminista com Montesquieu (2000) e as leis positivas elaboradas pelo homem, e Rousseau (2010) com o Contrato Social. Na Modernidade, referenciamos Karl Marx (1989), com a ruptura no pensamento político influenciado pelo idealismo alemão e idealização de uma metodologia materialista de análise social. Na Contemporaneidade, abordamos as crises do capitalismo e a necessidade de novas táticas e estratégias que mirem o núcleo do sistema, chegando, por fim, ao contexto político brasileiro de uma democracia

inconsistente e constantemente ameaçada por dentro e por fora do sistema, amparados em Marilena Chauí.

No campo dos quadrinhos, partimos da cartografia proposta por Dutra e Debom (2021), que define algumas categorias dos quadrinhos não-ficcionais: biografia, autobiografia, relato pessoal, autoficção, documentário, palestra, divulgação científica, ensaio teórico, trabalho acadêmico, manifesto, manual de instruções, cartilha informativa, *carnet de voyage*, registro histórico, ficção histórica e relatório, para além do jornalismo em quadrinhos.

Em seguida, buscamos em Campos (2022) um breve histórico sobre a importância dos quadrinhos em oposição a discursos autoritários, dando voz a movimentos como os *comix underground* nos Estados Unidos. Observamos, na mesma referência, como, em tempos de crise, modelos inovadores despontam destes movimentos, como os *gekigas*, no Japão; a *Asterix* e a *Pilot*, na França; e, também, no Brasil, as publicações humorísticas, como *O Pasquim*, durante o regime militar.

Sobre o movimento subversivo dos quadrinhos no Brasil, resgatamos em Herman Lima (1963) a história dos primeiros caricaturistas do país, aos quais o autor denomina “caricaturistas verbais”, que satirizavam os colonizadores portugueses em nossas terras. Certeau (1998) reforça a antidisciplina a partir das táticas de consumo dos indivíduos. Na sequência, Almeida (2020) fundamenta as diferenças entre charge, cartum e caricatura nos moldes atuais.

Chegamos então a Mikhail Bakhtin (2015), com sua proposta de Gêneros do Discurso a partir dos seguintes elementos-chave: conteúdo temático, construção composicional e estilo, de onde partimos para um conceito preliminar de HQs políticas como um gênero discursivo. Por fim, nos baseamos no diagrama de categorias estéticas de Étienne Souriau (1933), limitando-nos às categorias do riso, para uma análise estética utilitária, metodologia de Silva (2010), que adverte, assim como o francês, a fluidez dos fenômenos estéticos, e a possibilidade de uso das categorias para outros produtos não-artísticos como peças publicitárias, conteúdos jornalísticos etc.

Nossa metodologia também sofreu pequenos ajustes desde o projeto inicial deste trabalho. Mantivemos a proposta original de uma pesquisa bibliográfica sobre política para fundamentarmos a definição de HQ política, assim como uma pesquisa bibliográfica sobre os Gêneros do Discurso de Bakhtin, para situarmos as HQs políticas como um gênero discursivo. O objetivo desta etapa é assegurar uma compreensão conceitual do objeto em análise.

Em seguida, realizamos um levantamento sobre todos os títulos de HQs publicadas no Brasil de temática política, no site Guia dos Quadrinhos, entre os anos de 2019 e 2023. Para localizar os títulos em questão, foi necessário modificar o método de busca, uma vez que o site não dispõe de uma categoria de “política” no filtro por editoria. Portanto, partimos para localizar essas referências por meio de palavras-chave que fossem relacionadas aos principais debates políticos no período em análise, foram elas: política, Brasil, covid, vacina, Bolsonaro; e, a partir deste primeiro filtro, realizamos a seleção por ano.

Na terceira fase, com um total de 255 títulos levantados, iniciamos a análise de um a um para identificarmos as características estabelecidas no conceito de HQ política em desenvolvimento neste trabalho. Alguns títulos não foram localizados, ou para venda ou para consulta em bibliotecas locais. Outros títulos correspondem a novas edições de histórias de anos anteriores ao recorte estabelecido nesta pesquisa: 2019 a 2023, portanto, dado o contexto em que foram elaborados, não se encaixariam em nossa proposta de análise sobre o período de crise política no Brasil. Ficamos, assim, excluindo os títulos repetidos que apareceram entre os filtros, com um total de 19 HQs políticas inéditas publicadas no Brasil naquele período.

A partir da fase anterior, analisamos o perfil estético das publicações para caracterizar o estilo de cada uma conforme estabelece Bakhtin sobre os gêneros discursivos e suas particularidades estilísticas. No diagrama de categorias estéticas de Étienne Souriau, selecionamos apenas seis dos 24 ramos existentes, ficamos com o que chamamos de quadrante do riso para examinar como cada HQ estimula o leitor por meio do humor. As categorias analisadas foram: o grotesco, o cômico, o irônico, o caricatural, o satírico, e o espiritual/humor. Cada categoria direcionou a análise para um entendimento específico sobre a imagem refletida da crise política e social à época.

Estrutura da tese

Os resultados alcançados pela pesquisa estão concretizados nesta tese em quatro capítulos. O primeiro capítulo visa uma definição sobre o conceito de política e um breve histórico da relação entre os quadrinhos e a política pelo mundo, por meio de um movimento contra-hegemônico em tempos de crise. Neste capítulo, demonstramos o potencial dos quadrinhos em oposição ao autoritarismo e como, historicamente, a nona arte caminha lado a lado com movimentos de esquerda. Apresentamos, também, neste capítulo, uma cartografia dos quadrinhos para situarmos as HQs políticas dentro de uma

classificação possível partindo de estudos recentes na proposição de uma divisão de categorias dentro da narrativa sequencial.

No segundo capítulo, recortamos a categoria de Jornalismo em Quadrinhos para nos aprofundarmos nas produções brasileiras de HQs políticas, sobretudo, as charges e caricaturas. Fazemos um breve resgate sobre o semanário *O Pasquim*, emblemático periódico de oposição ao regime militar no Brasil. Além disso, abordamos alguns casos de censuras contemporâneas aos quadrinhos e suas repercussões e, por fim, a produção de grandes reportagens investigativas nacionais em quadrinhos que vem ganhando força na última década.

Já no terceiro capítulo, fechamos o conceito de HQ política retomando as discussões dos capítulos anteriores e demonstrando como elas se enquadram na proposta de gêneros do discurso de Bakhtin, com seu conteúdo temático, construção composicional e estilo. Iniciamos, neste capítulo, a análise do corpus definindo quais HQs filtradas no levantamento são consideradas HQs políticas de acordo com o novo conceito desenvolvido.

Chegamos então, ao quarto e último capítulo, partindo do filtro do capítulo anterior para realizar uma análise estética das HQs políticas que tratam da crise política e social instaurada no Brasil entre 2019 e 2022, durante a gestão de Jair Bolsonaro à frente do Executivo Federal, em meio à pandemia da covid-19. Primeiramente, apresentamos o diagrama de categorias estéticas de Étienne Souriau, com enfoque nas categorias do quadrante do riso para, em seguida, analisamos como essas categorias definem o estilo das HQs políticas, uma vez que o conteúdo temático e a construção composicional foram analisados no terceiro capítulo.

Com este trabalho esperamos contribuir para os estudos dos quadrinhos e da comunicação política, avançando para um gênero discursivo estável em mídia exclusiva e de consumo relevante no país. Além disso, reforçar a importante contribuição das HQs políticas como ferramenta contra-hegemônica, e ampliar as possibilidades de análises e contemplação desses produtos a partir das categorias estéticas que tão bem contemplam as experiências sensíveis diante da arte, da publicidade, do jornalismo e dos quadrinhos como veremos adiante.

1. Política e ativismo nos quadrinhos

1.1. Definições de política: um breve panorama

No senso comum, o conceito de política é associado ao processo de governança de determinado Estado, prática que deveria pautar-se na organização e na promoção do bem comum de uma sociedade. Além disso, podemos dizer também que é política a organização da sociedade civil, a formação de partidos políticos, as disputas ideológicas na esfera pública, e os interesses de minorias econômicas para a manutenção do controle de superestruturas de poder.

O Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007) distingue o conceito de política em quatro eixos: a doutrina do direito e da moral; a teoria do Estado; a arte ou a ciência do governo; e o estudo dos comportamentos intersubjetivos. O quarto significado, de forma abrangente, identifica-se com o de sociologia. O conceito baseia-se, entre outras concepções, na proposta de que política é a ciência da sociedade humana.

No entanto, visando uma maior compreensão do que definimos como política neste trabalho, é necessário apresentarmos um breve resgate de conceitos e pensamentos que influenciam esta tese. De cada teoria, fundamentamos a pesquisa nas premissas que olham para o homem no convívio coletivo/social de cada autor.

1.1.1. Política Clássica

“O homem é por natureza um ser vivo político”, uma das principais premissas do tratado aristotélico *Política*, é também um dos pilares deste trabalho. Para Aristóteles (1998), cidade feliz é aquela em que seus indivíduos são felizes e a natureza do indivíduo humano somente é realizável por meio da comunidade social e política. Nesse contexto, a política visa o bem comum e, para tanto, todos devem ser livres e iguais. O que faz o indivíduo um cidadão é a função que ele ocupa na participação ativa da vida política, sendo comum a todos a tarefa de resguardar a segurança da comunidade. Nesse contexto, Henriques (1998) acrescenta que

As revoluções resultam do agravamento de incidentes mínimos. Entre as suas causas contam-se ressentimentos, insolência, medo, desprezo, intriga, ação de demagogos; mas todas estas causas, algo psicológicas, resultam da desigualdade de condições sociais e da parcialidade no

exercício da justiça por parte dos governantes (HENRIQUES, 1998, p.33).

Sobre justiça, unidade indispensável do Estado e princípio fundamental da vida política, Aristóteles aponta dois aspectos necessários: obediência às leis e critério de igualdade, observando a demanda de tratamento igual para os iguais e tratamento desigual para os desiguais, daí a necessidade do legislador de se aproximar da natureza sustentando uma cidade em que todo homem possa realizar.

A partir das desigualdades da época, “Aristóteles verifica que as imperfeições dos regimes resultam da falta de protagonismo dos cidadãos livres e iguais que deveriam constituir o grupo predominante na vida política” (HENRIQUES, 1998, p. 25). No entanto, Aristóteles não aponta o regime democrático, entre os demais, como o ideal, mas afirma que o melhor regime é o que permite a mais plena atualização da natureza humana.

Aristóteles aponta a virtude e a educação como requisitos essenciais para evitar a corrupção e garantir a estabilidade política, além de regular a propriedade comum de bens.

A propriedade comum dos bens é contrária ao amor próprio que irradia da individualidade para a propriedade privada. A regulamentação da propriedade deve permitir a cada um dispor de uma esfera de ação individual (1266b27) sendo a desregulamentação a causa da maior parte das revoluções. Este ponto tem consequências programáticas evidentes. As causas das revoluções não residem na existência de propriedade privada mas no apetite ilimitado (*pleonexia*) de riquezas, que deve ser ‘domesticado’ pela educação (1998, p.23)

Sintetizando o conceito de política na obra de Aristóteles, Henriques define que o objeto da filosofia política “engloba todas as ordens sociais e atividades humanas e os seus critérios servem para ler, avaliar e influenciar a vida em comunidade” (1998, p. 37)

1.1.2. Política da Razão

No Iluminismo, movimento intelectual que teve início na França entre os séculos XVII e XVIII, a concepção de política passa a privilegiar a razão, a ciência, a liberdade individual e o progresso social como ideais políticos, em contraposição ao absolutismo. O Dicionário de Filosofia introduz o termo como “Linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana” (Abbagnano, 2007, p.534).

Assim como Aristóteles, Montesquieu (2000) defende a vida em sociedade como lei da natureza humana. O filósofo francês faz um paralelo entre as leis invariáveis (da natureza) e as leis positivas (elaboradas pelo homem) inferindo que, assim como um mundo sem regras seria extinto, uma sociedade sem leis estaria igualmente fadada à destruição.

Mas falta muito para que o mundo inteligente seja tão bem governado quanto o mundo físico. Pois embora aquele também possua leis que, por natureza, são invariáveis, ele não obedece a elas com a mesma constância com a qual o mundo físico obedece às suas. A razão disto é que os seres particulares inteligentes são limitados por sua natureza e, portanto, sujeitos ao erro (2000, p.12)

Montesquieu chama atenção para as diferenças entre particulares e entre comunidades que começam a surgir com a vida em sociedade resultando em estados de guerra. Convém assim a elaboração de leis que possam antever, mediar e remediar as adversidades próprias dessa convivência, como a relação entre as nações, que Montesquieu chama de Direito das Gentes; a relação entre o Estado e o povo, o Direito Político; e a relação entre os cidadãos, que dá origem ao Direito Civil. E a gestão do direito é o próprio governo, sem o qual uma sociedade não poderia existir.

Além da distinção entre os conjuntos normativos, outra grande contribuição de Montesquieu para a ciência política é proposta da separação dos três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – como forma de evitar a concentração excessiva de poder nas mãos de um único indivíduo ou grupo, assegurando assim, a preservação dos direitos individuais.

Ao tratar ainda das liberdades filosófica e política, Montesquieu contribui com a tríade que, posteriormente, originaria o pensamento liberal: limitação do poder governamental, a importância da lei, e a proteção dos direitos individuais. O Liberalismo ganhou destaque durante o Iluminismo a partir de filósofos como Montesquieu, mas também John Locke, Voltaire e Adam Smith. A liberdade individual, a racionalidade política, o contrato social e o Estado de direito são considerados premissas essenciais para a evolução humana e o progresso social.

Rousseau traz para o período iluminista outro conceito fundamental que influencia as relações sociais e políticas da humanidade até os dias de hoje: o Contrato Social. Trata-se de um pacto social em que os cidadãos abrem mão de seus direitos individuais e delegam poder a uma autoridade depositária de sua confiança em troca de

proteção a todos. “Enfim, se cada um se entrega a todos, não se confia a ninguém, e como em todo o associado se adquire o mesmo direito que cada um cedeu, ganha-se o equivalente de quanto se perdeu e mais força para se conservar o que se possui” (ROUSSEAU, 2010, p. 28)

Não se trata de submeter-se ao poder irrestrito de um indivíduo, como no Absolutismo, mas de legitimar a vontade do todo por meio de representantes escolhidos pelo povo e comprometidos com suas necessidades.

Não é um acordo, entre o superior e o inferior, mas um pacto entre o todo e cada um dos seus membros: pacto legítimo, pois tem por base o contrato social; equitativo, por ser comum a todos; útil, porque só pode ter como finalidade o bem geral; e sólido, uma vez que tem por garantia a força pública e o poder supremo. (ROUSSEAU, 2010, p. 46)

O racionalismo desse período estabelece que é possível chegar a uma resposta universal por meio da razão, pois todos nascemos com as mesmas ideias. Em regra, esse é o pensamento que predomina na filosofia alemão durante o Iluminismo, no entanto, Kant e Hegel emergem como expoentes, cada um em seu tempo, com propostas idealistas. O idealismo alemão caracteriza-se por uma construção filosófica que começa na ideia e nela se encerra.

1.1.3. Política Moderna e a crítica ao capitalismo

Chegando à Modernidade, após o início da Revolução Industrial e durante o processo de formação do capitalismo, Karl Marx promove uma ruptura no pensamento político influenciado pelo idealismo alemão, de que o Estado é a ordem e a ordem é a razão, e funda uma metodologia materialista de análise social que finalmente aproxima a teoria da práxis política.

O filósofo alemão propõe um modelo de compreensão da sociedade que não é mais pautado por paradigmas metafísicos, idealistas ou teológicos e fundamenta que a sociedade é organizada por conflitos, portanto, não se pode pensá-la pelo viés da concórdia conservadora, fazendo-se necessário analisá-la em sua estrutura e possibilidades de transformação.

A leitura naturalista de mundo predominante no iluminismo passa a ser confrontada por uma proposta materialista (concreta), que contempla as questões sociais de sua época e dissectiona a sociedade a partir das relações sociais que tomam formas

específicas historicamente. Para Marx, os indivíduos são estruturados por formas sociais e a vontade de cada um é apenas residual na estrutura das relações sociais, ou seja, somos condicionados a determinados padrões de vida de acordo com o contexto em que nascemos: com ou sem capital, porque, no capitalismo, o valor de uso das coisas é substituído pelo valor de troca. Em suas palavras, "uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas" (1989a, p. 80-81).

Marx, em sua crítica ao capitalismo, aponta que o único sentido deste modo de produção é a acumulação, extraíndo mais valor em cima do que é produzido e reduzindo, assim, o trabalhador à condição de mercadoria.

O trabalhador se torna tão mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz só mercadorias; produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na proporção em que produz mercadorias em geral (MARX, 1989b, p. 148).

1.1.4. Política Contemporânea

Na contemporaneidade, a discussão sobre conceitos e fundamentos políticos não se exaure e o campo torna-se ainda mais vasto e dinâmico com o fenômeno da globalização, embora muitos conceitos e práticas vigentes remetam ainda às eras anteriores. O novo modelo de sociedade capitalista estabelecido na reconfiguração de fronteiras espaciais, políticas, econômicas do mundo globalizado geram novos conflitos e a emergência de novos paradigmas para solucionar os atenuantes da crise do capitalismo e esse é um percurso em constante construção.

Mascaro (2018) avalia o Direito como resultante da forma-mercadoria, uma vez que o sujeito explorado no capitalismo é explorado pelo direito e não mais por uma relação direta de subordinação como no escravismo e feudalismo. Em muitos dos casos, o patrão sequer conhece o trabalhador no chão de fábrica e a relação entre os dois é mediada pelo Direito. Tal situação posiciona o trabalhador na condição de sujeito *pelo* direito, em vez de sujeito *de* direito.

Decorre daí que forma do direito é, necessariamente, uma forma social capitalista, guardando a sorte de tal modo de produção, exploratória e tendo por sentido a acumulação. A partir do referencial pachukaniano, o direito não é instrumento emancipatório e não pode conduzir à superação da sociabilidade capitalista, dado que é uma forma social necessária e estruturante do próprio capitalismo como modo de produção. (MASCARO, 2018, p.53)

Para o autor brasileiro, em consonância com Marx, as crises do capital estão perpassadas, necessariamente, por instituições jurídicas. “O caráter jurídico molda a subjetividade capitalista de modo fulcral e necessário. A ideologia capitalista, assim, é ideologia jurídica” (2018, p.56).

A noção de crise política ou jurídica – exemplificada e vivida em países que vão da América Latina e seus atuais processos de impeachment até chegar às primaveras árabes e batendo, mesmo, nos EUA – costuma ser lida como crise moral, das instituições ou mesmo civilizacional, mas, quase nunca, como crise do capitalismo como modo de produção. Quando, raramente, o diagnóstico teórico alcança este objeto, permanece refém dos horizontes ideológicos que o produziram. Tal qual não se pode sair do poço puxando-se os cabelos, também não se pode ler a crise capitalista por meio dos próprios termos teóricos que fundam sua reprodução (MASCARO, 2018, p. 48)

Justiça social e Multiculturalismo são conceitos contemporâneos essenciais para compreender a crítica de Mascaro ao modo de superação do capitalismo empreendido por teóricos e ativistas da contemporaneidade. Mascaro diverge de posições de esquerda que, mesmo articulando jargões marxistas, são reiteradamente reformistas e de desenvolvimentistas das relações capitalistas. Para o jurista, o louvor à democracia, aos direitos humanos e ao respeito às instituições equiparam diversos setores da esquerda latino-americana àqueles que se intitularam “terceira via”. Ele defende que a superação do capitalismo jamais se dará por meio dos termos sociais já arraigados.

Entre as estruturas da sociabilidade que sustentam o domínio do capitalismo, Mascaro aponta a democracia e seus máximos morais (vontade da maioria, eventual respeito à minoria, competências estabelecidas previamente por norma jurídica, pluralismo, abominação a ditaduras etc.) como “armadilhas” que escapam à teoria crítica e às ações contestadoras, uma vez que “o capital pode penetrar numa espécie de naturalização e de controle constituinte das subjetividades” (2018, p. 64) por meio de velhos sistemas de ideologização como família, escola e meios de comunicação de massa.

Eventos como os impeachments dos últimos anos na América Latina mostram que a democracia é modulada de acordo com interesses muito diretos e imediatos da política e das classes capitalistas. Poderes judiciários, meios de comunicação de massa, forças militares, todo esse complexo atua dentro do campo democrático exatamente para constituir uma dinâmica que se possa chamar de típica, excluindo formas populares e anticapitalistas de poder popular. (MASCARO, 2018, p. 63)

1.1.5. Contexto político e democrático brasileiro

Inconsistências no modelo democrático brasileiro também são apontadas por Marilena Chauí. “A sociedade democrática não existe no Brasil”, afirmou a filósofa brasileira, em entrevista ao jornalista Leandro Demori em 5 de novembro de 2024¹. Para a filósofa, a condição para uma política e um Estado democráticos é uma sociedade democrática, que não se sustenta com o autoritarismo, a violência e a discriminação arraigados na sociedade brasileira.

De modo conceitual, Chauí (2014) parte de três aspectos distintos para discutir o tema Democracia: sociológico, filosófico e histórico. No campo da sociologia, a democracia é essencialmente o processo dinâmico em que os cidadãos elegem seus governantes por meio do voto. Esse sistema baseia-se na alternância do exercício de poder e essa estrutura encontra sua base na economia e nas relações de mercado. A democracia, sob uma perspectiva filosófica, deve ser debatida necessariamente a partir de uma reflexão sobre um governo pautado em uma justiça comum a todos e numa sociedade ideal. Ela aponta pensadores como Aristóteles e Marx, citados acima, como exemplos de filósofos que discutem o tema a partir desse paradigma, abordando questões como igualdade, desigualdade, trabalho etc, e aponta, para mais, a ausência desse debate nos dias de hoje. Por fim, Chauí propõe a democracia como uma questão histórica, defendendo que a sociedade acontece com o tempo.

O ideal de uma sociedade democrática atravessada por uma democracia histórica é sintetizado no pensamento de Chauí em diversas obras que incluem publicações e palestras.

(...) a democracia é a única sociedade e o único regime político que considera o conflito legítimo. O conflito não é obstáculo; é a constituição mesma do processo democrático (...) Na sociedade

¹ Link da entrevista de Marilena Chauí na TV Brasil:
https://www.youtube.com/watch?v=qLiBXRg4JAw&ab_channel=TVBrasil

democrática, indivíduos e grupos organizam-se em associações, movimentos sociais e populares, classes se organizam em sindicatos e partidos, criando um poder social que, direta ou indiretamente, limita o poder do Estado. Por todos esses elementos que a constituem, a democracia é a sociedade verdadeiramente histórica, isto é, aberta ao tempo, ao possível, às transformações e ao novo. (CHAUÍ, 2012, p. 152)

Chauí (2012) aponta algumas dificuldades para a democracia no Brasil. Entre elas, o mito da não violência e o autoritarismo social, em que as relações sociais e intersubjetivas se dão entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. Para a autora, a imagem de um povo generoso, alegre, solidário, que respeita as diferenças étnicas, religiosas e políticas, e orgulhoso das diferenças regionais é um mito poderoso e avalia que o mito “substitui a realidade pela crença na realidade narrada por ele e torna invisível a realidade existente” (CHAUÍ, 2012, p. 155).

De fato, o que se viu, na última década, foi uma maior exibição de intolerância entre os brasileiros, especialmente no ambiente digital. Em 2022, mais de 74 mil denúncias de crimes envolvendo discurso de ódio pela internet foram encaminhadas para a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da Safernet², organização de defesa dos direitos humanos em ambiente virtual, o maior número desde 2017. Nestes cinco anos, a apologia a crimes contra a vida é o crime que mais aparece, com 76,1 mil ocorrências, seguido da misoginia, com 74,3 mil registros. Neste período, as denúncias também apontam excessivos casos de racismo, neonazismo, LGBTfobia, xenofobia e intolerância religiosa. Os dados estão disponíveis no Observatório Nacional dos Direitos Humanos (ObservaDH) gerido pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

Para Chauí, a mitologia e os procedimentos ideológicos fazem com que esse tipo de violência não seja percebido. Assim, o genocídio da população negra e periférica, o feminicídio, a transfobia, entre tantos outros crimes de ódio que emergem sem pudor no Brasil, perpetuam-se em nossa sociedade dividindo-nos entre os que gozam da democracia e os que a conhecem como um mito.

Para compreender os eventos que ameaçam a democracia brasileira pautados em uma narrativa neoliberal, como o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, Chauí pontua também a necessidade de se analisar a relação entre democracia e comunicação. Em palestra realizada no acampamento Lula Livre, em 2018, ela destaca a

² Matéria sobre denúncias de crimes de ódio no ambiente digital: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/incitacao-a-violencia-contr-a-vida-na-internet-lidera-violacoes-de-direitos-humanos-com-mais-de-76-mil-casos-em-cinco-anos-aponta-observadh>

verticalização hierárquica da sociedade brasileira que nega direitos e sedimentam a desigualdade, e tem como consequência direta o bloqueio da população ao direito à informação, um direito democrático fundamental sem o qual a participação social, política e cultural é impossível.

Como observa Christopher Lash, em *A Cultura do Narcisismo*, os mass media tornaram irrelevantes as categorias da verdade e da falsidade, substituindo-as pelas noções de credibilidade ou plausibilidade e confiabilidade – para que algo seja aceito como real basta que apareça como crível ou plausível, ou como oferecido por alguém confiável. Os fatos cederam lugar a declarações de “personalidades autorizadas”, que não transmitem informações, mas preferências, e estas se convertem imediatamente em propaganda. Qual a base de apoio da credibilidade e da confiabilidade? A personalidade cuja vida privada se torna suporte e garantia da ordem pública. (CHAUÍ, 2018)

Essa verticalização da comunicação está presente também na suposta horizontalização do ambiente digital, onde a linha entre fato, versão e notícia falsa se torna difusa. A oferta abundante de narrativas e a crescente falta de acesso à informação, que já limitava o exercício pleno da cidadania, se agravam com o consumo desenfreado e muitas vezes desinformado de conteúdos falsos.

Com a pluralidade de discursos competindo por adesão na esfera pública e a forte presença de artistas, líderes religiosos, influenciadores e personalidades midiáticas brasileiras, que frequentemente atuam na política com interesses distantes do bem comum e da manutenção de um Estado democrático de direito, a disputa narrativa torna-se desigual, mesmo sob o manto da democratização da informação no ciberespaço. Nesse cenário, a democracia segue ameaçada pelo controle da informação pelos mesmos grupos que sempre estiveram por trás da agenda da grande mídia.

Encerramos este tópico, portanto, propondo como temática das HQs políticas algumas palavras-chave que extraímos da compreensão sobre os conceitos de política construídos ao longo da história para nortear a classificação, enfatizando tratar-se apenas de um rol exemplificativo. São elas: povo, poder, bem comum, absolutismo, democracia, coletividade, comunidade, ativismo, participação, igualdade, desigualdade, justiça, liberdade, leis, governo, governante, Estado, riqueza, escassez, propriedade, virtude, corrupção, ética, razão, modo de produção, formas sociais, luta de classes, trabalho, capitalismo, anticapitalismo, sujeito, direito, justiça social, representatividade, multiculturalismo, agenda, informação e *fake News*.

1.2. Mapeando os quadrinhos

É neste sentido que pretendemos analisar a produção de HQs políticas no Brasil, enveredando por temas ligados ao poder do Estado, às relações político-partidárias que permeiam os três poderes da República e definem as políticas públicas, às questões sociais diretamente impactadas pelas decisões políticas, pela inegável crise do modo de produção capitalista e pela instabilidade que se impõe à democracia brasileira.

Assim, consideramos que as HQs políticas, no geral, tratam de narrativas gráficas sequenciais, ficcionais ou não-ficcionais, que abordam temas relacionados à política em seu conceito mais amplo. Por tratar de questões sensíveis à opinião pública e aos interesses de personalidades e autoridades públicas, o conteúdo dessas publicações ganha relevância e suscita o debate social. Segundo Paim (2020), graças à seriedade dos temas tratados, essas HQs recebem destaque crescente também em trabalhos acadêmicos de diversas áreas de pesquisa.

Dutra e Debon (2021) propõe uma cartografia dos quadrinhos que nos ajuda a definir melhor também o objeto em questão. O autor parte de dois campos macro: os quadrinhos não-ficcionais e o jornalismo em quadrinhos. Os gêneros atribuídos aos quadrinhos não-ficcionais são: biografia, autobiografia, relato pessoal, autoficção, documentário, palestra, divulgação científica, ensaio teórico, trabalho acadêmico, manifesto, manual de instruções, cartilha informativa, *carnet de voyage*, registro histórico, ficção histórica e relatório.

Biografias em quadrinhos contam a história da vida de uma pessoa, seja ela uma figura pública ou não, por meio dos quadrinhos. Elas combinam elementos de narrativa visual e textual para retratar eventos significativos ou características relevantes de alguém. Exemplos populares e recentes de biografias em quadrinhos incluem *Grana de Keum Suk Gendry-Kim*, publicada pela Pipoca & Nanquim em 2020, que conta a história da sul-coreana Ok-sun Lee, mulher que sofreu como escrava sexual do exército japonês durante a Segunda Guerra Mundial.

Figura 1_ Trecho de *Gramá*: autora entrevista Vovó



Fonte: Gendry-Kim (2020)

As autobiografias seguem o mesmo padrão de personagens, no entanto, narradas por eles próprios, como em *Persepolis* de Marjane Satrapi, publicada pela Cia das Letras em 2004, que narra a vida da autora, durante sua infância e adolescência, em meio à Revolução Iraniana. Já o relato pessoal distingue-se da autobiografia por sua envergadura. Para Dutra (2021), enquanto a autobiografia trata da existência de alguém, o relato pessoal abrange apenas um período ou fato específico.

A autoficção transita, segundo o autor, por regiões brandas entre realidade e ficção. Ele exemplifica este gênero com o assalto violento que sofreu Paul Dini, roteirista da série Batman, e que influenciou a HQ *Noite de trevas: uma história real do Batman* de Paulo Dini e Eduardo Rizzo, lançada nos anos 90 pela DC (Vertigo).

Os gêneros documentário e palestra apenas se desenvolvem em narrativas não-ficcionais. As HQs documentário seguem padrão semelhante ao da categoria audiovisual, muitas, inclusive, são uma adaptação de obras cinematográficas. Do mesmo modo, as palestras em quadrinhos seguem o modelo discursivo das palestras tradicionais e tratam da apresentação propriamente dita de um conteúdo. Scott McCloud (2005) faz isso em seu livro *Desvendando os Quadrinhos*, no primeiro capítulo, em que ele aparece apresentando uma palestra como recurso retórico e desenvolve o conteúdo a partir dali.

Figura 2_Página do livro Desvendando os Quadrinhos



Fonte: McCloud (2005)

O mesmo livro pode ser um modelo de ensaio teórico. McCloud defende, nesta obra, que os quadrinhos são uma linguagem estruturada, um modo discursivo, portanto, podem ser utilizados para dizer ou mostrar qualquer coisa. E é isso que ele faz neste livro: defende essa proposição em um ensaio teórico por meio dos quadrinhos.

O gênero divulgação científica pode dar origem a uma obra inédita ou pode surgir a partir de uma adaptação de outras obras, como a HQ *Sapiens*, baseada no best-seller internacional *Sapiens: uma breve história da humanidade*. A HQ foi adaptada pelo próprio autor, Yuval Noah Harari, que contou com a assistência do co-roteirista David Vandermeulen e do ilustrador Daniel Casanave.

As cartilhas informativas são comumente utilizadas no Brasil, sobretudo por órgãos públicos, para massificar campanhas e tornar determinados conhecimentos mais acessíveis. Parcerias com HQs e personagens notáveis da cultura brasileira são a chave do sucesso destes conteúdos.

Figura 3_Capa da Cartilha da Editora Globo sobre o Fome Zero



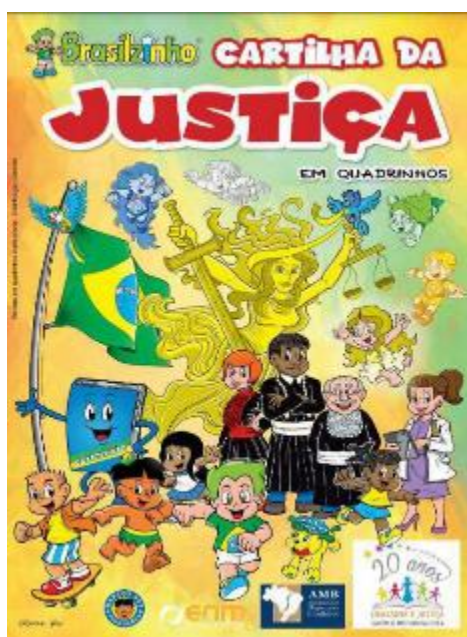
Fonte: Editora Globo (2005)

Figura 4_Capa da Cartilha da Turma da Mônica sobre o ECA



Fonte: Sousa (2008)

Figura 5_Cartilha da Justiça, parceria entre o MJSP e o Instituto Maurício de Sousa



Fonte: Vaz (2019)

Registro histórico remete principalmente a ilustrações antigas que retratam eventos ou costumes de um povo, como as pinturas rupestres. Já a ficção histórica insere elementos ficcionais em um contexto histórico real. A parte histórica costuma ser bem fundamentada e o eixo ficcional confere fôlego para a narrativa.

E os gêneros dos quadrinhos de não-ficção vão ainda mais longe, com trabalhos acadêmicos, como teses reproduzidas em quadrinhos; manifestos, como a adaptação do

Manifesto Comunista em quadrinhos por Martin Rowson, publicada pela editora Veneta; manuais de instruções, como as instruções de segurança em aviões e guias de montagens de móveis; e relatórios, como a versão quadrinizada do *Relatório Final da Comissão Nacional dos Ataques Terroristas nos Estados Unidos* em 11 de setembro de 2001, que inclui reconstituição dos fatos, mapas, entre outros recursos.

Figura 6_Capa da adaptação para HQ do Manifesto Comunista



Fonte: Rowson (2018)

Por fim, os *carnet de Voyage* são *sketchbooks* de viagem em que o viajante registra relatos em quadrinhos, desenhos e colagens durante sua expedição. Dutra (2021) cita a *Comics Trips*, de Peter Kuper, que registra a viagem de oito meses do autor e sua esposa pela África e Sudeste Asiático.

Já o jornalismo em quadrinhos é classificado por Dutra em três grupos com base na mídia e/ou suporte utilizado, que são: mídia tradicional, mídia não-jornalística e mídia exclusiva.

Na mídia tradicional, o recurso das tiras e das charges, por exemplo, já são conhecidos há bastante tempo e sua contribuição com a narrativa jornalística é incontestável. São as ilustrações que aparecem nos jornais tratando de atualidades e geralmente

carregam o atributo do humor. Marques de Melo (2003) introduz charges e caricaturas como gênero opinativo no jornalismo, destacando que:

O universo opinativo do jornal e da revista não se limita ao texto, mas incorpora igualmente a imagem. O uso da imagem como instrumento de opinião atende, muitas vezes, o imperativo de influenciar um público maior que aquele dedicado à leitura atenta dos gêneros opinativos convencionais: editorial, artigo, crônica etc (2003, p. 166)

Dutra e Debom (2021) também segmentam alguns gêneros de narrativas quadrinistas publicados especialmente em mídia tradicional, que se relacionam diretamente com os gêneros jornalísticos. São eles: ilustração sequencial, infográfico sequencial, reconstituição de fatos, reportagem, entrevista, matéria coordenada, crônica, coluna regular, caderno especial todo em quadrinhos e edição especial toda em quadrinhos.

Já a mídia não-jornalística pode ser exemplificada por panfletos e, especialmente, por publicações independentes. Mais recentemente, essa categoria aparece com frequência em publicações online com seu elevado alcance e baixo custo.

Neste trabalho, entretanto, nos propomos a analisar as HQs políticas em mídia exclusiva, podendo a narrativa ser jornalística; não-ficcional ou mesmo ficcional. Os quadrinhos de mídia exclusiva são aqueles tradicionalmente chamados de revistas em quadrinhoS, as HQs, *graphic novels* e mangás, em que as histórias são contadas integralmente em arte sequencial, não mais como ilustração isolada em meio a narrativas jornalísticas. As HQs são revistas seriadas, que podem ser encontradas em volumes individuais ou compiladas, muito conhecidas pelas histórias ficcionais de super-heróis. Já as *graphic novels* são narrativas mais longas e completas, podendo ser ficcionais ou não-ficcionais, a exemplo da premiada *Maus* de Art Spiegelman, publicada no início dos anos 90, que retrata a história do pai do autor, sobrevivente do Holocausto. E os mangás são as revistas em quadrinhos japonesas, lidas da direita para a esquerda, geralmente seriadas, e abrangem diversos gêneros e públicos-alvo, inclusive no Brasil. Nesta proposta de conceito de HQ política, consideramos os três formatos: HQ, *graphic novel* e mangá.

Correa (2022) destaca o contraponto entre jornalismo tradicional e jornalismo em quadrinhos que, se utilizando de elementos do Jornalismo Literário, impulsiona um modelo de comunicação mais atraente para comunidades afetivas dentro de uma cultura de sentimento, “trazendo força dramática ao que antes soava frio e distanciado” (2022, p. 319). O autor cita Maffesoli para defender a importância desta narrativa.

Na visão de Maffesoli, “o racionalismo (ratio) não consegue mais compreender a realidade e seus aspectos sensíveis, simbólicos, densos. Maffesoli proclama uma crítica enfática à racionalidade moderna delineada pela classificação, pelo corte, pela análise, pelo fracionamento da realidade e deste modo incapaz de apreender e compreender a vida em seus aspectos mais complexos e plurais” (CORREA, 2022, p. 320)

Em outras ocasiões, o jornalismo em quadrinhos também ganha relevância, como já demonstrou Joe Sacco, jornalista e quadrinista, em sua eminente obra sobre conflitos internacionais: *Palestina*. Lançada, originalmente, em 1993, pela editora norte-americana Fantagraphics, é considerada um marco no jornalismo em quadrinhos, a partir da qual o emprego da linguagem dos quadrinhos foi alargado e ganhou maior aceitação entre os profissionais de imprensa, graças à consistência do trabalho jornalístico na obra.

Suas obras são conhecidas não apenas pelo rigor jornalístico, mas por seu detalhamento visual e, especialmente, pela abordagem de questões sociais e políticas complexas, como conflitos armados, injustiças sociais e desigualdades. Ele se dedica a dar voz aos marginalizados de forma humanizada, oferecendo uma perspectiva mais profunda e empática sobre suas pautas. Com uma linguagem envolvente e acessível, Sacco ajuda a levar histórias importantes para um público mais amplo.

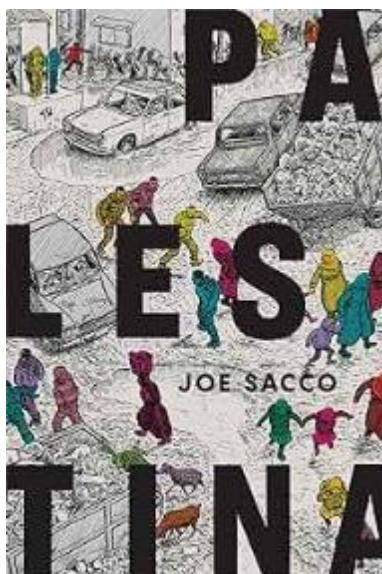
Miani e Santos (2021) sustentam que a abordagem de “temas sérios” nos quadrinhos e a intersecção entre as notícias e a narrativa gráfica fizeram de Sacco o precursor e um dos principais representantes do jornalismo em quadrinhos no mundo, e recorrem a Eisner (2005) para defender que essa abordagem pode ser classificada como um processo de amadurecimento das histórias em quadrinhos enquanto meio, o que também resulta na expansão do mercado editorial.

Até onde os quadrinhos podem ir quando abordam "temas sérios" ainda é um desafio. Felizmente, o grande aumento do número de artistas e escritores que migraram para os quadrinhos serve de testemunho potencial dessa mídia. E tenho convicção de que o conteúdo das histórias será o propulsor do futuro das revistas em quadrinhos. (EISNER apud MIANI; SANTOS, 2021, p. 6)

Sobre as obras de Joe Sacco lançadas no Brasil, temos *Palestina: Uma Nação Ocupada* (Conrad, 2000) e a edição de 2023 da editora Veneta: *Palestina* (figura 7); *Área de Segurança Gorazde: a guerra na Bósnia Oriental 92-95* (Conrad, 2001); *Palestina na Faixa de Gaza* (Conrad, 2003); *Uma história de Sarajevo* (Conrad, 2005); *Derrotista*

(Conrad, 2006); *Notas sobre Gaza* (Quadrinhos na Cia, 2010); *12 de setembro: a América depois* (Galera, 2011), em coautoria com Plantu, Miles Hyman, Jerome Charyn e Spiegelman; e a mais recente, *Reportagens* (figura 8); considerado um dos trabalhos mais maduros do autor, que reúne narrativas publicadas em veículos como *New York Times Magazine* e *Boston Globe*.

Figura 7_Capa da HQ Palestina



Fonte: Sacco (2021)

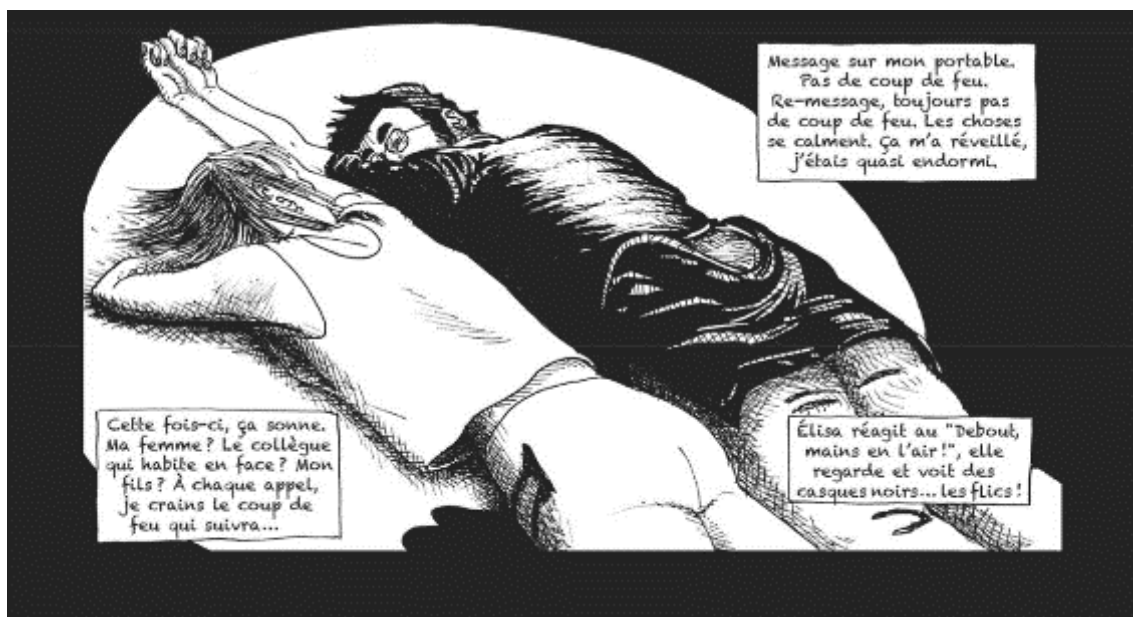
Figura 8_Capa da HQ Reportagens



Fonte: Sacco (2016)

As HQs de Sacco ajudam a contar histórias de lugares onde as câmeras não puderam chegar, assim como a HQ *Mon Bataclan*, que retrata um evento contemporâneo não fotografado por dificuldades situacionais e que foi registrado posteriormente em quadrinhos: o ataque terrorista que resultou em 80 mortes na casa de shows Bataclan, em Paris, em novembro de 2015. O massacre fez parte de uma série de atentados do Estado Islâmico ocorridos naquele dia 13 de novembro, em Paris e Saint-Denis, na França. Na ocasião, mais de 130 pessoas morreram e mais de 350 ficaram feridas.

O terror daquela noite foi narrado e reproduzido por uma das testemunhas, o artista gráfico de pseudônimo Fred Dewild, que, coberto de sangue, fingiu-se de morto ao lado de uma desconhecida para sobreviver, como descreve na HQ publicada, em Paris, no ano seguinte ao ataque. Até o momento, não temos publicação da obra no Brasil.

Figura 9_Trecho da HQ *Mon Bataclan*

Fonte: Dewild (2016)³

1.3. Quadrinhos no front

Importância indiscutível dos quadrinhos, o suporte a discursos contra-hegemônicos, está enraizado na história das HQs. Em todos os hemisférios do planeta, a arte sequencial deu voz a movimentos subversivos em momentos históricos da humanidade. Foi assim com os *comix underground*, nos Estados Unidos, na década de 1950; com os *gekigas*, no Japão, entre as décadas de 1950 e 1960; com *Asterix* e a *Pilot*, na França, em 1968; e também no Brasil, com Ziraldo, Laerte, Henfil e tantos outros, durante o regime militar.

Campos (2022) faz um resgate histórico desse envolvimento de quadrinistas com movimentos underground pelo mundo. Ele conta como os quadrinhos tornaram-se importantes publicações da esquerda radical na França, no Maio de 68; o sucesso que se tornou a *Pif Gadget*, revista em quadrinhos infantojuvenil do Partido Comunista Francês em 1969; e, ainda, o fenômeno *Asterix*, *Blueberry*, e as séries *Valérian* e *Lucky Luke*, que tornaram-se estrelas da principal revista francesa de quadrinhos à época, a *Pilote*.

³ Tradução nossa: Quadro 1: mensagem no meu celular. nenhum tiro. nova mensagem, ainda sem tiro. as coisas se acalmam. Isso me acordou, eu estava quase dormindo. Tradução Quadro 2: desta vez ele toca. minha esposa? o colega que mora em frente? meu filho? com cada apelo, temo o tiro que se seguirá. Tradução Quadro 3: Élisabeth reage ao "Levante-se, mãos para o ar!", ela olha e vê capacetes pretos... os policiais!

No Maio de 68, auge do importante movimento social francês liderado por estudantes com a adesão dos trabalhadores e intelectuais franceses e cujos impactos políticos repercutiram em movimentos similares pelo mundo, a *Pilote* vivia seus tempos áureos, fazendo grande sucesso entre os jovens. Na redação, grandes nomes dos quadrinhos como Moebius, Mézières e Nikita Mandryka, também lideraram uma greve na revista, ocupando a sede por alguns dias contra o patronato e exigindo maior liberdade editorial. O movimento grevista na *Pilote* durou pouco, mas impactou o futuro da revista, que, apesar de ter amadurecido suas políticas após os protestos, viu seus principais nomes abandonarem o periódico pouco a pouco.

Na efervescência do underground, cresce também a segunda onda do movimento feminista francês e, com ele, despontam dois dos maiores nomes femininos dos quadrinhos naquele país: Claire Bretécher, a primeira mulher a publicar quadrinhos adultos na França, em 1969, na revista *Pilote*, e Chantal Montellier, uma das personagens mais ativas da cena dos quadrinhos franceses, sendo uma defensora fervorosa da participação feminina na indústria dos quadrinhos franco-belgas, segundo Nogueira (2018).

A autora não se seduz pelas tentações do mercado, não pretende mudar seu estilo e prefere publicar em pequenas editoras nas quais sua liberdade criativa não é ameaçada pela censura editorial. Se a autora não alcançou o sucesso popular de Bretécher, conquistou reconhecimento como produtora de quadrinhos cuja narrativa se propõe a despertar no leitor uma reflexão profunda acerca das mazelas sociais e despertar seu criticismo. Montellier usa arte como um instrumento de luta, como forma de se posicionar politicamente. Se Claire Bretécher debocha e tira a máscara da burguesia, Chantal Montellier denuncia os males da sociedade capitalista, a destruição do meio ambiente, a exploração, a censura e a miséria. (NOGUEIRA, 2018, p. 12)

A descrição de Nogueira sobre as denúncias e os temas tratados por Chantal nos remete ao conceito de HQ política aqui proposto. Chantal é uma militante feminista de longa data e é responsável pelo Prêmio Artémisia, criado em 2008, com objetivo de promover a produção feminina nos quadrinhos. Nogueira (2023) aponta que a motivação do prêmio veio do que Chantal e seus pares consideram um descaso por parte do Festival Internacional de Quadrinhos de Angoulême, que concedeu o Grande Prêmio a apenas três mulheres: Claire Bretécher (1983), Florence Cestac (2009), e Rumiko Takahashi (2019), em seus quase 50 anos de existência.

No Japão, também na década de 60, os estudantes lideravam movimentos grevistas, principalmente contra políticas de governo para a educação e contra o apoio do país aos Estados Unidos na Guerra do Vietnã. Em meio aos protestos, o governo japonês atribuiu a rebeldia dos jovens aos *gekigas*, quadrinhos realistas que falavam de crimes, injustiça social, sexo e outros temas adultos.

Os *gekigas* surgiram no Japão bem antes do movimento de 68 em contraponto aos tradicionais mangás, que eram associados a um público mais jovem. Os *gekigas* aparecem com traços mais realistas, em comparação aos mangás, e abordam temas mais sérios, políticos e de questões sociais, o que justificava seu sucesso restrito aos jovens filhos de proletários no primeiro momento.

Gekigas eram mais que HQs, era um movimento de quadrinistas aliados às pautas de esquerda. Entre os nomes que mais se destacaram no início do movimento estão Yoshihiro Tatsumi, criador do termo e um dos mais influentes criadores da época; Katsuichi Nagai, criador da *Garo*, editora que resistiu à fase de decadência dos *gekigas* que começaram a ser absorvidos pelas grandes editoras; Sanpei Shirato, um dos influenciadores e financiadores da *Garo*; Yoshiharo Tsuge; e Go Fujio, que adaptou o romance *Kanikosen: o navio dos homens*, sobre a exploração de trabalhadores japoneses em navios pesqueiros, publicado no Brasil pela Veneta em 2021 (figura 10). A *Garo* dava aos quadrinistas total liberdade de criação e se tornou uma grande influência para as gerações futuras de leitores e criadores de HQs.

Figura 10_Capa da HQ Kanikosen



Fonte: Fujio; Kobayashi (2021)

Com o tempo, os *gekigas* conquistaram os jovens em geral e, já no início da década de 60, as principais editoras japonesas publicavam autores e temáticas dos *gekigas* em seus periódicos. Campos conta que os *gekigas* surgiram na década de 50, na mesma época em que o *Comics Code* passou a censurar os quadrinhos nos Estados Unidos, apesar de não apontar influência norte-americana nas publicações japonesas.

A trajetória dos *gekigas* e quadrinhos autorais japoneses em seu período heroico parece acompanhar a da Zenkakuren, a radical liga estudantil japonesa. A ligação é direta em vários momentos: além de vários quadrinhos retratarem com contundência as injustiças sociais, diversos autores da Garo e dos *gekigas* colaboraram com publicações da Zenkakuren, dos sindicatos operários e da esquerda radical. Também nos Estados Unidos houve uma forte ligação dos *comix underground* com a *Students for a Democratic Society (SDS)*, a federação estudantil norte-americana (...) Vários quadrinistas *underground* (entre eles, Skip Williamson, Rory Hayes e Art Spiegelman) colaboraram com o *Conspiracy Capers*, um gibi para ajudar a pagar as contas da defesa dos Sete de Chicago. (CAMPOS, 2022, p.97)

Pouco antes, em 1954, era instituído, nos Estados Unidos, pela *Comics Magazine Association of America (CMAA)* – Associação Americana de Revistas em Quadrinhos, em português – o *Comics Code*, ou código de ética dos quadrinhos, que estabelecia restrições às publicações ilustradas. O arbitrário código de restrições asseverava que:

- Os crimes nunca serão apresentados de forma a criar simpatia pelo criminoso, a promover a desconfiança nas forças da lei e da justiça, ou a inspirar outros com o desejo de imitar os criminosos.
- Cenas de violência excessiva serão proibidas. Cenas de tortura brutal, uso excessivo e desnecessário de facas e armas de fogo, agonia física e crimes sangrentos e horríveis serão eliminados.
- Os criminosos não devem ser apresentados de forma a serem glamurosos ou a ocupar uma posição que crie um desejo de emulação.
- Policiais, juízes, funcionários governamentais e instituições respeitadas nunca deverão ser apresentados de forma a criar desrespeito à autoridade estabelecida.
- Todas as cenas de horror, derramamento de sangue excessivo, crimes sangrentos ou horríveis, depravação, luxúria, sadismo, masoquismo não serão permitidas.
- Nenhuma revista de quadrinhos deverá usar as palavras “horror” ou “terror” em seu título.
- Todas as ilustrações sinistras, desagradáveis e horríveis serão eliminadas.

- A inclusão de histórias que tratam do mal deverá ser usada ou publicada apenas quando a intenção for ilustrar uma questão moral e em nenhum caso o mal deverá ser apresentado de forma atraente, nem de modo a ferir a sensibilidade do leitor.
- Em todos os casos, o bem triunfará sobre o mal e o criminoso será punido pelos seus erros.
- Se o crime for retratado, será como uma atividade sórdida e desagradável.
- Cenas ou instrumentos associados a mortos-vivos, tortura, vampiros e vampirismo, carnicais, canibalismo e lobisomem são proibidos.
- Palavrões, obscenidades, vulgaridades ou palavras ou símbolos que tenham adquirido significados indesejáveis são proibidos.
- As fêmeas devem ser desenhadas de forma realista, sem exagero de quaisquer qualidades físicas.
- Ilustrações sugestivas e obscenas ou posturas sugestivas são inaceitáveis.
- Não será permitida nudez com finalidade mesquinha e posturas lascivas na publicidade de qualquer produto; figuras vestidas nunca deverão ser apresentadas de forma ofensiva ou contrária ao bom gosto ou à moral.
- A nudez sob qualquer forma é proibida, assim como a exposição indecente ou indevida.
- As relações sexuais ilícitas não devem ser sugeridas nem retratadas. Cenas de estupro, bem como anormalidades sexuais, são inaceitáveis.
- A perversão sexual ou qualquer inferência sobre a mesma é estritamente proibida.
- A sedução e o estupro nunca serão mostrados ou sugeridos.

Assim, surgem os *comix underground*, um movimento de quadrinhos alternativos entre 1960 e 1970, nos Estados Unidos, como uma resposta ao *Comix Code*. Assim como os *gekigas*, os quadrinhos associados ao movimento norte-americano abordavam temas considerados tabus na época, como sexo, drogas, política, e criticavam abertamente a cultura dominante. Os *comix underground* também contaram com grandes nomes dos quadrinhos, como Robert Crumb, Art Spiegelman, Gilbert Shelton e Spain Rodriguez, que trabalhavam fora do sistema editorial tradicional, distribuindo seus quadrinhos de forma independente ou por meio de pequenas editoras alternativas. O movimento logo se aliou à SDS (Estudantes por uma Sociedade Democrática, em português), uma das principais vozes do movimento estudantil na década de 60 e cujo público-alvo e as causas como o anti-imperialismo, a luta pelos direitos civis e a oposição

à Guerra do Vietnã estavam alinhados com os *comix underground*. No entanto, Campos destaca que foi a partir da Revista *Mad* (1952-1956) que muitos jovens e desenhistas começaram a caminhar juntos.

‘Minha jornada como radical começou com a revista Mad’, diz Tom Hayden, o mais célebre líder da SDS (e um dos Sete de Chicago). ‘A distância entre a Mad e o Movimento pelos Direitos Cívicos e a Nova Esquerda é bem menor do que se pensa’, diz Paul Buhle, ex-dirigente da SDS e hoje um dos principais historiadores da *New Left*. (CAMPOS, 2022, p. 97)

O *Comics Code* vigorou até 2011 nos Estados Unidos, mas perdeu importância ainda em 1971, quando o Departamento de Saúde do governo norte-americano encomendou uma história para o quadrinista Stan Lee sobre abuso de drogas. A revista *Amazing Spider-Man* #96 a #98 (lançada em 1971) não foi aprovada pelo código, mas Stan Lee e a Marvel seguiram com a publicação que foi um sucesso mesmo sem o selo e marcou o fim da influência daquele instrumento regulador na edição de HQs.

Os quadrinhos foram, oficialmente, o instrumento de resistência dos *comix underground* contra o autoritarismo. O próprio Spain Rodriguez pensava seus quadrinhos como arsenal de guerra contra o reacionarismo: “é algo que me faz sentir bem saber que demos nossa colaboração na guerra cultural. Conseguimos dar um chute no meio dos dentes do desprezível *Comics Code*” (CAMPOS, 2022, p.98).

Sentimento semelhante ao dos cartunistas e chargistas brasileiros que se destacaram por sua resistência ao regime ditatorial através de seus trabalhos, demonstrando, segundo Campos, “que períodos de tumulto e de intensificação do debate político fazem bem para os quadrinhos”. (2022, p.107).

Capellari (2007), ao descrever a contracultura brasileira dos anos 70, aponta que as transformações sociais da época não foram decorrentes apenas da insegurança causada pelo regime militar, mas de uma metamorfose cultural em curso internacionalmente e que conquistou parte da classe média brasileira com o discurso underground expresso pela:

(...) desconfiança em relação a todo tipo de hierarquia; convenções e padrões institucionalizados de vida (no que diz respeito a formas de atuação política, modelos familiares e processos de profissionalização); a resistência ao discurso da competência (identificado com o poder constituído); e, principalmente, uma atenção para a questão da diferença, do indivíduo e da subjetividade, valorizando a heterodoxia e a alteridade. (ARAÚJO, 2020, Apud CAPELLARI, 2007, p. 46)

Segundo o autor, começaram a desembarcar no Brasil, naquele período, preocupações relacionadas ao meio ambiente e a minorias engajadas como mulheres, homossexuais, negros e povos indígenas, penetrando na agenda como reivindicações sociais legítimas na década de 80.

2. Jornalismo em Quadrinhos no Brasil

Como demonstramos, as HQs políticas são um gênero que contempla HQs ficcionais e não ficcionais. Neste sentido, partimos novamente do trabalho de Dutra e Debom (2021) propondo, contudo, um enquadramento das HQs jornalísticas sob o guarda-chuva das HQs políticas não ficcionais e a inclusão das charges como um modelo jornalístico presente em HQs de mídia tradicional (jornais impressos, revistas segmentadas etc), assim como nas HQs de mídia exclusiva no subgênero identificado pelos autores como coletânea.

García (2012) faz um breve panorama dos esforços de definição de histórias em quadrinhos iniciando com McCloud, que exclui de sua definição as histórias formadas por um quadro só, como a charge, entendimento problemático, segundo García, para quem “uma simples caricatura pode ser também narrativa, já que exige, para se completar, que imaginemos um ‘momento posterior à ação’” (2012, p. 41). Do mesmo modo, entendemos que a narrativa de uma charge tem início antes do quadro que se vê, e se completa nele, uma vez que a produção de sentido desse gênero jornalístico só é possível dentro de um contexto político e social externo.

Groesteen (2015) também nos permite tal análise, uma vez que nesse modelo de narrativa estão presentes a ancoragem (ou fixação) e o revezamento, funções que o autor resgata em Barthes. A ancoragem se dá quando o texto verbal guia o leitor pelos significados da imagem, e o revezamento acontece quando texto e imagem são complementares.

A função de revezamento (pelo menos no que concerne à imagem fixa); vamos encontrá-la sobretudo nas charges e nas histórias em quadrinhos. Aqui a palavra (na maioria das vezes um trecho de um diálogo) e a imagem têm uma relação de complementaridade; as palavras são, então, fragmentos de um sistema mais geral, assim como as imagens, e a unidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese. (BARTHES, 1990 apud GROESTEEN, 2015, p.138)

Nos amparamos também no que Cagnin (2014) chama de histórias de um quadro só referindo-se às caricaturas. O autor pontua que em quase totalidade dos casos o humor se apresenta em uma vinheta só com finalidade crítica e de provocar o riso, e enfatiza que a narração é apenas complementar.

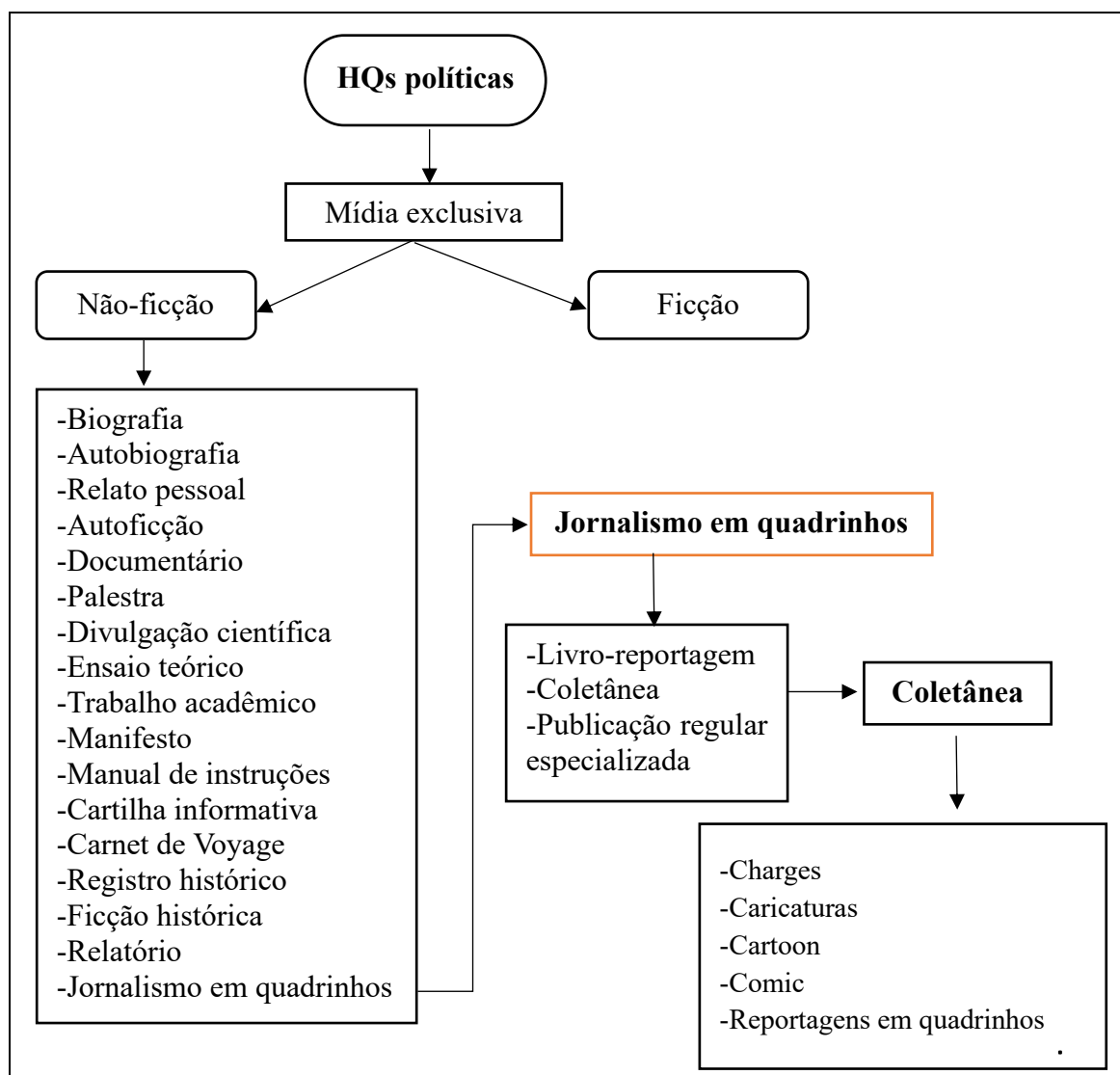
Esta história compacta de uma só figura não é rara, é encontrada nos desenhos e fotos das capas de revistas, nas notícias do dia a dia em jornais; nas ilustrações de algumas cenas de romance; no humor gráfico das caricaturas, charges e cartuns; nos trailers das capas e títulos das aventuras contadas nas páginas de gibis. (CAGNIN, 2014, p. 182)

Parte expressiva das HQs que levantamos neste trabalho trata-se de coletâneas, ou de histórias, ou de charges. Apesar de não mencionadas em Dutra e Debom (2021) na categoria de coletâneas, consideramos as charges um acréscimo necessário para esta análise, tanto pela quantidade relevante de títulos relacionados quanto pelo entendimento no campo da Comunicação no Brasil destas como um gênero jornalístico. Como já pontuamos, Marques de Melo (2003) entende a charge, assim como o cartum e o comic como um tipo de caricatura e, esta, como um gênero jornalístico opinativo, assim definida:

Crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. Reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista. Tanto pode se apresentar somente através de imagens quanto combinando imagens e texto (títulos, diálogos). (MARQUES DE MELO, 2003, p. 167)

Adotamos o entendimento da charge como arte sequencial e, também, como gênero jornalístico e consideramos, portanto, imperativo que ela venha a compor a classificação de jornalismo em quadrinhos, propondo o seguinte diagrama com base no conceito em desenvolvimento sobre HQ política neste trabalho e sua materialização em mídia exclusiva. Conforme descrevemos no primeiro capítulo, esta classificação parte de Dutra e Debom (2021) e recebe também a contribuição de Marques de Melo (2003) sobre os gêneros jornalísticos opinativos.

Quadro 1_Proposta de classificação das HQs políticas jornalísticas



Fonte: quadro elaborado pela autora com base em classificação anterior de Dutra e Debom (2021) e Marques de Melo (2003)

2.1. As charges e o humor no jornalismo brasileiro

Um panorama histórico traçado por Herman Lima (1963) dá conta de que o primeiro caricaturista brasileiro foi Frei Vicente do Salvador, um caricaturista do verbo, segundo Lima, e o primeiro autor de uma história sobre o Brasil: *História da Custódia do Brasil*, escrita por volta de 1617, com impressões sobre os erros e desmandos da coroa portuguesa em nossas terras recém-adentradas. Abaixo, um trecho da publicação de Frei Vicente.

E deste modo se ham os povoadores, os quaes por mais arraigados, que na terra estejam, e mais ricos, que sejam, tudo pertendem levar a Portugal, e se as fazendas e bens que possuem souberão falar tambem lhes houverão de ensinar a dizer como os papagaios, aos quaes a primeira cousa que ensinão he papagaio Real pera Portugal; porque tudo querem para lá, e isto não tem só os que de lá vierão, mas ainda os que cá nascerão, que uns e outros usão da Terra, não como senhores, mas como usufructuarios, só para a desfructarem, e a deixarem destruída. (FREI VICENTE apud LIMA, 1963, p.58)

Em sua obra *A história da Caricatura no Brasil*, Herman Lima (1963) cita ainda outros caricaturistas verbais dos “males pretéritos” do Brasil, como o pernambucano Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, o carioca Manuel Antônio de Almeida, o maranhense Joaquim Serra e os baianos Luís Gama e Gregório de Matos, conhecido como “Boca do Inferno”, com sua pena apontada para os nobres, que, certa vez, mirou o nariz avantajado do governador Antonio Luís de Câmara Coutinho, criando o que Lima acredita que pode ser chamado de primeiro *portrait-charge*⁴ feito no Brasil:

Vá de retrato
 Por consoantes;
 Que eu sou Teimantes
 De um nariz de tucano côr de pato
 Pelo cabelo
 Começa a obra,
 Que o tempo sobra
 Para pintar a giba do camelo.

 Nariz de embono
 Com tal sacada,
 Que entra na escada
 Duas horas primeiro que seu dono.
 Nariz que fala
 Longe do rosto,
 Pois na Sé posto
 Na praça manda pôr a guarda em ala.
 Membro de olfatos,
 Mas tão quadrado
 Que um rei coroado
 O pode ter por copa de cem pratos.
 Tão temerário
 É o tal nariz,
 Que por um triz
 Não ficou cantareira de um armário.
 Você perdoe,
 Nariz nefando,
 Que eu vou cortando,

⁴ Segundo o Dicionário Michaelis, *portrait-charge* é uma espécie de retrato que destaca os traços fisionômicos de uma pessoa, o que lhe dá caráter de caricatura.

E ainda fica nariz em que se assee.
(GREGÓRIO DE MATOS apud LIMA 1963, p. 9-60)

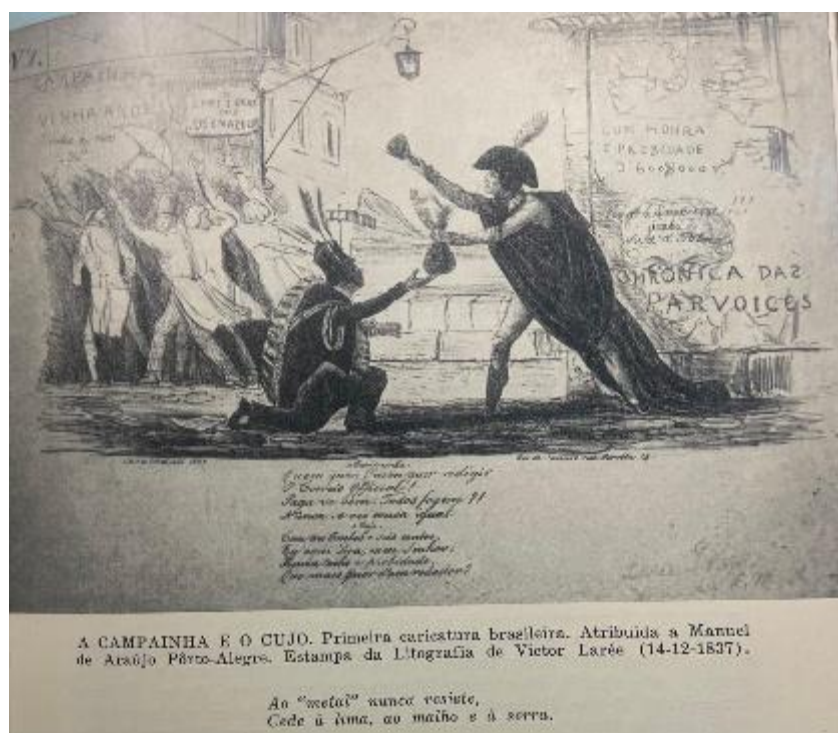
É vasta e relevante a história dos caricaturistas verbais brasileiros durante séculos de denúncias sobre as práticas indecorosas dos exploradores e explorados em solo brasileiro desde o “descobrimento” descrita por Lima. O autor faz uma longa pesquisa sobre os precursores da caricatura escrita até chegar à arte da litografia, ou impressão de gravuras sobre pedra calcária com materiais gordurosos. No Brasil, a técnica começa a ser aplicada na Bahia e em Olinda, entre 1809 e 1810, assegura Lima (1963), apesar da história mais contada de que teria chegado primeiramente ao Rio de Janeiro, em 1826, na casa de João Steinman, professor litógrafo dos soldados do 27º Batalhão de Estrangeiros, que teria trazido a técnica da Europa para o Brasil.

A primeira caricatura/charge impressa em periódico no Brasil foi *A Campainha e o Cujo*, de Manuel de Araújo Pôrto-Alegre, em 1837, e fazia uma crítica contundente ao jornalista Justiniano José da Rocha. Contratado para ser o redator do jornal Correio Oficial, Justino era conhecido por sua subserviência ao poder e é retratado na charge como “Cujo”, de joelhos recebendo um saco de dinheiro de seu novo patrão, a “Campainha”. Na imagem, em complemento à ilustração, lê-se:

A campainha:
Quem quer; quem quer redigir
O Correio Oficial!
Paga-se bem. Todos fogem?
Nunca se viu coisa igual.

O cujo:
Com três contos e seiscentos,
Eu aqui'stou, meu Senhor;
Honra tenho e probidade
Que mais quer d'um redator?
(PÔRTO-ALEGRE, 1837 apud LIMA, 1963, p.73)

Figura 11_Primeira charge em periódico no Brasil



Fonte: Lima (1963)

Já a primeira publicação em quadrinhos jornalística reconhecida no Brasil aconteceu em 30 de janeiro de 1869 e foi produzida pelo italiano Angelo Agostini segundo Lima (1963). As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte conta a história de um caipira que se muda para o Rio de Janeiro e retrata a sociedade carioca de meados do século XIX.

De lá até aqui, as histórias em quadrinhos não saíram mais dos jornais, pelo contrário, ganharam mais espaço e extrapolaram as páginas diárias em preto e branco ganhando mídia exclusiva para narrar acontecimentos da vida real com o mesmo rigor do jornalismo tradicional. No Brasil, alguns nomes que fizeram história durante o regime militar, como Milôr, Jaguar, Ziraldo, Prósperi, Claudius, Fortuna e Henfil são referências até hoje para jornalistas e cartunistas políticos. A ditadura que se instaurou no país, em 1964, via golpe de Estado, era denunciada pelos jornalistas, de forma especial, por meio dos quadrinhos, que chamavam a atenção da sociedade por sua linguagem acessível e pela imersão proporcionada pela experiência imagética.

As pesquisas acadêmicas no campo da Comunicação e áreas interdisciplinares sobre a presença e a relevância das charges no jornalismo brasileiro mantêm-se com expressiva publicação. Uma busca pelas palavras-chave “charge + Brasil” na plataforma

Google Acadêmico, em 12 de dezembro de 2024, filtrando apenas publicações em português, para que se elimine a ocorrência de trabalhos sobre “carga”, tradução literal de *charge* em inglês, entrega um total de 42.100 resultados. Limitando ainda mais o filtro para o período entre 2019 e 2023, os resultados chegam a expressivas 16.900 ocorrências.

Almeida (2020) defende, a partir de Raymond Williams e Stuart Hall, expoentes dos Estudos Culturais, que nenhuma mente está completamente imune aos efeitos dos condicionamentos prévios impostos por suas representações, pela linguagem ou pela cultura. Embora possamos, com esforço significativo, tentar superar essas percepções e preconceitos, nem sempre conseguimos nos desvencilhar de todos eles. Isso ocorre porque as representações possuem um caráter histórico e exercem influência sobre nós com o peso da tradição.

Elas [as charges] são produções midiáticas complexas que, ao interpretar uma realidade específica ou acontecimento, incorporam discursos sociais e políticos que ajudam a constituir a visão de mundo do indivíduo, pensamentos e ações. Suas análises devem ser observadas dentro de uma leitura crítica, capaz de articular relações, não só com a economia e política, mas com todo o contexto social em que ela foi produzida. Suas imagens escancaram a história, o mito, o exagerado, elementos esses que perpetuam e se cristalizam na memória coletiva. Pesquisar o conteúdo dessas obras nos leva a compreender a representação do mundo a nossa volta, a cultura onde elas são criadas, veiculadas e recebidas (ALMEIDA, 2020, p. 41)

Para o autor, o registro histórico das charges no Brasil pode contribuir com a formação cultural e crítica da identidade dos brasileiros. Como já vimos, os quadrinhos tiveram um papel importante na contracultura internacional. Do mesmo modo, no Brasil, cartunistas e jornalistas desempenharam importantes funções na divulgação de ideias contrárias ao regime opressor de 1964 a 1985, sobretudo após a edição do AI-5, em 1968, no período conhecido como “anos de chumbo”.

Figura 12_Capa da 1ª edição do *Pasquim*

Fonte: Biblioteca Digital da Fundação
Biblioteca Nacional

Figura 13_Capa da última edição do *Pasquim*

Fonte: Biblioteca Digital da Fundação
Biblioteca Nacional

Para avançarmos neste assunto, é necessário diferenciarmos três formatos comumente associados na linguagem satírica do jornalismo gráfico: charge, cartum e caricatura.

Almeida pontua que não se pode fazer essa distinção com base na temporalidade, como de costume, pois, além do fato jornalístico datado, são suas camadas subjetivas carregadas de um contexto sócio-histórico mais amplo que determinam seu significado. O autor cita Romualdo e Riani para quem a charge narra um acontecimento político atual e prende-se a um momento específico; já o cartum não se relaciona necessariamente com um fato, mas com o cotidiano; e a caricatura é, de forma mais consensual, a distorção de aspectos físicos de um personagem.

Ao nosso ver, a problematização é maior quando simplificam a diferença entre essas ilustrações apenas pela temporalidade, pois acreditamos que, apesar de comentar criticamente fatos atuais, o tempo na charge não está limitado apenas ao momento em que ela emerge, mas também às camadas de significações mais densas e profundas, enraizadas na tradição, cultura e memória. Portanto, nesse estudo, sugerimos pensar a charge como uma narrativa satírica gráfica, que tem como matéria-prima o acontecimento jornalístico. (ALMEIDA, 2020, p. 44)

Aragão (2007) também envereda por essas definições a partir de entrevistas com notórios chargistas e cartunistas brasileiros e destaca: “segundo Chico Caruso, a diferença entre caricatura e cartum reside não apenas no acabamento, mas também no ‘foco’ do humor. A caricatura seria relacionada ao indivíduo, enquanto o cartum diz respeito a um cenário, um contexto universal.” (ARAGÃO, 2007, p. 87).

As charges são um recurso especial que, historicamente, acompanhou projetos bem-sucedidos de contra-hegemonia na história da mídia brasileira. Na década de 70, O *Pasquim*, sob a mordada da censura realizava um trabalho de oposição e contestação a partir do escracho cômico a figuras detentoras do poder durante o regime militar e, apesar da proposta inicial de ser um semanário humorístico de tiragem modesta, tornou-se um grande fenômeno midiático no país e manteve-se em circulação por 22 anos. O semanário surgiu 26 de junho de 1969 e sua última edição, de número 1.072, foi publicada em 11 de novembro de 1991.

Havia, basicamente, duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns, predominantemente políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do nacional e do popular nos anos 50 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis dos anos 60. (...) A outra classe de jornais foi criada por jornalistas que passaram a rejeitar a primazia do discurso ideológico. Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, tinham suas raízes nos movimentos de contracultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean-Paul Sartre. Investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média. (KUCINSKI, 1991, p.14-15)

O *Pasquim*, segundo Capellari (2007), contemplou os dois grupos, driblando a censura por meio da irreverência e do humor, ao passo que denunciava os abusos do regime militar. Zuenir Ventura, em Ziraldo (2012), diz que o periódico lançou mão da ironia contra a hipocrisia e o cinismo reinantes. Para ele, "O riso foi a sua arma. Não derrubou a ditadura, mas ridicularizou-a, desmoralizou-a". Consolidado como um dos maiores periódicos de oposição ao autoritarismo no Brasil, suas inovações de linguagem foram absorvidas pela mídia tradicional posteriormente e sua influência é vigente até hoje.

Surpreende, sobretudo, que as mesmas falhas institucionais denunciadas pelo *Pasquim* há mais de quatro décadas sejam novamente alvo do contra-ataque humorístico, como podemos observar na comparação abaixo entre as figuras 14, 15 e 16. Os dois

exemplos reforçam a importância do critério da temporalidade nas charges para que possamos interpretá-las.

Figura 14_Charge sobre violência policial durante o regime militar



Fonte: Ziraldo (2012)

Figura 15_Charge sobre violência policial no governo de Tarcísio de Freitas-SP



Fonte: Struzani (2024)

Figura 16_Continuação de charge sobre violência policial em São Paulo



Fonte: Struzani (2024)

A charge estendida de Bruno Struzani, publicada em seu perfil na rede social Threads, refere-se ao aumento no número de mortos por policiais militares do estado de São Paulo em 2024. Segundo o Ministério Público Estadual, um crescimento de 74% em relação ao mesmo período de 2023⁵.

⁵ Matéria publicada pelo Brasil de Fato em 13 de dezembro de 2024:
<https://www.brasildefato.com.br/2024/12/13/psol-aciona-corte-interamericana-de-direitos-humanos-contrata-tarcisio-e-derrite-por-violencia-policial-em-sp>

2.2. Censura contemporânea

No Brasil, passadas quatro décadas do regime militar com seus próprios mecanismos de censura às produções intelectuais, e 76 anos da proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos que versa “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias”, ainda ecoam posicionamentos institucionais restritivos aos discursos contra-hegemônicos. Uma ameaça também à liberdade de imprensa que transborda para cartunistas e artistas que publicam em periódicos como veremos a seguir.

não se pode falar em liberdade de imprensa sem se considerar o direito à informação, do qual todos os cidadãos são titulares, já que o acesso à informação qualificada é condição sine qua non para a participação na vida pública e, por conseguinte, para a garantia de cidadania plena (SCABIN; NABEIRO, 2020, p.45)

Em 2019, o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, determinou que a HQ *Vingadores: a cruzada das crianças* publicada pela Marvel fosse recolhida da Bienal do Livro. O motivo foi a ilustração de um beijo entre dois rapazes. Segundo o prefeito, a imagem continha conteúdo sexual inapropriado para menores – apesar do casal estar completamente vestido, conforme destacou o site G1 em 5 de setembro de 2019.⁶

⁶ Matéria sobre HQ recolhida da Bienal do Livro em 2019: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/09/06/marcelo-crivella-prefeito-do-rio-manda-recolher-livro-da-bienal-e-gera-protestos.ghtml>

Figura 17_ Ilustração censurada por Marcelo Crivella



Fonte: Heinberg; Cheung (2016)

Também em 2019, a Câmara Municipal de Porto Alegre cancelou a exposição “Independência em Risco” por ordem da vereadora Mônica Leal (PP)⁷. A exposição continha charges críticas ao governo Bolsonaro, entre os 36 desenhos expostos de 19 cartunistas da Grafistas Associados do Rio Grande do Sul (Grafar). A charge alvo da censura teria sido a do cartunista Latuff, que aparece na figura 18.

Figura 18_Charge censurada de Latuff



Fonte: Latuff (2019)

No ano seguinte, foi o governo de Jair Bolsonaro que solicitou à Polícia Federal e ao Ministério Público abertura de investigação sobre uma charge de autoria do jornalista Renato Aroeira publicada no portal Brasil 247. A charge ilustrava o então presidente pintando uma suástica em cima de uma cruz vermelha, símbolo da saúde. À época o ex-

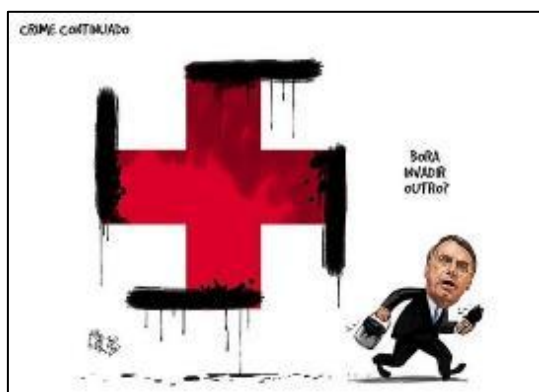
⁷ Matéria sobre exposição censurada em Porto Alegre: <https://pcdob.org.br/noticias/exposicao-independencia-em-risco-e-censurada-em-porto-alegre/>

presidente incentivara aliados a fiscalizarem hospitais com pacientes de covid-19 internados para questionar os alarmantes números divulgados sobre a contaminação.

O governo Bolsonaro solicitou que Aroeira fosse investigado com base na Lei de Segurança Nacional (LSN), criada durante a ditadura militar e utilizada diversas vezes para calar críticos da gestão de Jair Bolsonaro. A lei dispõe que “é considerado crime o ato de “caluniar ou difamar o Presidente da República, o do Senado Federal, o da Câmara dos Deputados ou do Supremo Tribunal Federal” (Brasil, 1983, online).

Nas redes sociais, Aroeira ganhou apoio de outros jornalistas, conforme divulgou o site de notícias Brasil de Fato, em 16 de junho de 2020⁸.

Figura 19 _Charge censurada de Renato Aroeira



Fonte: Aroeira (2020)

Na ocasião, a Associação dos Cartunistas do Brasil, a Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo, o Instituto Memorial das Artes Gráficas do Brasil e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo publicaram carta aberta em defesa da liberdade artística e ao direito ao humor. Um dos trechos do manifesto dizia “o Brasil está se tornando um país onde o humor passa a ser censurado como nos piores períodos da ditadura”⁹.

⁸ Matéria sobre apoio a Aroeira: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/16/chargistas-denunciam-tentativas-de-censura-como-nos-piores-periodos-da-ditadura>

⁹ Link do manifesto: <https://sjsp.org.br/carta-aberta-em-defesa-da-liberdade-artistica-e-ao-direito-ao-humor/>

Figura 20_Charge em apoio a Renato Aroeira



Fonte: Gilmar (2021)

A charge representada na figura 20 é uma manifestação de apoio do cartunista Gilmar Machado ao colega Renato Aroeira. Gilmar adapta a charge original aos seus próprios traços e inclui a hashtag no quadrante inferior direito: #somostodosaroeira, estimulando um sentimento de solidariedade entre os espectadores. Por se tratar de um movimento de apoio ao colega, para além da revolta com o contexto político retratado, a charge desperta uma catarse por sua “multiplicação indevida”, dada a tentativa de censura. Scabin e Nabeiro (2020) investigaram a repercussão dada por outros cartunistas e assemelham o movimento ao dos memes, na medida em que se baseiam no compartilhamento massivo de uma estrutura discursiva padrão com adições pontuais e personalizadas.

Chama a atenção o fato de a maioria dos cartunistas do movimento Charge Continuada terem mantido os elementos principais da arte de Aroeira (a cruz/suástica, a inscrição sobre o fundo, a figura de Bolsonaro), relendo-os a partir de suas singularidades estilísticas. Esse dado sugere a adoção de uma estratégia de citação e reiteração deliberadas da charge Crime Continuada em resposta à tentativa de silenciamento da crítica nela proposta. (SCABIN; NABEIRO, 2020, p. 52)

Em 2019, falamos sobre o movimento online “vomitoço” que teve início na fanpage do PMDB, no *facebook*, em 11 de maio de 2016, às vésperas da votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff pelo Senado. À época, manifestantes reagiam com o sticker de vômito em demonstração de “nojo e discordância” às publicações da página pautadas

no julgamento da ex-presidente. A partir desta ação, o movimento se estendeu para outras fanpages. A página oficial do Palácio do Planalto e o perfil do presidente Michel Temer, no facebook, também foram alvo do movimento, porém, uma tentativa de repressão por parte do presidente, não apenas fomentou o vomitação, como ganhou espaço em veículos de mídia independente e blogs de grande audiência (figura 21).

Figura 21_Matéria sobre tentativa de proibição do vomitação



Fonte: Souza (2019)

Quando o colunista Lauro Jardim, do jornal O Globo, publicou em 20 de novembro de 2016, que, a pedido do então presidente Michel Temer, sua equipe havia entrado em contato com a administração *facebook* para negociar formas de impedir o vomitação, a notícia viralizou em forma de memes que pautaram a grande mídia. “A repercussão fez com que, no mesmo dia, o número de *stickers* de vômito contabilizados na página Palácio do Planalto e no perfil de Michel Temer tivesse um salto de 0 para 1.804 e de 10 para 15.952, respectivamente” (SOUZA, 2019, p.49). Em função da intensa mobilização causada após a publicação do colunista, o movimento do vomitação ganhou força. Vejamos os cinco dias que antecederam a nota, o dia da publicação e os cinco dias subsequentes na tabela 1.

Tabela 1_Contagem dos stickers de vomitação de 19 a 21 de novembro de 2016

Facebook	19/11/2016	20/11/2016	21/11/2016
Fanpage Palácio do Planalto	0	-	1.804
Perfil Michel Temer	10	-	15.952
Total	10	-	17.756

Fonte: Souza (2019)

A contaminação mútua entre mídia hegemônica e o discurso subversivo do ciberespaço fica evidente no caso do vomitação. Scabin e Nabeiro denominam esse movimento de “efeito bumerangue”:

Considerando as especificidades do caso Aroeira e do movimento Charge Continuada, consideramos pertinente falar em uma espécie de “efeito bumerangue” da censura: ao tentar silenciar um conteúdo crítico ao governo (“enviá-lo” para uma zona de invisibilidade), a abertura de investigação contra Aroeira e Noblat acabou ampliando sua visibilidade (atraindo a atenção pública conforme “trazia-o para perto”). Em outros termos, a tentativa de censura impulsionou a circulação da obra –como na imagem do bumerangue, que não apenas retorna para o ponto de partida, mas circula ao longo do trajeto que desempenha. (SCABIN; NABEIRO, 2020, p. 52)

2.3. A reportagem em quadrinhos

Seja com a charge, cartum ou caricatura, no Brasil, autores como Alexandre De Maio, Carol Ito, Gilmar Machado, Helô D’Angelo, Robson Vilalba, entre tantos outros vêm se destacando na produção do Jornalismo em Quadrinhos para abordar diferentes temas, sobretudo políticos. Também alguns veículos têm apostado nesse formato para produzir grandes reportagens, como é o caso da Agência Pública, Revista Fórum e Revista Piauí.

Figura 22_Reportagem em quadrinhos publicada no site da Agência Pública



Fonte: Ito (2020)

A reportagem da jornalista e ilustradora Carol Ito, *Mulheres da Craco*, publicada na Agência Pública, em 2020, expôs a situação das mulheres na Cracolândia durante a pandemia da covid-19, suas vulnerabilidades, a ausência do poder público e a atuação de ONGs no apoio a esse público. Dois anos depois, sua nova HQ digital, *Três mulheres da Craco*, publicada na Revista Piauí, que conta a história de três mulheres que frequentam o local no Centro de São Paulo, levou o prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos de 2022 na categoria arte. A premiação acontece anualmente e reconhece profissionais da imprensa que atuam na defesa da democracia, da justiça e dos direitos humanos.

Figura 23_Trecho da HQ Três Meninas da Craco



Fonte: Ito (2022)

Já Alexandre De Maio e Andrea Dip são os responsáveis pela primeira reportagem investigativa feita totalmente em quadrinhos no Brasil: *Meninas em Jogo*, publicada pela agência Pública. A reportagem denuncia a exploração sexual e a vulnerabilidade de crianças e adolescentes no Ceará onde foram realizados jogos da Copa do Mundo de 2014. A reportagem venceu o VII Concurso Tim Lopes de Jornalismo Investigativo na categoria Especial "Violência sexual contra crianças e adolescentes no contexto da Copa do Mundo de 2014", promovido pela ANDI – Comunicação e Direitos, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pela Childhood Brasil, com o apoio da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).

Figura 24_Trecho da HQ Meninas em Jogo



Fonte: De Maio; Dip (2014)

Carol Ito conta, em entrevista ao podcast *Pauta Pública*, em 18 de dezembro de 2020, que algumas situações típicas do jornalismo investigativo requerem certa cautela na aproximação com os entrevistados e a presença das câmeras pode influenciar na apuração dos fatos. “Quando eu falava que era uma reportagem em quadrinhos, as mulheres se sentiam mais confortáveis pra dar entrevista”¹⁰, mas destaca que a apuração é a mesma feita para uma reportagem tradicional.

¹⁰ Entrevista completa em: <https://apublica.org/podcast/2020/12/podcast-pauta-publica/podcast-jornalismo-em-quadrinhos/#>

Sversut (2018) também explica que as técnicas para a produção da grande reportagem em quadrinhos não se diferem das técnicas jornalísticas tradicionais.

No JHQ segundo Negri (2003) a formulação da pauta, captação de informações, diálogo com diversas fontes, enquadramento do tema e as entrevistas, são fundamentais para a construção da reportagem nesse formato. Bem como o levantamento e armazenamento de imagens que serão o ponto chave do cenário da narrativa da reportagem. O conhecimento destes ambientes se faz imprescindível para a transmissão dos acontecimentos da reportagem em quadrinhos, de modo a se transmitir a abstração dessa realidade, visto que de acordo a Guimarães e Silva (2003) no JHQ o que o texto não aponta, o desenho complementa, sendo importantíssima essa fase de coleta e construção detalhada das cenas e informações relevantes para essa produção jornalística. (SVERSUT, 2018, p.6)

Segundo Faria e Falco (2015), a reportagem em quadrinhos busca uma contextualização imagética, que aprofunda o conteúdo da história ao retratá-la de forma linear. Essa configuração permite maior detalhamento sobre o acontecimento, sobre os personagens, os bastidores etc. A informação ilustrada facilita a apresentação de fatos que não poderiam ser abordados de outra forma. O audiovisual possui uma riqueza imagética própria, mas as reportagens em quadrinhos se diferenciam criando uma narrativa única, que se desenvolve a partir da história oral e da representação gráfica, enriquecendo a compreensão dos fatos e oferecendo uma experiência imersiva que conecta o leitor ao contexto de forma dinâmica e envolvente.

3. HQs políticas: elaboração de um conceito

Retomando a contra-hegemonia presente nos quadrinhos, que se evidencia principalmente na sátira, remetemo-nos a Michel de Certeau (1998) que, em ensaio sobre as ações antidisciplinares do sujeito, define como “táticas” as ações de um grupo ou indivíduo que subvertem o consumo de um produto sócio-cultural tirando dele maior proveito. Exemplo atual dessas táticas são os memes políticos de internet que se apropriam de um discurso hegemônico e reconfiguram sua narrativa para expor ao ridículo um personagem, uma fala de personalidades públicas, uma tomada de decisão política, entre outros produtos sócio-culturais.

Josgrilberg (2005), em sua tese que trata das obras de Certeau, pontua que as táticas empreendidas por esses indivíduos visam controlar e organizar o espaço social. Não se trata, segundo ele, de negar o poder dos procedimentos estratégicos que organizam o espaço – os discursos hegemônicos, como a mídia, igreja, representações políticas etc. “Antes, Certeau dirige sua atenção ao modo como esses discursos são ‘consumidos’”. Trazendo para nosso estudo: o modo como os quadrinistas recebem determinada informação, interpretam-na e publicam.

Em Certeau, de forma geral, as táticas estão relacionadas a operações que fogem e minam um lugar (ex. discursos hegemônicos). Mais que sim-bólicas¹¹, as táticas são dia-bólicas¹². De certa forma, (...) estão relacionadas a um desafio comum: a possibilidade de se agir dentro de determinadas condições – o campo de batalha, o contingente ou dentro dos limites de discursos hegemônicos (...) tanto a Retórica quanto as táticas referem-se a um assunto comum: usos (de uma linguagem) (JOSGRILBERG, 2005, p. 30)

Esses movimentos contra-hegemônicos no Brasil e mundo afora subverteram o imaginário dos quadrinhos de simples entretenimento para um público infanto-juvenil e colocaram a sociedade em confronto com inconvenientes realidades do cotidiano. Se na década de 60 ainda havia resistência a essa ideia, *Maus*, já mencionada acima, chancela definitivamente o impacto das HQs na forma de fazer jornalismo e literatura, ao se tornar a primeira *graphic novel* a receber um *Pulitzer*.

A emblemática obra de Spiegelman pode ser classificada como uma HQ jornalística em formato de entrevista, sendo Art o autor e entrevistador, e Vladek, seu pai,

¹¹ Do grego *syn-ballein* (atirar juntos).

¹² Do grego *dya-ballein* (jogar separados, dividir)

o entrevistado, que narra sua experiência como judeu durante o Holocausto. Parte do que torna *Maus* uma obra inovadora é a representação dos personagens como animais antropomórficos, em que os judeus são ilustrados como ratos, os nazistas como gatos e os poloneses como porcos. Essa escolha estilística faz com que muitos pesquisadores classifiquem a obra como ficção ou como um híbrido entre ficção e jornalismo. No entanto, é inegável que a escolha do autor adiciona uma dimensão simbólica e emotiva à narrativa, destacando a desumanização do Holocausto.

Como o direito (que é um modelo de cultura), a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ela se desenvolve no elemento de tensões, e muitas vezes de violências, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários. As táticas do consumo, engenhosidade do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.” (CERTEAU, 1998, p.44)

Tomando a construção de sentidos a partir de repertórios ideológicos individuais e coletivos, *Maus* levanta polêmica também por essa representação antropomórfica, em que os judeus são retratados como ratos, mesmo animal que a propaganda nazista utilizou para associar os judeus à ideia de praga sugerindo seu necessário extermínio. Além disso, a desumanização dos judeus, ao transformá-los em animais, diminuiria o impacto do holocausto na narrativa.

No entanto, com base nas táticas de consumo de Certeau, pode-se inferir que a escolha pelos ratos como figuras representativas dos judeus vise exatamente a ressignificação da propaganda nazista, uma vez que, na HQ, os ratos não são retratados como animais sujos e nocivos, mas como humanos com suas naturais virtudes e falhas.

3.1. O gênero discursivo

Como vimos, o discurso das HQs políticas pode ser tanto alvo quanto instrumento de poder e contra-hegemonia ao abordar temas sensíveis do cotidiano. Buscando compreender a composição discursiva dessa narrativa, por vezes polêmica, por vezes catártica, propomos, a partir de Bakhtin (2015), situá-la como um Gênero Discursivo, com seus elementos próprios de estabilidade enunciativa.

Para o autor, o estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso é fundamental para superar as noções simplificadas acerca da vida verbal. Ele diferencia o

estudo discursivo no enunciado – que está relacionado ao teor ideológico e seus diversos sentidos – da oração – relacionada à composição linguística. Assim, define enunciado como a unidade da comunicação discursiva e indica que cada campo da comunicação elabora seus tipos relativamente estáveis aos quais denomina Gêneros do Discurso.

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo (...) nós falamos gêneros diversos sem suspeitar da sua existência (...) Esses gêneros nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna. (BAKHTIN, 2015, p.282)

Para compreendermos a composição dos gêneros, Bakhtin propõe, primeiramente, uma classificação mais ampla em dois grandes grupos discursivos que definem a natureza do enunciado: gênero discursivo primário (simples) e gênero discursivo secundário (complexo). O primeiro grupo compreende as comunicações verbais espontâneas, como o diálogo cotidiano; já o segundo grupo engloba narrativas mais complexas que absorvem o gênero primário, como o romance, o teatro e as HQs políticas, por exemplo, visto que no processo de sua formação elas reelaboram diversos gêneros primários, como a réplica de diálogos que se deram em determinado contexto cotidiano.

Dada a compreensão das HQs políticas como um gênero discursivo secundário, avançamos para o que Bakhtin aponta como elementos-chave para a definição de um gênero: conteúdo temático, construção composicional e estilo. Certo de que a variedade dos gêneros discursivos é infinita, o autor sugere que a fusão desses elementos no enunciado é suficiente para marcar uma esfera de comunicação. Assim, seguindo o roteiro de Bakhtin, pretendemos analisar cada elemento para compreender aspectos centrais das HQs políticas.

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva (...) O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento. (BAKHTIN, 2015, p. 266)

Conteúdo temático é o que Bakhtin define como objeto do enunciado. Em se tratando das HQs políticas, remetemos ao conceito de política trabalhado no primeiro capítulo, que abrange a atividade ou práxis humana ligada às disputas de poder, à luta por justiça social, o multiculturalismo etc. A exemplo de algumas HQs já comentadas até aqui, podemos citar *Palestina*, abordando conflitos internacionais e a opressão de minorias; e *Grana*, que trata da violência sexual sofrida por mulheres sul-coreanas pelo exército imperial japonês durante a Segunda Guerra; entre tantas outras HQs de temática política e social, ficcionais ou não-ficcionais. Na HQ ficcional *Cavaleiro das Trevas: a criança dourada* de Frank Miller e Rafael Grampá, publicada pela DC/Panini, o autor utiliza um tweet de Jair Bolsonaro em prol do armamento da população, substituindo seu nome por JM Bozo. Na trama, manifestações populares tomam conta da cidade fictícia de Gotham, e a referência ao brasileiro é uma crítica ao seu posicionamento (Figura 25). Outro exemplo de HQ ficcional de super-herói que ironiza o contexto político brasileiro é a *Demolidor: Fisk* (de Charles Soule, Stefano Landin e Ron Garney), da Marvel/Panini, cujo roteiro fala de um personagem fascista e populista que se candidata a prefeito (Figura 26). Na cena em questão, um manifestante apoiador do candidato Fisk levanta um cartaz chamando-o de “mito”, apelido usado no Brasil pelos apoiadores de Jair Bolsonaro, encorajando declarações preconceituosas e discursos de ódio contra minorias sociais.

Sobre a construção composicional, compreendem-se os modos típicos de organização do texto em que se situam as partes do enunciado e como elas se distribuem moldando o discurso. Neste ponto, é importante pontuar a diversidade característica da estrutura narrativa dos quadrinhos, que pode ser, da forma mais tradicional, composta por texto e imagem, ou apenas imagens, dispostas de forma sequencial. Abaixo, algumas possibilidades composicionais encontradas em *Um Grande Acordo Nacional* de Robson Vilalba, publicada pela Elefante em 2021. A figura 27, sem texto verbal, e com quatro cenas de um mesmo ângulo alterando apenas a posição do sol e os efeitos de sombra sobre a cidade, é utilizada para demarcar a passagem de tempo de um dia na trama. Já na figura 28, também silenciosa, as expressões faciais de Dilma Rousseff acentuam o momento de tensão entre as duas durante seu depoimento no Supremo Tribunal Federal – STF. A ausência de balões e de legenda transferem a dramaticidade para a ilustração. O semblante de Dilma expressa preocupação e gravidade, o de Janaína Paschoal, advogada responsável pelo processo que pedia o *impeachment*, parece expressar neutralidade e segurança. Dilma depôs no dia 29 de agosto de 2016, Paschoal, no dia seguinte.

Figura 25_ Página da HQ Cavaleiro das Trevas: a criança dourada



Fonte: Miller; Grampá (2020)

Figura 26_ Página da HQ Demolidor: prefeito Fisk



Fonte: Soule et al (2018)

Moura (2014) destaca alguns recursos da linguagem dos quadrinhos para representar a fala, o pensamento, o espaço e o tempo. É necessário compreender os elementos característicos desse formato para compreender a construção de sentido nas histórias em quadrinhos. Os principais recursos de expressão apresentados pela autora que contribuirão para este trabalho são: balões, legenda, letreiramento e hiatos.

Os balões são um recurso gráfico que representam a fala ou o pensamento dos personagens.

A linha preta e contínua (reta ou curvilínea) do balão é considerada o modelo mais neutro, é o que serve de referência para os demais casos, isso porque ele simula a fala dita em tom de voz normal, por isso, é chamado balão de fala ou balão-fala. Tudo o que se distingue do balão de fala adquire um sentido diferente e particular, ganha outra expressividade. (MOURA, 2014, p. 54)

Um detalhe quase imperceptível para os leitores despretensiosos dos quadrinhos é o apêndice, segundo Moura, uma extensão do balão que se projeta na direção do personagem, indicando quem é o falante. “O apêndice pode acompanhar o contorno do balão ou apresentar caracterização própria” (MOURA, 2014, p. 54).

Já a legenda é um recurso bastante presente nas reportagens em quadrinhos, quando o repórter precisa contextualizar algum acontecimento ou para narrar detalhes dos bastidores, por exemplo.

Letreiramento é o conteúdo dos balões, que também não é tão simples como imagina um leitor menos atento. Há casos, por exemplo, em que o letreiro é expresso por imagens. Importante destacar que o tipo de letra também expressa diferentes sentimentos

no contexto da história. Uma fonte em negrito ou em caixa alta, contraposta a letreiros na mesma história sem essa configuração, pode indicar maior entonação na fala ou mesmo grito.

Figura 27_ Trecho da HQ Um Grande Acordo Nacional



Fonte: Vilalba (2021)

Figura 28_ Trecho da HQ Um Grande Acordo Nacional



Fonte: Vilalba (2021)

A figura 29, extraída do capítulo intitulado “Um vice decorativo”, descreve um personagem ameaçador para a República, e a ampliação de sua imagem para as quatro cenas da página, introspectivo, pode simbolizar a grandeza da ameaça descrita pelo artigo do historiador Luiz Felipe de Alencastro, cujos trechos estão transcritos na página. A legenda transcreve trechos de um artigo do historiador Luiz Felipe de Alencastro, publicado na *Folha de São Paulo*, em 25 de outubro de 2009, intitulado “Os riscos do vice-presidencialismo”¹³. O artigo descreve Temer a ameaça que Michel Temer representava como candidato à vice-presidente na chapa de Dilma Rousseff em 2010. A leitura de “parte do sucesso dos dois mandatos de FHC e Lula repousa, aliás, na escolha de vice-presidentes que cumpriram suas funções com relativa discrição e total fidelidade aos dois presidentes, antes e depois das eleições” (2021, p.141) em contraponto a “um vice que maneja todas as alavancas do Congresso” (2021, p.141) enquanto é estampada

¹³Artigo “Os riscos do vice-presidencialismo”:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2510200908.htm>

uma ilustração acanhada de Temer, expõe a imagem política ex-vice a um julgamento moral que beira a humilhação.

Figura 29_ Trecho da HQ Um Grande Acordo Nacional



Fonte: Vilalba (2021)

Figura 30_ Trecho da HQ Um Grande Acordo Nacional



Fonte: Vilalba (2021)

Já na figura 30, destacamos a reprodução de diversas notícias publicadas à época dando conta da “ameaça Cunha”. O recurso é pertinente em se tratando de HQs jornalísticas que se propõem a apresentar elementos históricos, e contam, além das ilustrações e depoimentos verbais, com reproduções ou colagens imagéticas. No entanto, vimos acima que HQs ficcionais também podem utilizar este recurso, como fez a Marvel com o tweet de Jair Bolsonaro pró-armas.

Ainda sobre páginas compostas apenas por imagens, um exemplo clássico de HQ ficcional são as obras do quadrinista francês Moebius. Na sequência de imagens abaixo, de sua obra *Arzack*, publicada em 2011 pela Nemo, temos um pequeno recorte da ausência verbal (nem legenda, nem balões) que se prolonga por toda a HQ, exceto pela introdução, que situa o leitor no universo da trama. Essa é uma das marcas autorais de Moebius em suas obras solo, no entanto, ele também assina outros títulos em parceria com o roteirista Jodorowsky, em que se mantém o padrão de texto e imagem das HQs tradicionais.

Figura 31_ Trecho da HQ Moebius Arzach



Fonte: Moebius (2011)

Figura 32_ Trecho da HQ Moebius Arzach



Fonte: Moebius (2011)

Sobre isso, é importante destacar, também, o padrão apontado por Postema (2018), de uma estrutura composicional mais complexa que abrange também as lacunas entre os quadros ou vinhetas, às quais ela chama de sarjeta, que podendo estar presentes ou não na HQ, definem, entre outros aspectos da narrativa, a passagem do tempo, a sarjeta também é conhecida como hiato.

Barbosa e Fanti (2020, p.189) pontuam que a primeira pista de reconhecimento de um gênero dá-se pela identificação de sua construção composicional, porém, destaca que só o conjunto dos elementos pode definir o gênero. E, para fechar esse conjunto, o terceiro e, em nossa avaliação, mais complexo dos elementos estáveis de um dado gênero discursivo, é o estilo, ou o que Bakhtin também denomina de expressão. Para o autor, onde há estilo, há gênero e, ainda, é ele que torna infinitas as possibilidades de gêneros discursivos. Portanto, o estilo presente em cada HQ que se pretenda analisar será diverso tanto quanto suas autorias.

Barbosa e Fanti (2020) apontam que o estilo é a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua e, por esse motivo, “a escolha de uma forma gramatical pelo falante é um ato estilístico, que revela características do estilo da linguagem do gênero e do estilo individual do locutor” (BAKHTIN apud BARBOSA; FANTI, 2020, p. 190). Os autores recorrem também a Medviédev, do Círculo de Bakhtin, para reforçar que cada elemento da língua é tomado a partir da avaliação social, por isso a palavra entra no enunciado a partir da vida (e não do dicionário).

A vida, como totalidade de ações, acontecimentos e vivências determinadas, converte-se em enredo, fábula, tema, motivo, somente refratada pelo prisma do meio ideológico, somente encarnada em uma ideologia concreta”, ou seja, apenas quando refletida ideologicamente é que a “realidade bruta”, segundo o autor, pode converter-se em conteúdo da literatura. (MEDVIÉDEV apud BARBOSA; FANTI, 2020, p. 194)

Em suma, para Bakhtin, o conteúdo temático determina as peculiaridades estilístico-composicionais do enunciado. Barbosa e Fanti (2020, p.189) destacam ainda que, enquanto a construção composicional corresponde à estrutura da parte e do todo, o conteúdo temático deve contemplar o todo do enunciado, instaurando-se na relação entre a composição e o estilo.

Dessa forma, seguindo o pensamento bakhtiniano, podemos entender que, a partir de um projeto enunciativo, o locutor, na relação expressiva com o objeto do discurso e com o interlocutor, materializa o seu dizer em um gênero, o qual organiza o discurso via estilo, tema e construção composicional para a interação social. (2020, p. 190)

Em se tratando do gênero que pretendemos demonstrar, o das HQs políticas, o estilo é caracterizado por um discurso crítico, verbal ou não verbal, que estabelece elo com enunciados previamente dados, sejam eles acontecimentos políticos, discursos polêmicos, fatos históricos e contextos sociais diversos, expressando de forma clara um posicionamento ideológico. Esse posicionamento é marcado, em grande parte pela sátira e pelo cômico, categorias estéticas que analisaremos no capítulo 4.

O falante com sua visão do mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos), por outro – eis tudo que determina o enunciado, o seu estilo e composição (...) A expressão do enunciado nunca pode ser entendida e explicada até o final levando-se em conta apenas o seu conteúdo centrado no objeto e no sentido. (BAKHTIN, 2015, p. 297)

Assim, na composição do enunciado de quadrinhos, o texto escrito complementa a ilustração e também com ela ganha sentido, como é possível observar na capa de *Um Grande Acordo Nacional*. A publicação, como o título sugere, trata da articulação golpista por trás do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. A capa (figura 33) traz uma ilustração da candidata eleita em 2014 durante desfile de posse no carro presidencial, sendo excisada do veículo por uma tesoura. Podemos inferir que a ilustração isoladamente significa uma ruptura do processo democrático regular, no

entanto, o famigerado diálogo vazado do senador Romero Jucá (PMDB-RR) e do empresário Sérgio Machado da Transpetro, sobre um grande acordo nacional “com o Supremo, com tudo” para derrubar Dilma Rousseff do cargo, estampa na capa da HQ, sobretudo, as motivações que levaram à interrupção do mandato.

Figura 33 _Capa da HQ política *Um Grande Acordo Nacional*



Fonte: Vilalba (2021)

Essa reciprocidade entre linguagem e ideologia é abordada por Bakhtin ao sublinhar que todo enunciado é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante. Assim, “em diferentes gêneros, podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual” (2015, p.266)

Essa marca da individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc. (BAKHTIN, 2015, p. 279)

Há também que se falar sobre a cumplicidade discursiva entre o autor e o leitor das HQs políticas, resgatando aqui a antidisciplina do autor que reconfigura um discurso criando outro. Bakhtin diz ser insuficientes as funções linguísticas entre os interlocutores no processo da comunicação verbal, em que compreendem os esquemas dos processos

ativos da fala no locutor e os processos *passivos* de percepção e compreensão na fala do ouvinte. Segundo ele, não se pode dizer que o esquema é errado, mas quando estes esquemas pretendem representar o todo real da comunicação verbal se transformam em mera ficção.

O ouvinte ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes, literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (...); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (2015, p. 271)

Para Bakhtin, o que o próprio emissor espera com seu enunciado não é exatamente uma adesão ou uma objeção ao seu pensamento, não simplesmente uma resposta passiva. Dessa forma, cada enunciado é um elo de cadeia muito complexa de outros enunciados, pois “os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes” (2015, p. 275).

É nesse sentido que as HQs políticas configuram-se como um instrumento válido de práxis política, à medida que o querer dizer do autor se realiza acima de tudo na escolha de uma ideologia e de um gênero do discurso. Por esta razão, muitas HQs são utilizadas nas ementas de cursos de graduação como Antropologia, História, Psicologia, Sociologia, Ciência Política, Comunicação Social etc. São exemplos dessas HQs, Maus, Persépolis, Cumbe, V de Vingança, entre outras.

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são tão indispensáveis quanto as formas da língua para um entendimento recíproco entre locutores, dado que o estilo é influenciado também pelo destinatário de cada gênero discursivo.

Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu direcionamento a alguém, o seu endereçamento. À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações –, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (...) e destinatário. (2015, p. 301)

Nesse sentido, propomos, até aqui, como conceito de HQ política, um gênero discursivo, cujos enunciados são estruturados a partir de ilustrações, com ou sem texto

verbal, e que abordam necessariamente conjunturas políticas em sentido amplo, publicadas em mídia exclusiva com narrativa ficcional ou factual. Entendemos que este gênero abarca também as HQs jornalísticas que tratam sobre política e seus desdobramentos sociais.

3.2. Identificando as HQs políticas

O Guia dos Quadrinhos¹⁴ é um grande banco de dados que visa preservar a memória dos quadrinhos publicados no Brasil com informações sobre revistas, editoras, personagens, autores e os arcos das histórias, que são as relações entre personagens e contextos de outras edições que completam os sentidos em casos de publicações seriadas. No site, encontramos publicações desde o ano de 1905, e a curadoria é feita pelo idealizador Edson Diogo e também por colaboradores que realizam o cadastro na plataforma, em geral, leitores e colecionadores de quadrinhos. Entre as orientações para o cadastro de títulos, lê-se: “a finalidade do Guia dos Quadrinhos é cadastrar todas as revistas em quadrinhos que foram publicadas no Brasil. Livros, revistas de informações, guias e *light novels* não devem ser cadastrados” (GUIA DOS QUADRINHOS, 2024).

O rico acervo do Guia conta com 20.393 títulos cadastrados, 127.252 edições, 95.370 capas, 1.834 editoras, 20.784 artistas, 44.504 personagens, e 417.925 histórias. Estes foram os números registrados até o dia 14 de outubro de 2024, quando realizamos a consulta.

Devido ao expressivo repositório do Guia dos Quadrinhos, nele coletamos todo o corpus deste trabalho. De início, a coleta seria feita pelo campo de busca avançada do site, no entanto, HQ política não constava na lista pré-definida de gêneros, o que surpreende, dada a evidência do gênero Política em boa parte das referências, e reforça a importância deste trabalho na busca por uma classificação das HQs a partir dessa temática.

A busca avançada do site é dividida em duas colunas: informações nacionais e informações estrangeiras. O acervo de informações nacionais pode ser acessado a partir das seguintes informações: título, número, editora, licenciador, artista, personagem, categoria, gênero, status, formato e data de publicação. Não localizamos na busca avançada um filtro pelas palavras-chave que costumam compor a ficha catalográfica das

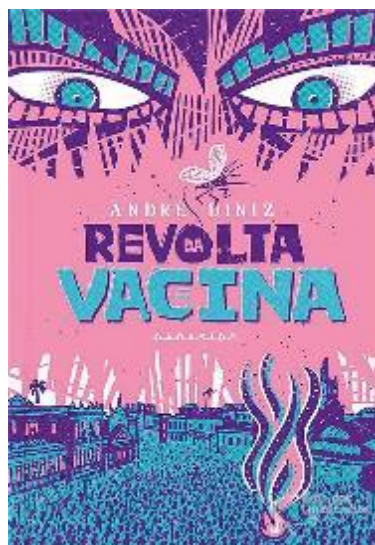
¹⁴ Site Guia dos Quadrinhos: <http://www.guiadosquadrinhos.com/>

publicações, que seria um critério eficiente de indexação. Portanto, utilizamos o campo de busca geral do site a partir das palavras-chave que estabelecemos no primeiro capítulo – política e Brasil – e acrescentamos mais três, dada a necessidade de contemplar publicações que não são compreendidas pelos leitores e usuários que cadastram as revistas no site como HQs políticas, uma vez que este é um termo que pouco se utiliza e um conceito com o qual ainda se pretende contribuir também neste trabalho. As palavras-chave acrescentadas à pesquisa foram, portanto, Bolsonaro, covid e vacina, uma vez que se destacaram no debate público nacional no período que compreende esta análise.

Após definirmos as cinco palavras-chave, partimos para o levantamento no site e eliminamos algumas publicações do corpus conforme critérios relacionados abaixo e detalhados individualmente.

Primeiramente, identificamos que alguns títulos publicados entre os anos de 2019 e 2023 são reedições de HQs que foram elaboradas em outro contexto político e social. Apesar de algumas tratarem de debates ainda atuais, consideramos relevante para esta análise as condições de produção do discurso presente nas histórias em quadrinhos no recorte temporal em que nos propomos investigar, por isso, é essencial que todas as histórias tenham sido elaboradas neste intervalo.

Um exemplo de reedição de tema ainda atual é a *Revolta da Vacina* (2021) de André Diniz, publicada pela Darkside. Apesar de retratar um episódio da história do Brasil do início do século XX, a revista evidencia um movimento antivacina com aspectos convergentes com o que vimos ganhar força durante a pandemia da covid-19, mas jamais poderia retratar o novo contexto e suas implicações.

Figura 34 _Capa da HQ *Revolta da Vacina*

Fonte: Guia dos Quadrinhos (2024)

Eliminamos também títulos de HQs institucionais, produzidas por órgãos públicos, ONGs, ou financiadas por instituições privadas de atividade econômica não-relacionada à edição de livros e revistas, mesmo as que possuem caráter educativo sobre cidadania. Isso porque consideramos essencial, além das condições de produção, as posições ideológicas implícitas ou explícitas no discurso das histórias em quadrinhos para que possamos caracterizá-las como HQs políticas. O conceito de ideologia empregado neste trabalho vem de Bakhtin: “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras (...) ou outras formas signícas” (VOLOCHINOV, 1998 apud MIOTELLO, 2020, p. 169)

Para Bakhtin (1995), os signos surgem da interação entre uma consciência individual e outra, ou seja, através da interação social. O ideológico se manifesta no contexto material dos signos criados pelo ser humano. Esses signos se estabelecem entre indivíduos organizados, servindo como meio de comunicação. Portanto, os signos requerem um espaço interindividual, considerando que se referem a indivíduos que formam um grupo ou uma unidade social. Para o autor, a consciência individual desempenha um papel “socioideológico”. A teoria de Bakhtin se diferencia da Linguística tradicional, entre outros fatores, por compreender o signo como um signo social.

Bakhtin faz uma conexão entre o estudo da ideologia e o estudo da Linguagem, utilizando o método marxista, assinalando que objetos materiais no mundo socialmente

organizando recebem uma função social e passam a significar além de suas materialidades. (MIOTELLO, 2020, p. 170)

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN, 1995, p. 35-36)

Portanto, títulos como *Política, Eu?* (2023), publicado pela Universidade Aberta do Nordeste (UANE) e a Fundação Demócrito Rocha, e distribuído a alunos de escolas públicas de Fortaleza com o objetivo de estimular a compreensão sobre a democracia, suas instituições e valores foram descartados desta análise, já que não expressam ideias valorativas sobre os temas abordados. Dutra e Debom (2021) classificam como cartilha informativa as publicações que buscam divulgar determinado conteúdo, evento, história por meio dos quadrinhos não ficcionais. No entanto, não tivemos acesso à publicação da UANE ou à informação de que poderia se tratar de uma história não ficcional.

Por outro lado, uma HQ de 2023, do Instituto Maurício de Sousa, em parceria com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e o Instituto Questão de Ciência (IQC), de título *Fake News da Vacinação*, buscou combater o movimento antivacina que ganhou força no Brasil durante a pandemia da Covid-19 com apoio do então presidente Jair Bolsonaro. Por se tratar de um posicionamento claro e valorativo contra o discurso apoiado pelo ex-chefe do Executivo Federal, mesmo sem citá-lo, e abordar um tema caro à população em se tratando de políticas públicas, consideramos que a revista se enquadra no gênero de HQ política, subgênero de ficção, destacando que, no conceito Bakhtiniano de ideologia, o lugar valorativo sempre será determinado sócio-historicamente.

Também vale destacar que é possível que uma HQ ficcional aborde temas políticos e não seja uma HQ política, como costuma acontecer em revistas de super-heróis, cujos protagonistas enfrentam forças políticas maléficas, contudo, sem se referir a um evento real. Para que seja considerada uma HQ política, entendemos que o enredo ou tema central da história deve ser uma pauta política baseada ou sugestionando um fato ou contexto político da vida real, trazendo, necessariamente, em seu discurso, um caráter ideológico.

Feitas essas ressalvas, apresentamos o levantamento feito no site Guia dos Quadrinhos de revistas publicadas entre os anos de 2019 e 2023, encontradas por meio das palavras-chave política, Bolsonaro, vacina, covid e Brasil. Anexamos ao final desta tese, uma tabela (tabela 9) com todos os títulos, ano, temática, gênero e observações.

3.2.1. Palavra-chave: política

Por meio da busca pela palavra-chave “política”, foram apresentados 29 títulos com especificação direta de editora, licenciador, período (ano) e número de edições; e 46 histórias; ao todo, 75 referências. Histórias, no catálogo do site, são as narrativas independentes dentro de uma coletânea. Por se tratar de uma investigação sobre as publicações brasileiras, desconsideramos as três referências de títulos estrangeiros que também apareceram na busca. Do total de 75 referências encontradas, nove são publicações feitas entre 2019 e 2023, e classificamos apenas três títulos como HQs políticas, conforme a tabela 1.

Tabela 2_HQs políticas encontradas com a palavra-chave “política”

Palavra-chave: Política			
Título	Ano	Gênero	Subgênero
Brasil 2020 em charges	2020	HQ Política	Jornalismo
Brasil 2021 em charges	2021	HQ Política	Jornalismo
Crônicas de 2020	2021	HQ Política	Híbrido

Fonte: Autora

Duas das publicações classificam-se como HQs políticas jornalísticas por se tratarem de um compilado de charges, já a HQ *Crônicas de 2020* (2021)¹⁵, que também é um compilado de histórias de diferentes autores, nos traz relatos pessoais sobre os dias de isolamento de cada quadrinista, uns ficcionais, outros não-ficcionais, portanto, subgênero híbrido. O principal tema abordado pelas três publicações foi o Governo Bolsonaro e sua gestão da pandemia da covid-19.

¹⁵ No site Guia dos Quadrinhos, consta o ano de 2022 como ano de publicação desta HQ, no entanto, optamos por registrar na tabela o ano que consta na ficha catalográfica da revista.

É necessário elucidar que, por gênero, nos referimos ao gênero discursivo de que estamos tratando neste trabalho, conforme fundamentamos na teoria Bakhtiniana: a HQ política. E, por subgênero, nos referimos ao que Dutra e Debom (2021) classificam como uma divisão macro entre quadrinhos de ficção e não-ficção, assim como o que também classificam como gêneros de quadrinhos não-ficcionais, em que se enquadram as HQs jornalísticas, conforme abordado no capítulo anterior. Dada a duplicidade de terminologia e, também, por considerarmos que as HQs políticas podem contemplar todas as classificações não-ficcionais propostas pelos autores e, ainda, os quadrinhos ficcionais, fez-se necessária a interferência meramente vocabular para uma divisão clara entre os dois eixos aqui analisados. Em resumo, e para melhor fixação, a divisão proposta é a seguinte:

Gênero Discursivo: HQ política

Subgêneros: ficcional, não-ficcional (e seus subgrupos), e híbrido.

E o subgênero não-ficcional abrange os modelos relacionados por Dutra e Debom (2021): biografia, autobiografia, relato pessoal, autoficção, documentário, palestra, divulgação científica, ensaio teórico, trabalho acadêmico, manifesto, manual de instruções, cartilha informativa, *carpet de voyage*, registro histórico, ficção histórica, relatório e jornalismo em quadrinhos, assim como pode abarcar novos modelos que venham a ser identificados ou desenvolvidos nessa circunscrição. É por se tratar de uma classificação que entendemos ser, em certa medida, aberta, que consideramos também a ocorrência de formatos híbridos, principalmente, quando analisamos uma coletânea de histórias independentes entre si.

Figura 35_Trecho da HQ Crônicas de 2020, história de não-ficção



Fonte: Lima; Danesin (2021)

Figura 36_Trecho da HQ Crônicas de 2020, história de ficção



Fonte: Zanotelli (2021)

3.2.2. Palavra-chave: Bolsonaro

Podemos, assim, prosseguir com as referências levantadas durante a pesquisa, desta vez, a partir da palavra-chave “Bolsonaro”. Encontramos três títulos publicados no período estabelecido, dois deles qualificam-se como HQ política, subdivididos entre não-ficção jornalismo e ficção. O terceiro título, *El Perro Feo*, nº2, publicado pela Escória Comix, em 2022, é um compilado de 47 histórias, que, apesar de fazer menções diretas ao ex-presidente Jair Bolsonaro, policiais corruptos, à alta do preço dos alimentos, entre outros assuntos relacionados à política nacional, entendemos não se tratar de uma HQ política porque nem todas as histórias e personagens citados caracterizam-se como tal, prevalecendo na revista histórias de ficção grotescas, escatológicas e de horror não relacionados ao conceito aqui proposto.

Tabela 3_ HQs políticas encontradas com a palavra-chave "Bolsonaro"

Palavra-chave: Bolsonaro			
Título	Ano	Gênero	Subgênero
Ascensão e Queda de Bolsonaro: Efeito Lula	2023	HQ Política	Jornalismo
Crono Xiririca	2022	HQ Política	Ficção

Fonte: Autora

A figura 37 aparece na última página da história *O Imbrochável* de Kaji Pato em que Jairzito é um açougueiro com problemas de ereção que finalmente descobre um tratamento clandestino para o problema e faz uso exagerado da droga. A sátira faz referência ao episódio de 7 de setembro de 2022, quando o ex-presidente puxa um coro de “imbrochável” em cima de um trio elétrico na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, durante seu discurso aos brasileiros no Dia da Independência. Se estivéssemos considerando a análise das histórias independentes para este trabalho, certamente, esta seria classificada uma história em quadrinhos política.

Figura 37_ Trecho da história O Imbrochável na HQ *El Perro Feo*

Fonte: Pato (2022)

Encontramos algumas revistas com essa configuração ao longo das análises: histórias políticas dentro de HQs com outros temas predominantes, e optamos por não incluí-las nas análises do próximo capítulo porque nos interessam aqui apenas as publicações políticas em mídia exclusiva e em sua totalidade, para que possamos caracterizar sem generalizações aquilo que buscou retratar o autor ou a publicação principal.

3.2.3. Palavra-chave: vacina

Já sobre os títulos classificados como HQ política na tabela 4, da palavra-chave “vacina”, chamamos atenção para a presença do título infantil, que reforça a possibilidade de abordar questões políticas com esse público por meio dos quadrinhos e de ficção. Na busca feita com a palavra-chave “vacina”, foram encontradas oito referências, sete delas são títulos da Turma da Mônica, no entanto, com conteúdo educativo e histórico. *A Turma da Mônica – Fake News da Vacinação* difere-se das demais como HQ política devido ao contexto em que foi publicada. Mesmo não fazendo referência à ex-gestão do Executivo Federal, que se mostrou simpatizante ao movimento antivacina durante a pandemia da covid-19 em diversos pronunciamentos públicos, a revista tenta combater o discurso negacionista posicionando-se favorável à vacinação da população, sobretudo de crianças, conforme expusemos acima.

Tabela 4_ HQs políticas encontradas com a palavra-chave "vacina"

Palavra-chave: Vacina			
Título	Ano	Gênero	Subgênero
Turma da Mônica - Fake News da Vacinação	2023	HQ Política	Ficção

Fonte: Autora

3.2.4. Palavra-chave: covid

Já na busca feita por meio da palavra-chave “covid” encontramos cinco títulos, e classificamos dois como HQ política, sendo um dos títulos *Crônicas de 2020*, que já apareceu anteriormente no filtro “política”. O segundo título é um relato pessoal do cartunista Caco Galhardo e, apesar da narrativa leve, não deixa de expor o noticiário político brasileiro daquele período, com foco na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Em entrevista à Folha de São Paulo, em 14 de dezembro de 2021, o autor explicou: “Nós estávamos enfiados dentro de casa trabalhando, enquanto o Bolsonaro atrapalhava tudo. É como se a gente tivesse vivido duas pandemias no Brasil. Então o livro também é um retrato desse momento caótico, do qual estamos saindo agora.”.

Tabela 5_ HQs políticas encontradas com a palavra-chave "covid"

Palavra-chave: covid			
Título	Ano	Gênero	Subgênero
Crônicas de 2020	2021	HQ Política	Híbrido
Cinco Mil Anos Mais Um de Covid	2021	HQ Política	Relato pessoal

Fonte: Autora

3.2.5. Palavra-chave: Brasil

Partimos, agora, para a palavra-chave que aglutinou o maior número de referências: “Brasil”. Acontece que, no sistema de busca do Guia dos Quadrinhos, o termo foi associado a títulos que envolvem edições brasileiras de publicações estrangeiras com temas variados, biografias de brasileiros, História do Brasil, entre outros contextos que não são relevantes neste trabalho. O levantamento inicial foi de 146 HQs, das quais 15 foram classificadas como HQs políticas dentro do conceito proposto neste trabalho.

No filtro pela palavra Brasil, alguns títulos que já apareceram nas buscas anteriores, surgem novamente, como a coletânea Brasil em Charges de Gilmar Barbosa. Esta HQ e suas sequências, especialmente, nos remetem à discussão do capítulo 2 sobre a classificação das charges como narrativa sequencial.

Ainda sobre este filtro, é importante pontuar que não conseguimos acesso a 12 títulos que apareceram nas referências do site e que foram publicados entre 2019 e 2023. Foram eles, Agata #1; Agata #2; Agata #3; Badaró #1; Badaró Especial; Kuri Special Showcase; Brasil; Segunda Feira Eu Paro; Mundo Gibi #4; Mundo Gibi #5; Miolo Frito, Somos Apaixonados; e Mundo Gibi #6.

Ao analisarmos os títulos nesta etapa, consideramos importante destacar um segundo gênero discursivo que muito se aproxima das HQs políticas: as HQs filosóficas. O novo gênero foi observado na leitura da HQ *Psicopompo* (2020), de Otávio Aragão e Carlos Holanda, que conta a história fictícia de Miguel, um adolescente escolhido por seres mitológicos e celestiais para mediar um grande conflito na Terra. Entendemos que,

enquanto as HQs políticas tratam de tópicos objetivos e concretos do dia a dia, as HQs filosóficas abordam questões mais abstratas e teóricas que nos levam a refletir sobre a existência, a realidade, a moral, a ética e por isso ambas se cruzem em muitos pontos e frequentemente se complementam. A política, como já vimos, lida diretamente com o poder, a gestão de recursos, e a organização social, buscando soluções práticas para problemas que envolvem a convivência de pessoas e grupos com interesses diversos. Ela está no campo da prática e da ação, enquanto a filosofia ocupa o campo da reflexão e da análise crítica, um exercício fundamental para a compreensão política das sociedades. Em Abbagnano (2012, p.514), a definição contida no *Eutidemo*¹⁶ de Platão é apresentada com a que melhor articula os díspares conceitos de filosofia, que seria “o uso do saber em proveito do homem”.

Tabela 6 _ HQs políticas encontradas com a palavra-chave "Brasil"

Palavra-chave: Brasil			
Título	Ano	Gênero	Subgênero
1984 - Brasil, Distopia, Paranoia	2023	HQ Política	Ficção
Badaró #2	2023	HQ Política	Jornalismo
Diamba	2023	HQ Política	Jornalismo
Brasil 2022 em charges	2022	HQ Política	Jornalismo
Brasil 2021 em charges	2021	HQ Política	Jornalismo
Depois que o Brasil acabou	2021	HQ Política	Ficção
Olho de Vidro – Manguetown	2021	HQ Política	Ficção
Brasil 2020 em charges	2020	HQ Política	Jornalismo
DIVAS Brasileiras	2020	HQ Política	Ficção
Supermercadinho Brasil	2020	HQ Política	Ficção
Brasil 2019 em Charges	2019	HQ Política	Jornalismo
Carne Viva	2019	HQ Política	Ficção
Batman: O Mundo	2021	HQ Política	Ficção
Amor de Gringo	2022	HQ Política	Jornalismo
Angela Davis: Edição Brasileira	2022	HQ Política	Biografia

Fonte: Autora

¹⁶ escrito por volta de 384 a.C

Continuando as análises sobre as HQs encontradas sob a palavra-chave “Brasil”, precisamos recorrer a um novo filtro de corpus para as HQs *Almanaque Guará* e *Minhocazine*, isso porque a HQ *Almanaque Guará*, com todos os volumes publicados entre 2019 e 2023, totaliza 12 edições, e a HQ *Minhocazine*, 36 edições. Optamos, portanto, por uma amostragem representativa, partindo de Richardson (2008) para definirmos um critério de amostragem aleatória simples. O autor descreve que um método apropriado para selecionar ao acaso elementos que constituem uma amostra da qual se possui uma lista completa dos elementos que formam parte da população é o uso de simples dados para sorteio.

A lista completa de elementos denomina-se marco de referência ou base de amostragem. No caso de selecionar os elementos diretamente dessa lista, a amostra escolhida será denominada aleatória simples ou ao acaso (...) A representatividade da população nessas amostras é guiada pelas leis da probabilidade. Isso quer dizer que, de acordo com o modo como se seleciona a amostra em relação à população, ela terá uma probabilidade adequada de ser representativa da população. (RICHARDSON, 2008, p. 162)

Assim, selecionamos seis volumes aleatórios para a classificação de gênero da *Almanaque Guará* (volumes 1, 4, 5, 6, 8 e 10). E para a coleção *Minhocazine*, com o mesmo critério de seleção aleatória também analisamos seis edições (4, 7, 8, 21, 31 e 36).

Surpreendeu-nos que nenhuma das edições da *Minhocazine* trata-se de HQ em mídia exclusiva, mas caracterizam-se, sim, como uma revista humorística de temas da atualidade com textos opinativos, quadrinhos, testes, passatempos, fotonovelas, entre outros formatos que lembram o estilo de publicação d'O Pasquim. E por não se tratar de HQ em mídia exclusiva, portanto, não prosseguimos com a classificação dos seis títulos.

Figura 38_Crônica na revista *Minhocazine*

O HOMEM QUE SE CHAMAVA ERI JOHNSON MAS NÃO ERA O ERI JOHNSON

por raquel real
ilustração por marcelo munster

Nossa equipe de Jornalismo Investigativo
se encontrou com Eri Johnson,
o homem que não é o Eri Johnson.



Uma tarde de domingo passando pela Av Paulista fechada, encontro ele: Eri Johnson, um homem que aparenta ter lá seus 37 anos, uma barba por fazer e cabelos bem aparados com costeletas esbranquiçadas. Eri Johnson veste uma Ralder e caminha em minha direção.

"Olá. Eu sou o Eri. Eri Johnson, prazer"

Eri não parece ter vergonha nenhuma de seu nome, o que fica mais evidente pela sua sugestão de irmos até um Starbucks conversar.

Johnson pede um Latte Macchiato e um Cinnamon Roll. Não parece ser um homem saudável e que joga futebol com a galera do Leblon. Começamos a conversar e a primeira pergunta que lhe faço é o motivo de seu nome ser Eri Johnson.

Ele me responde que é a junção dos nomes de seus pais Erinete e John e o "son" vem de "filho", em inglês.

Subitamente somos interrompidos por uma mulher gritando seu nome: "Eri Johnson!" "Eri Johnson".

Noto que o Starbucks inteiro olha em direção à atendente do balcão na expectativa de ver um artista global.

Eri se levanta, pega seu Latte e seu Cinnamon e volta:

"Eu sempre decepção as pessoas".

Nesse momento muitas questões começam a surgir na minha cabeça: "será que esse rapaz gostaria de ter outro nome ou ser o Eri Johnson?", "Será que ele também é amigo da Carol Dieckman e do Bell Marques do Chiclete com Banana?" "Porque seus pais não colocaram simplesmente "Junior"?"

Mas me contenho e sigo com meu trabalho. Pergunto se além da sensação de decepção as pessoas ele tem alguma outra questão que o incomoda por ser um homônimo de uma pessoa famosa.

Ele para, olha pra mim, tira um pino do bolso, dá um teco e me responde: "A única vez que realmente fiquei chateado foi na hora de criar a minha conta no Instagram. Eu fui obrigado a ser o @Eri Jonson_1".

Confesso que estranhei a atitude de Eri cheirar pó em plena luz do dia no Starbucks. Mas sou só uma jornalista fazendo o meu trabalho. Saio desse encontro com uma única conclusão: Eri Johnson não dá pinta de Eri Johnson.

Figura 39_Fotonovela da revista *Minhocazine*

Fonte: MARQUES (2023)

Figura 40_Fotonovela do *Pasquim*, AnoIV, 281

Fonte: O Pasquim (1972)

A edição nº 5 da HQ *Almanaque Guará* traz, no segundo episódio da história *Eu sou Lume*, uma personagem que faz referência à vereadora Marielle Franco (Psol-RJ), assassinada brutalmente, em março de 2018, supostamente, devido à sua luta por justiça social que interferia nos interesses de outros membros do poder público não julgados até a conclusão desta pesquisa. Na trama, a vereadora Marcele Franco lidera uma CPI para investigar o desaparecimento de jovens na periferia da cidade fictícia de Esperanza, que podem estar relacionados com os atendimentos em clínicas comunitárias criadas para camuflar o esquema de esterilização em massa das crianças e adolescentes periféricos. Além de genocídio, a sequência da história nos volumes seguintes da HQ envolve racismo, violência contra mulher, violência institucional entre outros problemas sociais que vitimizam diariamente as populações em situação de vulnerabilidade. No entanto, apesar de se tratar de uma história evidentemente política, esta é apenas uma das muitas que compõem a HQ que, em seu conjunto, não configuram HQ política.

Outro super-herói que ganha destaque na pesquisa é o da HQ *Batman – O Mundo*, publicada pela DC/Panini em 2021, ficção sobre o personagem da DC que conta suas aventuras em passagem por 14 países, incluindo o Brasil. Na história que se passa

no Brasil, assinada por Carlos Estefan e Pedro Mauro, Batman investiga suspeitas de corrupção nas indústrias Wayne em expansão no país, o conglomerado fictício com sede na também fictícia Gotham City, nos Estados Unidos, é propriedade de Bruce Wayne, o Batman sem capa para os que não estão familiarizados com a saga. A investigação se dá na cidade de São Paulo e os alvos são um pastor, um empreiteiro, um deputado federal, um senador e um banqueiro, não coincidentemente, personas que protagonizam escândalos diariamente no Brasil. Ao tempo em que fala de corrupção envolvendo as instituições brasileiras, a HQ também aborda as desigualdades e conflitos sociais, conforme figura 41, caracterizando-se, portanto como uma HQ política.

Figura 41_Trecho da HQ Batman – O Mundo



Fonte: Estefan; Mauro (2021)

Gostaríamos de destacar também a HQ *1984 Brasil, Distopia e Paranoia* publicada em 2023 pela Draco, um compilado de seis histórias fictícias que tratam sobre temas políticos como eleições, autoritarismo, fake news, negacionismo, entre outros. Embora nem todas as histórias façam menção direta ao ex-presidente Jair Bolsonaro, todas remetem a algum contexto político vivido no Brasil entre 2019 e 2022. Já no prefácio da obra, escrito por Fábio Fernandes, fala-se que qualquer semelhança do governo Bolsonaro com o original 1984 de George Orwell não é mera coincidência:

Se os anos da ditadura militar, 1964 a 1985, ficaram gravados no imaginário popular como os anos de chumbo, os anos do governo Bolsonaro entrarão para a História como anos sombrios, de um profundo desrespeito às liberdades individuais, de negacionismo histórico e científico, de manipulação do noticiário e até mesmo de uma declarada repulsa aos valores democráticos, acenando para líderes neopentecostais no sentido de repudiar a ideia de um Estado laico e abraçando um ideário onde a liberdade de culto e de crença poderiam ser erradicados. (FERNANDES, 2023, p.4)

Por ser assim, definimos como temática da publicação o Governo Bolsonaro. Essa classificação importa para as análises do capítulo seguinte que se darão apenas em torno das categorias estéticas das HQs políticas que tratam da gestão presidencial 2019-2022.

Por fim, encontramos a HQ brasileira *A Urna*, da ilustradora Amanda Miranda, publicada em 2022 pela editora Mostra quando buscávamos informações sobre outro título da editora que consta na lista da palavra-chave Brasil. A HQ ficcional de horror aborda o absurdo das Fake News sobre a urna eletrônica difundidas durante o Governo Bolsonaro. Uma HQ política encomendada pelo Aos Fatos, organização jornalística dedicada à investigação de campanhas de desinformação e à checagem de fatos, e que, curiosamente, apesar de não aparecer entre as referências do Guia dos Quadrinhos, foi finalista do CCXP Awards 2022 nas categorias Melhor Tira e Web tira; e Melhor Arte-finalista, portanto, cabe aqui a menção.

Figura 42_Trecho da HQ *A urna*



Fonte: Miranda (2022)

4. Configuração estilística das HQs políticas

Durante o período clássico, filósofos e autoridades gregas viam o humor como um instrumento social potencialmente perigoso, capaz de gerar situações desconfortáveis. Com o desenvolvimento da comédia grega, tornou-se mais evidente uma rejeição específica a essa expressão considerada vulgar ou grotesca.

Na Idade Média, o riso também fora encarado como potencial ameaçador aos poderes instituídos. De forma ambivalente, o riso popular também era associado às festas, ao carnaval e às manifestações de cultura popular, frequentemente subvertia as hierarquias e as normas sociais, criando espaços de liberdade expressiva que podiam ser vistos como uma ameaça por autoridades eclesiásticas e políticas.

Pensamos no humor como gratuito e não funcional, mas isso está longe da verdade. Ao contrário, uma de suas funções mais tradicionais tem sido a reforma social. Se homens e mulheres não podem ser convencidos à virtude através da repreensão, talvez o sejam através da sátira. (EAGLETON, 2020, p. 43)

Em 1933, o filósofo e esteta francês Étienne Souriau desenvolveu um diagrama com 24 categorias para analisar objetos artísticos. O objetivo era captar uma ampla variedade de categorias estéticas, resultantes das relações afetivas entre o objeto e o público. Essas categorias surgem do esforço de situar expressões artísticas em diferentes configurações estéticas, propondo um “método” de análise que pudesse responder a questões como “Do que se trata a arte?” e “Até que ponto ela tem autoridade sobre o pensamento?”

Assim, conheceremos a importância e a abrangência filosófica da ideia de método artístico. O pensamento, mesmo em suas atividades mais racionais e úteis, nem sempre tem a possibilidade de se apoiar em um contato com o fato, com um ser independente de sua operação. Acontece que ele deve suprir lacunas, ultrapassar fronteiras da experiência atualmente possível, imaginar e tentar realizar extensões perspectivas do *hic et nunc*. Em tais casos, onde o ser falta em sua alavanca, que apoio resta para ele? A arte. Portanto, não é como força emotiva, desestabilizadora, ou mesmo determinante; e muito menos como atividade instauradora que a arte intervém na posição metodológica que queremos aqui defender; é como método, como *organum*; é no sentido de que fornece apoio, no sentido do que dá, pelas leis que espontaneamente respeita, exemplos de sucesso na instauração;

e define as condições desse sucesso. Nada de grandioso, real e, no entanto, novo se realiza sem arte. (SOURIAU, 1933, p.169. Tradução nossa)

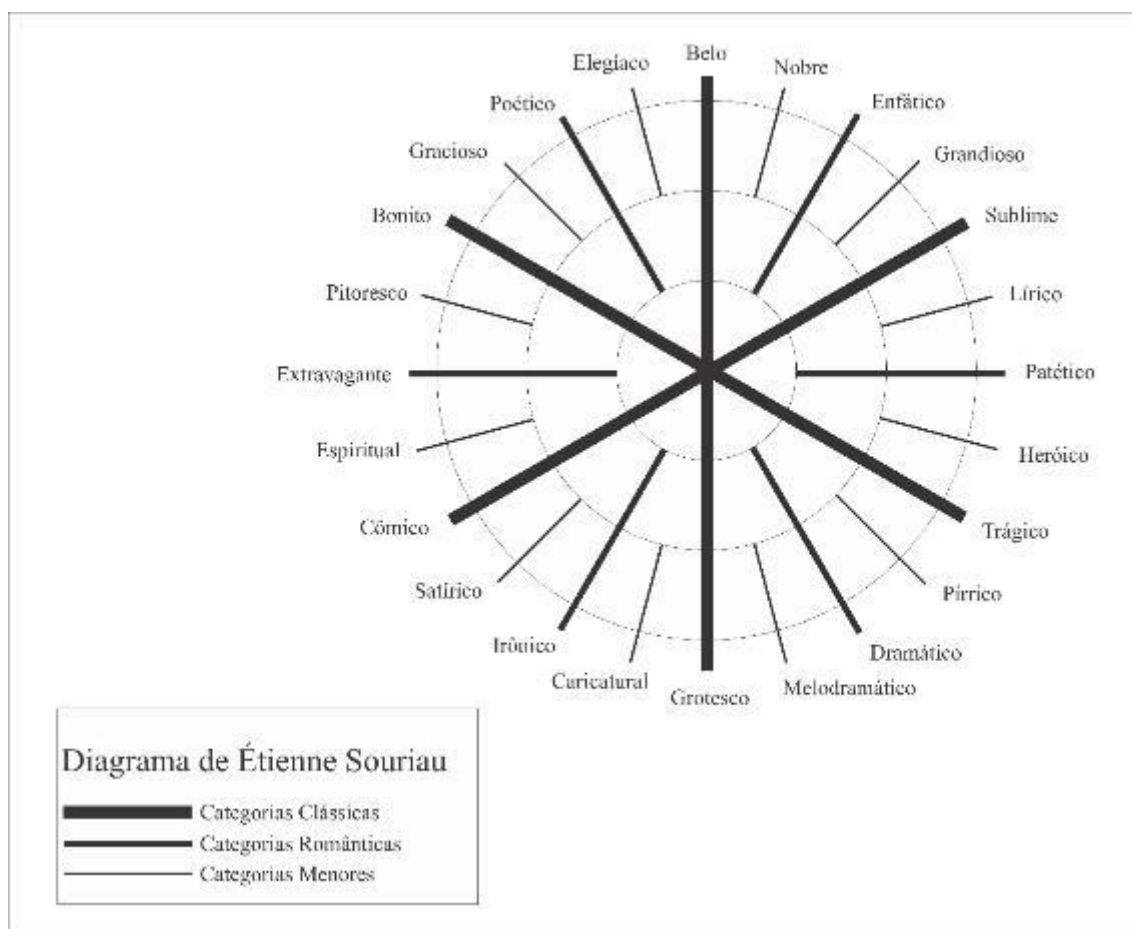
A partir de Souriau, Silva (2010) propõe uma estética utilitária dessas categorias na publicidade, advertindo, assim como o francês, que a fluidez dos fenômenos estéticos faz dessas categorias apenas indicadoras, oferecendo orientação sem impor um caminho fixo: “o número de zonas que compreendem os fenômenos estéticos é ilimitado, e por tal razão o quadro sinótico oferecido pelas categorias deve ser visto como formulações em aberto, quadro que pode ser preenchido por outras tipologias” (SILVA, 2010, p. 92). Acrescentamos que isso é especialmente válido quando o diagrama de Souriau é aplicado a objetos distintos daqueles em que as reflexões originais sobre essas categorias foram formuladas, como é o caso dos quadrinhos. Reconhecemos também a possibilidade de que mais de uma categoria possa coexistir em uma mesma peça.

Ora, são apenas questões de detalhe, embora importantes. Por outro lado, o ponto de vista estético está aqui totalmente de acordo com o ponto de vista lógico. O gosto por si só seria suficiente para excluir as disparidades de tom, os sorrisos ou os conceitos deslocados. Como dizia Nicolas Poussin sobre o abuso do detalhe pitoresco em grandes temas: ‘Não se deve misturar o modo frígio com o modo dórico’. No entanto, esses detalhes são indícios consideráveis quanto às tendências que revelam e ao tipo de persuasão que um autor confessa buscar. (SOURIAU, 1933, p. 179. Tradução nossa.)

A construção do diagrama de Souriau baseia-se nos dois paradigmas estéticos mais significativos da história da civilização ocidental: o ideal clássico e o ideal romântico. Além dessa base, o autor expande o conjunto de classificações para incluir categorias “menores”, incorporando, assim, o que Silva chama de “as pequenas esferas do sensível”.

Mais tarde, Souriau revisou e modificou o diagrama, removendo dele o sublime e o poético. O sublime, segundo Silva (2010, p. 93), foi excluído por seu vínculo com o sentimento de transcendência e excesso, capaz de transformar qualquer valor estético. O poético foi retirado por representar um a priori de toda axiologia estética — “sem a poeticidade, nada de beleza, lirismo etc.”. No entanto, permaneceram as seis categorias que analisaremos neste trabalho, ligadas ao riso, sobre as quais nos concentraremos. São elas: o cômico e o grotesco, na vertente clássica; o irônico, na vertente romântica; e o espiritual ou humor, o caricatural e o satírico, nas categorias menores.

Figura 43_Diagrama estético de Étienne Souriau



Fonte: Silva (2010)

4.1. Categorias estéticas do riso

Cômico

Essa categoria remete à origem do teatro cômico, ao riso provocado pela falha ou pela infâmia alheia, com o exemplo clássico do bobo da corte. Ela revela contradições que se diferenciam da tragédia em seus fins e aspirações: na tragédia, são nobres e essenciais; no cômico, não são vitais, e, portanto, não devem ser levadas a sério. O que parecia profundo mostra-se vulgar; o que aparentava riqueza revela-se pobre; o pleno, vazio; o elevado, mesquinho. O fundamento do cômico é justamente a redução de uma aparência enganadora, revelando sua verdadeira natureza. Esse processo de desvalorização da realidade carrega uma crítica social que é eficazmente explorada pelos chargistas e cartunistas.

Adotando o ponto de vista aristotélico, Benedetto Croce entende que a reação do espectador diante do cômico traz uma decepção que é compensada pela liberação de uma força psicológica acumulada. Essa também é a compreensão de Kant, pois para ele o cômico reside no relaxamento de uma tensão – portanto trata-se de um processo catártico. (SILVA, 2010, p. 95)

O cômico é o exato oposto do sublime no diagrama. Conforme Silva, o sublime manifesta-se como algo desmedido tanto na natureza quanto na vida humana. Ele envolve uma espécie de submissão do indivíduo à imensidão e ao poder avassalador, que paradoxalmente se transforma em prazer. Para o autor, a categoria estética do sublime dificilmente será identificável nos objetos industrializados, ou na cultura massificada.

Grotesco

O grotesco afasta-se do real, provocando no espectador um "estranhamento" do mundo por meio do absurdo ou do inexplicável. No diagrama, posiciona-se em oposição ao belo que, além de ser um valor presente em todo fenômeno estético, é tomado aqui como uma categoria cujo objeto possui estrutura formal e “produz um prazer equilibrado ou um gozo harmonioso” (SILVA, 2010, p. 96).

Essa categoria relaciona-se com o fantástico, o insólito, o absurdo, o horror e o antinatural, aproximando o objeto do feio e do monstruoso — como exemplificado pela figura 37 em que se expõe Jair Bolsonaro estripado. Souriau (1999 apud SILVA, 2010, p.93) observa que “o grotesco, como categoria estética, se situa na intersecção de outras esferas: como a do cômico, do fantástico, do bizarro e do pitoresco”, suscitando tanto o medo quanto o riso nervoso. Silva ainda destaca modalidades nessa categoria associadas à escatologia, à teratologia (o estudo das anomalias e malformações humanas), aos excessos corporais e às partes baixas do corpo. O grotesco, contudo, distingue-se do cômico por desfigurar a realidade em si, e não apenas sua aparência. Seu vínculo com o riso se expressa em tudo o que é vulgar, cruel ou grosseiro.

Irônico

Essa categoria situa-se no limite sutil entre o humor e a sátira. Diferente desses, a ironia constitui uma crítica velada, que se revela nas entrelinhas e se aprofunda quanto mais oculta estiver. Por isso, é preciso saber interpretá-la, pois não se expressa de modo

direto: “diz mais do que diz”. O irônico faz o objeto desaparecer por trás de uma aparente elevação, evitando tanto a abertura generosa do humor quanto o ataque direto da sátira. Nesse limiar, surge a ironia humorística, com traços de compaixão, que não agride; e também a ironia mais amarga, implacável. Com sua abordagem especulativa, Souriau observa que essa categoria cria um vínculo de simpatia e cumplicidade entre o indivíduo e o objeto. No diagrama, por óbvio, essa categoria está em contraste com o enfático, já que não se manifesta às claras.

Espiritual ou Humor

A principal característica dessa categoria é que, ao contrário do cômico e da sátira, com os quais se relaciona, ela não provoca gargalhadas, mas sim um sorriso, ou um riso contido, que busca mais compreender do que destruir. É um riso complacente, diferente do riso solto e exagerado da comédia. Sua crítica também aparece na desvalorização do real, como ocorre no cômico, mas de forma parcial e suave, preservando uma certa simpatia pelo objeto.

Souza e Passos (2021) observam em publicações de memes políticos no site *El Pais*, uma complacência com o ex-presidente Lula por meio da categoria espiritual que prevalece na curadoria dos memes, em contraposição ao tom satírico que se observa na seleção daqueles que trazem personagens como o ex-juiz Sérgio Moro, considerado o algoz de Lula durante a Operação Lava Jato. Sobre um meme selecionado pelo veículo que mostra uma montagem de Lula com camisa do Corinthians durante julgamento ao ex-juiz com legenda “há 10 anos não ganha nada”, os autores analisam:

O meme que já deslocava a crítica para o time paulista, recebe um reforço do veículo no desvio de seu alvo e atinge o responsável pela prisão de Lula. Além disso, a posição privilegiada e repetida de um meme que não faz crítica direta à figura do ex-presidente, mas do time de futebol e/ou ao juiz Sérgio Moro dá o tom de uma matéria de crítica leve a Lula e uma possível tendência a expor seu algoz, criticando a prisão e não o prisioneiro. (SOUZA; PASSOS, 2021, p. 239)

Caricatural

De acordo com Silva (2010), a principal característica dessa categoria é a deformação chocante ou horrenda, odiosa ou ridícula de uma pessoa, objeto, situação etc.,

que, apesar disso, permanece reconhecível em sua essência. Ela se aproxima do grotesco ao adotar a feiura como padrão estético. Ao contrário do que se pode imaginar, a caricatura não é exclusiva do desenho, mas é uma categoria presente em toda a arte, como vimos em Lima (1963) quando cita os caricaturistas verbais brasileiros, podendo ser identificada na escultura, no teatro, na música, nas crônicas e em outros meios.

Satírico

Na sátira, não há espaço para a simpatia. Quando presente em um objeto ou fenômeno sensível, ela provoca imediata repulsa ou desaprovação. Por isso, seus objetos costumam estar associados ao despotismo, à corrupção moral, social ou política, aos vícios públicos ou privados, à burocracia, entre outros temas caros às HQs políticas e ao jornalismo em quadrinhos. Em comparação ao humor, a sátira é mais agressiva, destrutiva, e revela o lado negativo e vulnerável do objeto. O riso aqui é desprovido de ternura, carregando consigo sentimentos de indignação ou ira.

Essa classificação dos atributos que provocam o riso será útil não apenas para definir o estilo das HQs políticas que fazem referência aos anos de 2019 e 2022, como veremos a seguir, mas também para analisá-las como ferramentas de ativismo e posicionamento político, pois a escolha de uma categoria pode determinar o tom da crítica, podendo acusar ou inocentar um personagem, por exemplo.

Sobre o uso desta categoria no “jornalismo humorístico”, Souza e Passos (2021) também apontam a seleção de memes satíricos sobre o ex-presidente Lula para ilustrar matérias aparentemente despretensiosas com títulos como “Veja memes após a prisão de Lula”. Para os autores, a curadoria dos memes obedece a um perfil editorial que enquadra o ex-presidente na condição de vilão em uma narrativa construída ao longo de um período mais extenso.

4.2. Análise estética das HQs políticas

Os quadrinhos apresentam diversos formatos, cada um com características relativamente estáveis, como a charge; o cartum, que se diferencia da charge por não estar necessariamente vinculado ao noticiário ou a acontecimentos reais; a tira cômica, que predomina nos jornais diários; as tiras seriadas, centradas numa história narrada em partes; e a tira cômica seriada, produzida em capítulos. Ramos (2010), no entanto, aponta

para o surgimento de novos formatos, aos quais qualifica como “tiras livres”, que se caracterizam, especialmente, pela ausência de humor como piada, assim como pela liberdade temática e de abordagem, “liberdade compartilhada com o leitor, que pode fazer uma interpretação pessoal sobre o que leu, pois muitas dessas tiras apresentam um final aberto”, segundo Moura (2014, p.53).

Moura (2014) propõe uma metodologia de análise dos quadrinhos com seus recursos gráficos e a relação entre palavras e imagens a partir de autores como Paulo Ramos, Barthes, Scott McCloud e Maingueneau, que servirá também como base para nosso protocolo de análise. McCloud (1995, p.9) aponta que a justaposição de imagens em sequência deliberada visa produzir uma resposta no espectador. Sobre isso, Moura observa uma relação com a noção de interatividade constitutiva proposta por Maingueneau (2011): ao afirmar que os quadrinhos são destinados à transmissão de informações e à produção de uma resposta no leitor: “Ambas as atividades demonstram que também nos quadrinhos o enunciador leva em consideração a existência de outra instância de enunciação à qual ele se dirige e com relação à qual constrói seu discurso” (MOURA, 2014, p.47).

Com base nessa resposta ativa do espectador, também defendida por Bakhtin, como já mencionamos, é que as categorias estéticas despertam sentimentos particulares de acordo com seus elementos constitutivos, como as que estimulam o riso por meio da ironia, da comicidade ou da caricatura, por exemplo. Para uma identificação mais objetiva das categorias estéticas presentes em cada unidade do nosso *corpus*, propomos a seguinte tabela com as principais características de cada categoria humorística:

Tabela 7 _Características objetivas das categorias estéticas de Souriau

Categoria	Características
Cômica	Rebaixamento pessoal; Desperta compaixão.
Grotesca	Exposição genital; Excrementos físicos; Assimetria; Horror; Anomalias corporais; Fantástico.
Irônica	Quebra de expectativa; Mensagem subliminar.
Espiritual	Desvalorização do real;

	Simpatia pelo objeto.
Caricatural	Exagero das características físicas; Deformação reconhecível.
Satírica	Autoritarismo; Falha moral; Desperta ira.

Fonte: Autora

4.2.1. Definição do corpus

As HQs analisadas nesta etapa serão as sete classificadas como HQs políticas que ocuparam-se de temáticas relacionadas à gestão do governo federal durante os anos de 2019 e 2022, dada a justificativa deste trabalho de compreender como as vozes alternativas transmitem seus posicionamentos críticos em tempos de crise política no Brasil. São elas: *Brasil 2019 em charges*; *Brasil 2020 em charges*; *Brasil 2021 em charges*; *Brasil 2022 em charges*; *1984 - Brasil, Distopia, Paranoia*; *Ascensão e Queda de Bolsonaro: Efeito Lula*; e *Crono Xiririca*, conforme tabela 6.

Tabela 8_HQs políticas com a temática "Bolsonaro" e/ou espectro bolsonarista

Palavra-chave: política				
Título	Ano	Temática	Gênero	Subgênero
Brasil 2020 em charges	2020	Bolsonaro	HQ Política	Jornalismo
Brasil 2021 em charges	2021	Bolsonaro	HQ Política	Jornalismo
Palavra-chave: Brasil				
Título	Ano	Temática	Gênero	Subgênero
1984 - Brasil, Distopia, Paranoia	2023	Bolsonaro	HQ Política	Ficção
Brasil 2022 em charges	2022	Bolsonaro	HQ Política	Jornalismo
Brasil 2021 em charges	2021	Bolsonaro	HQ Política	Jornalismo
Brasil 2020 em charges	2020	Bolsonaro	HQ Política	Jornalismo
Brasil 2019 em Charges	2019	Bolsonaro	HQ Política	Jornalismo
Palavra-chave: Bolsonaro				
Título	Ano	Temática	Gênero	Subgênero
Ascensão e Queda de Bolsonaro: Efeito Lula	2023	Bolsonaro	HQ Política	Jornalismo
Crono Xiririca	2022	Bolsonaro	HQ Política	Ficção

Fonte: Autora

Três HQs políticas que tratam do tema pandemia e mencionam, indiretamente e/ou minoritariamente, a gestão de Jair Bolsonaro não foram incluídas nas análises estéticas: *Crônicas de 2020*; *Cinco mil anos mais um de covid*; e *Fake News da Vacinação*.

Para uma análise mais direcionada às narrativas sobre o contexto político e não apenas sanitário, nosso recorte se dá nas menções diretas ou ilustrações do ex-presidente, muito embora consideremos igualmente relevantes para a compreensão do contexto as críticas metafóricas ou algumas ausências imagéticas que também podem comunicar precisamente um fato.

Sobre isso, consideramos pertinente uma breve exposição sobre a HQ *Turma da Mônica – Fake News da Vacinação*, que não se atém diretamente à gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro, e não se caracteriza como uma publicação humorística, mas como uma cartilha educativa ficcional. Na trama, uma família manipulada por fake news é tratada com um zelo pedagógico pelo autor. Com empatia, outros personagens tentam convencê-la de que vacinar pode salvar vidas.

Moura (2014) aponta a função dos balões nas histórias em quadrinhos como estratégias de representação da oralidade em turnos conversacionais. Para a autora, com base em Maingueneau (1998), “a observação dos turnos de fala deve levar em consideração se eles se cruzam ou não, se há silêncios, se há equilíbrio entre as contribuições dos parceiros e a atitude do coenunciador” (2014, p.56). Na figura 44, é clara a relação de alternância entre falantes, sem assaltos de turno, sinalizando respeito mútuo entre os interlocutores.

Diferentemente das HQs que analisaremos abaixo, em que personagens alinhados ao discurso bolsonarista são representados como tipos cômicos, aqui, prevalece uma aparente neutralidade de julgamento, embora já tenhamos defendido neste trabalho a onipresença de tendências ideológicas no âmbito discursivo, ou seja, uma referência ideológica implícita. Entendemos que o posicionamento do autor nesta publicação se manifesta na defesa da vacinação, que, em princípio, não bastaria para caracterizar-se como um ato político, mas dado o contexto sócio-histórico, representa, sim, em alguma medida, um enfrentamento aos discursos antivacina impulsionados pelo ex-presidente da República, portanto, trata-se também de uma HQ política.

Figura 44_Diálogo sobre fake news da vacinação



Fonte: Sousa (2023)

Dando sequência à apresentação da metodologia e subsequente análises, destacamos que este trabalho não visa uma análise estética quadro a quadro das sete HQs políticas relacionadas na tabela 6, mas uma compreensão do estilo humorístico que se manifesta entre texto verbal e imagem nas referências de cada uma à gestão do governo federal em meio à pandemia. Quase totalidade dos títulos que resultaram deste filtro são coletâneas de charges ou histórias independentes, ou seja, podem conter temática, gênero, subgênero e estilo diversos compondo a mesma HQ, assim como uma mesma história pode conter múltiplas categorias estéticas a cada quadro.

4.2.2 Análise de *Brasil 2019 em charges*

Brasil 2019 em Charges é um projeto que reúne as charges criadas pelo cartunista Gilmar Machado (também conhecido como Cartunista das Cavernas), originalmente, ao longo de 2019. A obra apresenta, com humor e uma visão crítica, uma retrospectiva dos principais acontecimentos políticos de um dos anos mais conturbados da história recente do Brasil, como ele mesmo descreve. O projeto independente foi viabilizado por meio de financiamento coletivo e, dado o sucesso da coletânea, o livro chegou à segunda edição e rendeu mais três volumes nos três anos seguintes, e um compilado dos quatro anos publicado em 2023.

Gilmar é cartunista há mais de 30 anos, com uma carreira marcada por publicações em jornais, revistas e livros no Brasil e em Portugal. Autor de 12 livros de tiras e quadrinhos. Entre os prêmios que recebeu estão o HQMix de Melhor Cartunista Brasileiro, o prêmio jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, e o prêmio Grand Prix Internacional De La Presse Etrangère.

Ao longo de sua trajetória, Gilmar publicou em veículos como *Folha de S.Paulo*, *Diário de S.Paulo*, *Diário do Grande ABC*, *Jornal do Brasil*, *A Cidade*, *Tribuna de Vitória*, *Diário da Região*, *O Pasquim 21*, *Jornal Vida Econômica (Portugal)*, além de portais como *Humor UOL*, *UOL Notícias* e *Você S/A*.

Em tempos em que editoras e jornais impressos enfrentam grandes desafios, Gilmar mantém vivo o seu trabalho por meio das mídias e redes sociais. Suas charges refletem uma expressão emocional intensa, nascida da indignação diante dos acontecimentos políticos no Brasil.

Acredito que tenha sido importante dar uma pincelada crítica por meio do meu trabalho nesse momento obscuro da história do nosso país. Gostaria de dizer que o trabalho das charges desenvolvidas durante o ano de 2019 foi essencialmente fruto da expressão emocional a partir de toda a indignação que vivi diariamente nesse período. Em alguns momentos, chegava a tremer com o lápis na mão, tamanha era a indignação com que acompanhava os fatos dia após dia. Porém, em meio às trevas, muitas luzes brilhavam com solidariedade, carinho e apoio. Conheci e compartilhei ideias com tantas pessoas queridas que estavam ali presentes no front, vestindo a mesma camisa política, gente do lado certo, lutando por democracia, defendendo os direitos humanos e compartilhando o amor” (GILMAR, 2020, p. 2)

Das 93 charges do primeiro livro, 28 trazem a representação imagética de Jair Bolsonaro e, em um caso específico, sua ausência proposital. As demais fazem referência ao seu governo, aos seus eleitores, às eleições de 2018 e a episódios trágicos como o desastre de Brumadinho, com viés político de crítica ao capitalismo. Nos debruçamos sobre quatro charges que representam bem a estética geral da HQ.

Observamos nas charges com a caricatura de Bolsonaro a prevalência das categorias satírica e cômica, enfatizando uma crueldade em seus discursos e gestão governamental ou uma inapetência para o cargo. Apesar das características grotescas em algumas charges, é visível o propósito cômico do autor ao posicionar Bolsonaro como um personagem tolo, covarde e manipulável. Do mesmo modo, apesar dos traços caricatos de Gilmar, algumas charges em sua dimensão geral, com linhas e entrelinhas, podem provocar o gozo estético de uma outra categoria, como o satírico. Portanto,

consideramos caricatural, as charges que significam para além de seus traços, uma representação desfigurada da realidade e plenamente reconhecível, sem que extrapole a fronteira com as categorias do grotesco e da sátira, uma linha tênue que nos propomos a posicionar sem, contudo, estabelecer total precisão, visto que o próprio autor do diagrama sugere sua fluidez e abertura a novos formatos.

Na figura 45, a charge dividida em quatro quadros tem início de forma caricatural com reprodução de pronunciamentos reais do ex-presidente Jair Bolsonaro em suas lives disparando bravatas contra a imprensa, neste caso específico, contra a TV Globo, que, segundo ele, manipulava notícias para prejudicar sua imagem no pleito eleitoral de 2022 em que sairia candidato à reeleição. Os traços físicos exagerados, a linguagem inapropriada e o descontrole emocional assemelhado ao do personagem Hulk da Marvel, remetem facilmente à categoria estética da caricatura, “cuja característica é a da deformação, espantosa ou horrenda” (SILVA, 2010, p. 178).

Figura 45_Charge cômica sobre Bolsonaro



Fonte: Gilmar (2020)

Já no último quadro da charge, quando Bolsonaro sai com a etiqueta colada em suas costas com os dizeres “Huck 2022” e o logotipo da Rede Globo, expõe-se um suposto interesse da emissora em eleger o apresentador Luciano Huck, cogitado à época para candidatar-se à presidência com o apoio da rede. A “pegadinha” comum de colar

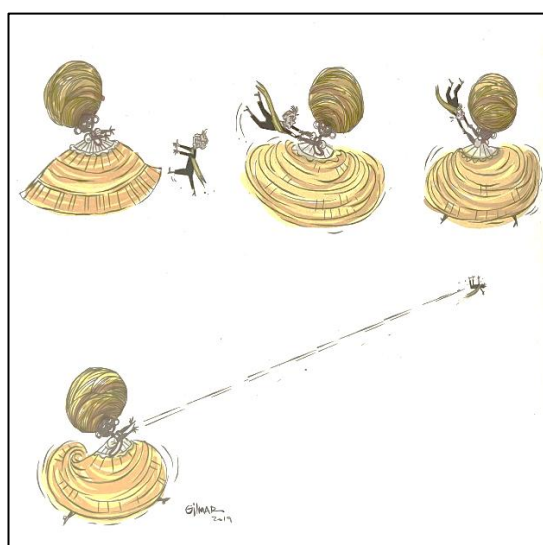
mensagens nas costas de alguém distraído visa humilhar ou constranger a “vítima”, diminuindo-a com o riso das pessoas que percebem o trote, elemento suficiente para caracterizar a comicidade da charge. Mas, além disso, a mensagem escolhida supõe que a emissora estaria “provocando” o ex-presidente para exibir aos eleitores seu comportamento desequilibrado, fazendo assim com que a possível candidatura de Huck fosse favorecida como oposição, expondo um Bolsonaro que pensa estar no controle da situação, mas é facilmente manipulado. E a diminuição literal de sua figura dando as costas enquanto rimos da charge nos leva a classificá-la como uma charge cômica.

Figura 46_Charge cômica sobre Bolsonaro



Fonte: Gilmar (2020)

Figura 47_Charge cômica sobre Bolsonaro



Fonte: Gilmar (2020)

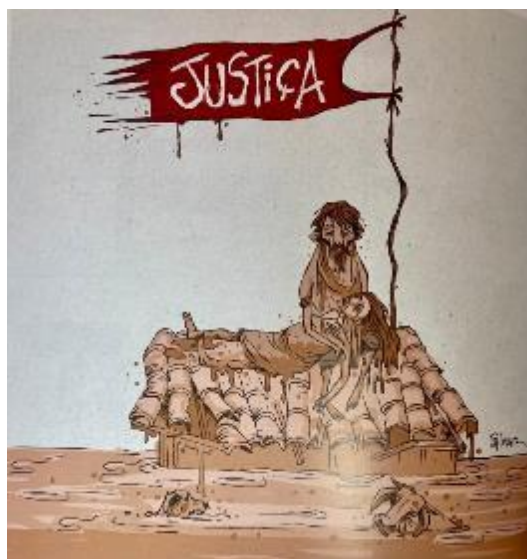
A pequenez literal de Bolsonaro também é um atributo utilizado por Gilmar para a construção cômica de suas narrativas, sugerindo sua diminuta dignidade, nas charges em que ele é confrontado com personagens nordestinos. Na figura 46, um Bolsonaro minúsculo é impelido por uma personagem feminina com trajes que remetem ao Cangaço e paisagem de cacto que reforçam o estereótipo nordestino, a referência vem de uma rejeição majoritária a Bolsonaro, nas pesquisas de opinião eleitorais¹⁷, de mulheres e eleitores do Nordeste desde o lançamento de sua candidatura em 2018. Na charge seguinte (figura 47), novamente, um mini Bolsonaro é arremessado por uma personagem com trajes caricaturais de mulheres baianas. Por se tratar, aqui, entretanto, de charges produzidas em 2019, quando Bolsonaro já havia vencido as eleições e tomado posse, não

¹⁷ Notícia sobre a pesquisa eleitoral: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45793212>

se pode precisar qual episódio posterior aos atos #EleNão¹⁸ ensejou a publicação. Mas dentro do conceito de rejeição eleitoral, consideramos confortável a classificação da charge política como cômica.

Entendemos, entretanto, que as charges nem sempre são risíveis. Apesar de serem provocativas e deformarem a realidade por meio do drama e do exagero caricatural, buscando, em grande parte das vezes, provocar o riso, elas também podem despertar o sentimento de espanto, tristeza ou revolta com os mesmos recursos sem o apelo complacente do humor. Na charge abaixo, por exemplo, a representação dramática das vítimas do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho escancara em um só quadro a morte de pessoas e de animais, a dor e desesperança dos sobreviventes, a perda de bens e a falta de justiça, que fica explícita na bandeira fincada em vermelho, destacando-se no marrom de lama.

Figura 48_Charge dramática sobre o desastre de Brumadinho



Fonte: Gilmar (2020)

Os traços de Gilmar em *Brasil 2019 em charges* denunciam de forma mais dramática os problemas ambientais enfrentados no Brasil, como o desastre de Brumadinho, o desmatamento de Terras Indígenas e o genocídio de povos originários. A categoria do drama também é prevista no diagrama de Souriau (1933), porém, exterior ao

¹⁸ Manifestações populares organizadas por mulheres com o objetivo principal de protestar contra a candidatura à presidência da República de Jair Bolsonaro. Os protestos ocorreram nos dias 29 de setembro e 20 de outubro de 2018 em diversas regiões do Brasil e do mundo.

que chamamos de quadrante do riso. Já os elementos humorísticos são usados pelo autor para dar ênfase às críticas políticas mais direcionadas à gestão de Jair Bolsonaro e a todo o espectro bolsonarista, portanto, uma HQ política jornalística com prevalência de humor cômico.

4.2.3. Análise de *Brasil 2020 em charges*

Trata-se de uma HQ continuada da obra analisada acima. Novamente, uma produção independente do autor com a mesma proposta de trabalho, compreendendo, no entanto, as charges produzidas no ano de 2020. Seleccionamos duas charges representativas da coletânea para seguir com as análises. Nesta edição, também foi publicada a charge em apoio ao cartunista Renato Aroeira que destacamos no capítulo 1.

A charge abaixo (figura 49) seria cômica, literalmente, se não fosse satírica. A disputa por protagonismo entre o ex-prefeito de São Paulo, João Dória (PSDB), e o ex-presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia da covid-19 para definir quem iniciaria primeiro a vacinação da população contra a covid-19 acirrava-se a cada novo pronunciamento¹⁹ e repercutiu na mídia como interesses eleitorais de ambos para o pleito de 2022.

Figura 49_Charge satírica sobre disputa eleitoral durante a pandemia



Fonte: Gilmar (2021)

¹⁹ Matéria sobre a disputa midiática de João Dória e Jair Bolsonaro: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>

Gilmar reproduz aquela situação como um jogo de “torta na cara”, em que cada participante atira no rosto do adversário um prato de torta cada vez que vence a rodada de perguntas em uma competição tensionada pelo tempo e pela assertividade das repostas. A alegoria da “torta na cara” também é recorrente nos picadeiros, nas apresentações dos palhaços, ou, mais remotamente nas performances dos bobos da corte, personagens intimamente ligados à categoria cômica, com suas tramas em torno de um sujeito fracassado, tão ingênuo quanto ridículo, aparentemente descolado da realidade.

No entanto, a ilustração de um paciente de covid entubado no segundo plano da charge, parece direcionar nossa primeira impressão estética, de caráter cômico, para uma ira que remete à sátira. O grave contexto de mais de 600 mil mortos por falta de vacina nos leva a acreditar que, em 2020, um espectador diante da charge em análise, desde que não influenciado pelo negacionismo e pelas fake news antivacina, é tomado inevitavelmente pela revolta, nesse movimento estético do cômico para o satírico que Gilmar é capaz de produzir.

Figura 50_Charge satírica sobre gestão de Bolsonaro durante a pandemia



Fonte: Gilmar (2021)

As charges de Gilmar são carregadas de posicionamento político explícito, expondo falhas e controvérsias da figura pública de Bolsonaro, corroborando nossa proposta conceitual de HQs políticas que se concretiza no viés ideológico seja ele categórico ou implícito. Na figura 50, a imagem de Bolsonaro amamentando a

representação gráfica do vírus da covid-19 sobre uma bandeira do Brasil, sugere que o ex-presidente “alimentava” a pandemia no país. A bata que veste a caricatura de Bolsonaro, tal qual a Pietá de Michelângelo, e seu olhar maternal para o vírus configuram-se como uma ironia, se confrontados com a realidade daquele ano em que quase 200 mil brasileiros morreram com a doença enquanto o ex-presidente negava seus efeitos e meios de prevenção. Mas Souriau destaca que uma das fronteiras entre a ironia e a sátira está na acidez da crítica política quando aponta uma depravação moral.

4.2.4. Análise de *Brasil 2021 em charges*

Esta HQ é uma continuação das obras analisadas acima. Trata-se igualmente de uma produção independente, com a mesma autoria e proposta de trabalho, compreendendo, no entanto, as charges produzidas no ano de 2021. Seleccionamos para esta análise, três charges representativas da HQ.

Figura 51_Charge satírica sobre pronunciamentos de Bolsonaro



Fonte: Gilmar (2022)

É recorrente a caricatura horrenda de Bolsonaro nas charges de Gilmar, seja na deformação de seus traços, seja na figura de abutres e caveiras, que expressam a dimensão de sua desaprovação ao ex-presidente. Apesar da metáfora monstruosa do ex-presidente como um carnicheiro sobre o túmulo dos mortos pela covid-19, entendemos não se tratar de uma charge grotesca, visto que a deformação nesta categoria não está dissociada da

crítica política, penetrando assim o campo da sátira. Para que não haja dúvidas sobre quem é a figura horrenda representada em suas charges, Gilmar costuma utilizar a faixa presidencial. Neste caso, em específico, as falas atribuídas ao ex-presidente seriam recurso suficiente para identificá-lo, visto que foram, de fato, proferidas por ele em pronunciamentos públicos e entrevistas durante a pandemia.

A expressão facial do abutre de olhos vermelhos expressa a fúria diante de um personagem em segundo plano que chora sozinho a morte de alguém. Enquanto milhares de brasileiros viviam o mesmo luto, o presidente da República destilava ódio e desprezo pela dor de quem sobrevivia, uma falha moral representada com precisão, que certamente desperta revolta no espectador.

Figura 52_Charge sobre o exército brasileiro



Fonte: Gilmar (2022)

Em 2021, com a demissão do ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva – que supostamente resistia às pressões do então presidente por manifestações de apoio aos seus posicionamentos e políticas adotadas durante a pandemia –, e nomeação do general Walter Braga Netto ao cargo, os comandantes do exército, Edson Pujol, da Marinha, Ilques Barbosa, e da Aeronáutica, Antônio Carlos Moretti Bermudez pediram demissão, o que resultou na troca de toda a cúpula das Forças Armadas à época. Durante a cerimônia de promoção dos novos oficiais-generais, que acontecia em meio a uma crise

institucional, Bolsonaro causou ainda mais incômodo entre os militares ao se referir a eles como “meu exército”.²⁰ Na opinião pública, Bolsonaro estava politizando a instituição.

No mesmo período, em visita a Manaus, uma das capitais mais afetadas pela ausência do Estado durante a pandemia, o ex-presidente chegou a afirmar em entrevista a uma emissora local de televisão que, se necessário, colocaria o exército na rua para acabar com o isolamento social decretado por governadores e prefeitos.²¹

Dado seu ano de produção, inferimos que a charge faz referência à referida crise e analisamos, dessa forma, duas perspectivas estéticas a partir dos dois alvos nela representados. Em se tratando do ex-presidente Bolsonaro, observamos uma abordagem caricatural do autor: traços exagerados, deformação física, mas no todo reconhecível, sobretudo pela faixa presidencial que, aliás, está presente em quase totalidade das charges desta coletânea. Por outro lado, a representação do exército na charge alude a uma posição de rebaixamento, diminuição, cabresto, ridicularização, risível, que nos remete imediatamente à categoria cômica. Podemos inferir também que, apesar da representação por animais sob as rédeas de Bolsonaro, os dois personagens, que usam quepe militar com as cores do exército, seriam o general Braga Netto e o comandante do exército, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira. Além disso, acreditamos ser possível uma terceira categoria a partir de um ponto de vista da gestão do Executivo Federal de modo geral, a sátira, “voltada para criar repulsa ou desaprovação” (SILVA, 2010, p. 104).

²⁰ Matéria sobre pronunciamento de Bolsonaro em que menciona “meu exército”:
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/a-generais-bolsonaro-repete-meu-exercito-e-diz-que-ele-e-militares-sempre-irao-agir-dentro-da-constituicao.shtml>

²¹ Matéria sobre pronunciamento de Bolsonaro em referência ao lockdown:
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/bolsonaro-afirma-que-exercito-pode-ir-para-a-rua-acabar-com-covardia-de-toque-de-recolher.shtml>

Figura 53_Charge sobre CPI da covid



Fonte: Gilmar (2022)

A Comissão de Inquérito Parlamentar – CPI da covid, instaurada em 2021 para apurar as ações e omissões do governo federal e investigar possíveis desvios de recursos transferidos pela União para estados e municípios no combate à pandemia, ouviu dezenas de servidores, parlamentares, ministros e representantes de empresas privadas. Durante as 67 reuniões realizadas²², parte dos aliados de Bolsonaro negaram as acusações contra o ex-presidente e defendiam as ações do referido governo no combate à pandemia. O próprio Bolsonaro respondeu em *live* a um documento oficial da comissão que pedia esclarecimentos sobre a compra de vacinas com um enfático “caguei!”²³, negando-se a dar as explicações sobre os mais de 600 mil mortos sob sua gestão.

Dadas as contradições entre os discursos negacionistas de Bolsonaro e seus apoiadores no auge da covid e seu posicionamento omissivo diante da comissão, a charge representada na figura 53, em que o vírus da covid sugere um relacionamento íntimo com o ex-presidente, manifesta uma clara ironia. Importante pontuar que o autor, ao inserir na charge o tema “CPI da covid” reforça a relação entre a omissão de Bolsonaro e seu descaso com a crise sanitária evidenciado naquela ocasião especificamente. Segundo

²² Matéria sobre as reuniões da CPI da covid: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/confira-quem-foram-os-depoentes-da-cpi-da-pandemia-ao-longo-de-67-reunioes/>

²³ Matéria sobre declaração de Bolsonaro: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/07/08/bolsonaro-diz-que-nao-vai-responder-a-cpi-sobre-caso-covaxin-caguei.htm>
Acesso em 05/12/2024.

Moura (2014), a representação do tópico, ou tema, é uma resposta encontrada para a pergunta intuitiva “do que isso fala?”.

4.2.5. Análise de *Brasil 2022 em charges*

Esta é uma HQ continuada da obra analisada acima. Produção independente com mesma autoria e proposta de trabalho, compreendendo, no entanto, as charges produzidas no ano de 2022.

A figura 54, também produzida em 2022, ano em que o debate público girava em torno do pleito eleitoral, aponta para um futuro previsível ou desejável, já que até a conclusão desta pesquisa o ex-presidente não foi preso, diante da possibilidade ou da confirmação de Bolsonaro sair derrotado nas eleições – não podemos afirmar se a charge foi produzida antes ou depois do resultado apurado nas urnas no segundo turno. O futuro representado pelo autor dá conta de Bolsonaro julgado pelos supostos crimes cometidos conforme ampla divulgação midiática, como o roubo de joias²⁴, pelos crimes apurados pela CPI da covid²⁵, e por outros investigados até o período²⁶.

Figura 54_Charge satírica sobre futuro de Bolsonaro



Fonte: Gilmar (2023)

²⁴ Matéria sobre o caso das joias sauditas: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/07/05/veja-os-principais-pontos-sobre-o-indiciamento-de-bolsonaro-no-caso-das-joias-sauditas.ghtml>

²⁵ Matéria sobre conclusão da CPI da covid: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/cpi-da-pandemia-principais-pontos-do-relatorio>

²⁶ Matéria sobre investigações de crimes de Bolsonaro: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/07/04/veja-as-investigacoes-que-estao-no-stf-contr-bolsonaro.htm>

Para além do anseio popular pelo cumprimento da pena, responsável pela catarse que a charge provoca, o autor acrescentou detalhes sutis que remetem à tortura, como a unha do dedo mindinho arrancada, o hematoma no olho direito e a boca ensanguentada. Aqui, evidencia-se a ironia da charge se confrontarmos a cena com os discursos de Bolsonaro em favor da tortura e de torturadores do regime militar como Brilhante Ustra²⁷.

Importante reforçar aqui a necessidade de compreensão do contexto em que a charge foi produzida: as acusações criminais, as pesquisas eleitorais apontando derrota nas urnas, o resultado das eleições e os discursos pró-tortura são elementos que permitem que a ironia se manifeste e que nos permite efetivamente usufruir da originalidade da charge, não apenas de seus traços e cores. A ausência de texto verbal na charge estimula ainda mais a reflexão do leitor, conforme Cagnin:

Muitas vezes, o significado denotativo, estritamente “literal” da imagem (relação signo/referente) é ultrapassado, libertam-se então, os significados conotativos e simbólicos, o grau de simbolismo flutua largamente e alcança, não raro, a alegoria e o surrealismo. (CAGNIN, 2014, p. 213)

Apesar de um contexto sócio-histórico claro, os componentes da charge e a análise feita aqui de nenhuma forma exaurem as possibilidades de “interpretação”, a compreensão sobre a mensagem do autor se dá em nível individual, como já abordamos em capítulos anteriores, no âmbito das experiências e visões ideológicas de cada sujeito.

Aragão (2007) pontua que o chargista funcionaria como pretense porta-voz de interesses de grupos expressando uma opinião pessoal em seu trabalho, podendo assim ajudar a construir uma opinião a respeito de determinadas situações políticas.

Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia; nunca será risível. Rimos de um animal, mas por termos surpreendido nele uma atitude ou uma expressão humana. Rimos de um chapéu; mas então não estamos gracejando com o pedaço de feltro ou de palha, mas com a forma que os homens lhe deram, com o capricho humano que lhe serviu de molde. (BERGSON, 2020, p. 38)

²⁷ Matéria sobre exaltação de Bolsonaro a torturador:
<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/em-ato-de-pre-campanha-bolsonaro-exalta-ustra-e-chama-o-torturador-de-velho-amigo/>

A figura 55 também exige o conhecimento de um episódio específico para além do que se mostra na primeira camada da charge. Em julho de 2022, manifestantes bolsonaristas lançaram uma bomba caseira com fezes no público que acompanhava ato do então candidato Lula na Cinelândia, Rio de Janeiro. Semanas antes, em Uberlândia, Minas Gerais, em outro ato público do candidato petista, manifestantes dispararam fezes na multidão por meio de drones.²⁸

Figura 55_Charge sobre bomba caseira com fezes



Fonte: Gilmar (2023)

A charge parece devolver os ataques lançando outra bomba caseira com fezes que, na ilustração, se confundem com o líder dos manifestantes, Jair Bolsonaro. A bomba de contra-ataque ilustrada por Gilmar remete ao conhecido coquetel molotov, arma de fabricação caseira comumente utilizada por grupos oprimidos em resistência à tecnologia superior do opressor.

Já em 2018, desde o atentado que vitimou o ex-presidente Jair Bolsonaro em Juiz de Fora e o levou a uma colostomia – procedimento cirúrgico em que uma parte do intestino grosso é trazida para a superfície do abdômen permitindo a eliminação de fezes em uma bolsa externa –, memes começaram a circular associando Bolsonaro à “bolsa de cocô”.

²⁸ Matéria sobre bombas caseiras de fezes em manifestação no Rio de Janeiro: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2022/07/bolsonaristas-atacam-evento-de-lula-com-bomba-de-fezes-no-rio-de-janeiro.html>

Figura 56_Meme sobre colostomia de Bolsonaro



Fonte: Museu de memes

Figura 57_Meme sobre colostomia de Bolsonaro e debate eleitoral



Fonte: Centralismo (2018)

A figura 58 também faz referência ao excremento sugerindo que as eleições descartariam Bolsonaro de uma vez por todas no vaso sanitário. A mesma referência permitiu a construção das charges em duas categorias estéticas distintas: a figura 55, grotesca pela representação explícita das fezes; e a figura 58, satírica, que associa o ex-presidente ao resíduo intestinal sem, contudo, representá-lo graficamente, evitando, assim, a repulsa nauseabunda da categoria anterior.

Figura 58_Charge associa Bolsonaro a fezes



Fonte: Gilmar (2023)

O sarcasmo presente na figura 59 remete à acidez da crítica satírica que provoca um riso tingido pela indignação ou ira a um vício imperdoável, carregada sempre da ironia, elemento intimamente relacionado à sátira. Em suas lives, em 2021, no auge da

pandemia, Bolsonaro, então presidente da República, zombou de pacientes da covid simulando falta de ar, um dos principais e mais graves sintomas da doença antes da vacina. Já em 2022, Bolsonaro que se mostrava confiante de vencer as eleições no primeiro turno, perdeu para seu principal adversário, Lula, e a decisão do pleito foi para o segundo turno.

Figura 59 _ Charge sobre pandemia e eleições



Fonte: Gilmar (2023)

A ironia está no mal-estar que supostamente Bolsonaro sentiu ao ter conhecimento do resultado das urnas, que o colocou na posição de “sufocamento” tal qual as vítimas de seu chiste no ano anterior. É por se tratar de um acontecimento trágico mundial, que resultou em mais de 15 milhões de mortes causadas direta ou indiretamente pela doença até dezembro de 2021, segundo a OMS²⁹, que a charge em questão extrapola a categoria irônica e encontra a sátira, onde o humor não permite complacência.

4.2.6. Análise de *Ascensão e queda de Bolsonaro: efeito Lula*

Ascensão e queda de Bolsonaro: efeito Lula, de autoria de Gilmar Machado, é um compilado dos quatro volumes analisados acima, *Brasil 2019 em charges*, *Brasil 2020 em charges*, *Brasil 2021 em charges* e *Brasil 2022 em charges*. Lançada em 2023, a HQ, desta vez publicada pela editora Skript, trouxe sete novas charges ao final do livro em um

²⁹ Dados sobre números de mortos na pandemia: <https://www.paho.org/pt/noticias/24-5-2024-covid-19-eliminou-uma-decada-progresso-na-expectativa-vida-global>

capítulo chamado “Cenas dos próximos episódios”, que remetem a acontecimentos posteriores à eleição de Luiz Inácio Lula da Silva.

Apenas duas charges contemplam a figura de Bolsonaro explicitamente na atualização feita pelo autor na HQ *Ascensão e queda de Bolsonaro*. A que abre o bloco faz menção ao evento de posse, em que subiram a rampa do Planalto ao lado do presidente Lula oito cidadãos representando a diversidade do povo brasileiro. Na charge, Gilmar ilustra cinco deles, além da primeira-dama Janja da Silva, “varrendo Bolsonaro do caminho”: o líder indígena Raoni Metuktire; o artesão Flávio Pereira; o estudante negro de 10 anos de idade, Francisco; o ativista anticapacitista Ivan Baron; o metalúrgico e Wesley Rodrigues; e a cadela Resistência, que, na ilustração, morde Bolsonaro. Cabe a observação de que a charge excluiu três representantes que também subiram a rampa com os demais naquela ocasião: a catadora Aline Sousa, a cozinheira Jucimara Fausto, o professor Murilo Jesus, e ainda o vice-presidente Geraldo Alckmin e a segunda-dama Lu Alckmin. O motivo não foi esclarecido na edição, que conta com algumas notas explicativas ao final do livro.

A imagem de Bolsonaro “varrido” da rampa do Palácio do Planalto com a cadela Resistência mordendo suas vestes como quem expulsa um invasor, reduzindo sua figura ao passado como um marco negativo que se concretiza em seu rosto desfigurado. A cicatriz abdominal, consequência de uma tentativa de assassinato, que aparece na caricatura também induz a reflexão sobre outros momentos históricos em que se buscou eliminá-lo da vida pública.

Figura 60_Charge sobre a posse do presidente Lula em 2023



Fonte: Gilmar (2023)

A segunda charge (figura 61) sugere o presidente atado a quem parece ser seu ex-ajudante de ordens, Mauro Cid, já preso. A charge cômica sugere que os depoimentos de Mauro Cid que incriminam Bolsonaro no roubo das joias³⁰ aproximam o ex-presidente do mesmo destino: uma cela na sede da Polícia Federal. Suas expressões de medo e resistência, se agarrando ao lado de fora da prisão, nos mostram uma figura vulnerável e humilhada, representações que remetem ao cômico, e despertam o sentimento de pena, conforme Silva:

O cômico se estrutura numa relação contraditória, conflituosa – mas trata-se de conflito diferente daquele que fundamenta a tragédia. Enquanto na tragédia se exhibe uma contradição entre fins ou aspirações nobres, elevadas, consideradas essenciais para a peripécia trágica, e a impossibilidade de alcançá-los, no cômico a natureza desses fins não é vital ou essencial, e, portanto, não podem ser levados a sério. (SILVA, 2010, p. 95)

As demais charges que compõem o último capítulo desta HQ fazem referência aos eleitores de Bolsonaro, expondo por vezes, suas vulnerabilidades após a derrota do ex-presidente nas urnas. A figura do eleitor bolsonarista, aliás, é bastante presente nos quatro

³⁰ Matéria sobre depoimento de Mauro Cid: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/vacinas-joias-golpe-veja-o-que-cid-ja-disse-em-depoimentos-a-pf-em-inqueritos-sobre-bolsonaro/>

volumes de Brasil em charges, predominando um personagem cômico de crenças e atitudes tolas, absurdas.

Figura 61 _Charge sobre delação de Mauro Cid



Fonte: Gilmar (2023)

4.2.7. Análise de *Crono Xiririca*

A HQ de Rodrigo Okuyama e Victor Bello conta a história de um grupo de amigos que planeja uma viagem no tempo para impedir que Bolsonaro seja eleito em 2018. Dois integrantes do grupo são escolhidos para manipular eventos da vida privada e pública de Jair Bolsonaro e fazer com que ele não chegue à presidência do Brasil. Entre eventos reais e ficcionais da trajetória do ex-presidente, a trama se desenrola entre o drama, a sátira e o grotesco.

Analisar uma história em quadrinhos composta por vários quadros e páginas requer um olhar diferente do que utilizamos nas coletâneas de charges. *Crono Xiririca* é uma trama mais extensa e, portanto, combina mais elementos estéticos a cada cena, o que interfere na definição de um tipo para o todo.

Figura 62_Trecho da HQ Crono Xiririca, o plano



Fonte: Okuyama; Bello (2022)

A narrativa verbal na figura 62, por exemplo, expressa, ao mesmo tempo drama e ironia, e segue assim por toda a história com diálogos que tratam com naturalidade a ideia de viajar no tempo para impedir a eleição de Bolsonaro. Apesar da urgência sincera de resolução do conflito, os diálogos são confrontados diante do leitor com imagens eschachadas e propositalmente vulgares, em clara ironia, como as vestimentas dos personagens, seus modos e espontaneidade.

Nesse ponto, retomamos que, na proposição do conceito de HQ política, um posicionamento é posto e, portanto, analisamos os efeitos do estímulo estético tomando por audiência o público alinhado ao discurso em questão, conforme Ramos: “Quem produz a obra tem uma intenção ao escrevê-la. O leitor, ao entrar em contato com o texto, cria uma expectativa de leitura, que não pode ser ignorada” (2012, p. 19).

Na figura 63, a mente de um soldado é invadida pelo grupo para fazer com que Bolsonaro desista de entrar para o exército, na tentativa de, assim, alterarem sua trajetória política. Além do apelo cômico no segundo quadro em que Bolsonaro é rebaixado a alguém que se orgulha de ter fezes de um soldado propelidas em seu rosto, temos ainda o apelo imagético do excremento na cena que se caracteriza-se como um recurso grotesco.

Figura 63 _Tira grotesca sobre o ingresso de Bolsonaro no exército

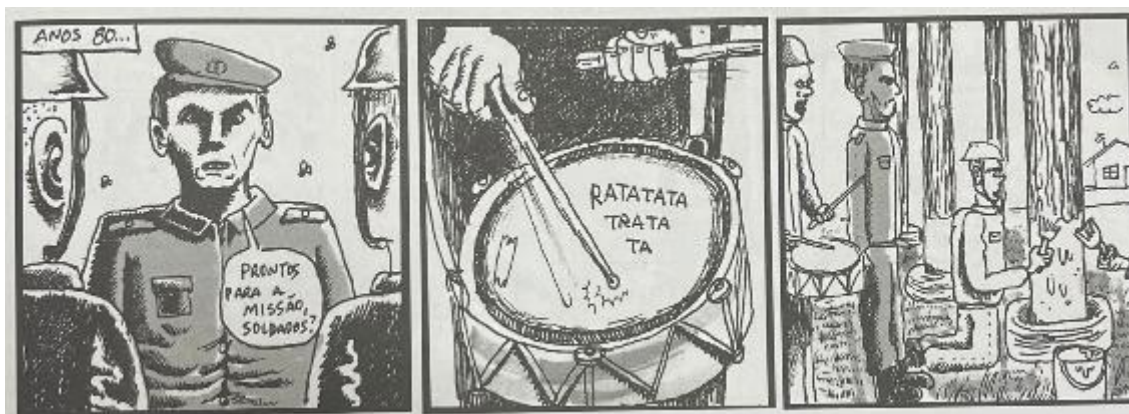


Fonte: Okuyama; Bello (2022)

Já na figura 64, a ironia se destaca com a quebra de expectativa. Na ocasião, Bolsonaro lidera uma missão no exército, que é iniciada com a expectativa clássica do rufar de um tambor, e no quadro seguinte, a espera por um ato nobre é frustrada por uma missão menos heroica, como a pintura de caules de árvores, um chiste comum da opinião pública às Forças Armadas do Brasil.

A ironia, portanto, se sobressai no tom humorístico da trama a cada tentativa do grupo de mudar o rumo da história e concluir ao final de cada tentativa que nada no presente foi alterado, sugerindo que toda sorte de humilhação, sabotagem, tentativa de assassinato que se tenta incutir na biografia do ex-presidente, de certa forma, foram exatamente o que o levaram até a presidência da República.

Figura 64 _Tira irônica sobre rotina nos quartéis



Fonte: Okuyama; Bello (2022)

A revista *Crono Xiririca* também evidencia uma afirmação essencial desta pesquisa, a de que nem toda HQ política é uma HQ jornalística, apesar de tratar, conforme conceituamos, de uma publicação com tema político, posicionamento ideológico definido e referências a acontecimentos reais. Isso porque esta é, notoriamente, uma HQ ficcional, apesar do pano de fundo da trama sobre a eleição do ex-presidente e de menções a acontecimentos que marcam a biografia de Jair Bolsonaro, como a passagem pelo exército, o atentado sofrido durante campanha em 2018, entre outros. O exemplo da HQ *Maus* que recebeu o *pulitzer* pela história biográfica narrada com personagens zoomorfos aguça intensos debates sobre o flerte do jornalismo com a ficção, uma vez que a revista caminha nessa reta linha tênue com provocadora precisão, por isso, consideramos oportuno situar este também emblemático caso de HQ manifestamente ficcional, portanto, não-jornalística, e inegavelmente política.

4.2.8. 1984: *Brasil, distopia, paranoia*

Esta HQ, organizada por Raphael Fernandes, baseia-se na obra clássica de George Orwell, 1984, que se passa em um futuro distópico em que a ditadura do Grande Irmão controla o Estado fictício da Oceania. Em *1984: Brasil, distopia, paranoia*, seis histórias recontam o clássico a partir do contexto brasileiro vivido entre 2019 e 2022. Destas, apenas uma não faz referência direta ou indireta à gestão de Jair Bolsonaro. Entre os temas abordados pelos autores estão extremismo religioso, negacionismo, violência institucional e autoritarismo.

Os autores das seis histórias são Raphael Fernandes, Laudo Ferreira, Camila Suzuki, Danilo Dias, Alexey Dodsworth, Will Silva, Jessica Borges, Maza, Rogério Faria, André Martuscelli, Erick Santos Cardoso e João Edie. As histórias selecionadas para análise são o Caso 001 – *We are carnaval*, e Caso 004 – *Espião doméstico*.

Na primeira história da HQ, Caso 001 – *We are carnaval*, o Estado religioso do Brasil determina que todas as pessoas devem se purificar durante o carnaval, servindo sexualmente a todos os estrangeiros que visitarem o Brasil. Durante todos os dias do ano, sexo extraconjugal, bebida alcoólica e todo tipo de diversão são proibidos.

Na figura 65, a caricatura do líder que aparece no telão ao fundo de uma sala de reuniões é reconhecidamente de Bolsonaro, o lema escrito no símbolo com partes da bandeira do Brasil, ao lado de Bolsonaro, “Deus acima”, remete ao lema de sua campanha: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. A fala da personagem que

conduz a reunião remete a uma ditadura religiosa liderada por Bolsonaro, um suposto messias que teria recebido orientações divinas em sua visita a Israel, que, de fato, aconteceu em 31 de março de 2019, ocasião em que anunciou a abertura de um escritório de negócios em Jerusalém³¹.

Figura 65_ Referência a Bolsonaro na história *We are carnival*



Fonte: Fernandes; Ferreira (2023)

Na história 4, intitulada Caso 004 – *Espião doméstico*, o menino Enzo é estimulado pelos professores a vigiar e denunciar seus pais, caso sejam flagrados cometendo atos subversivos. Com enredo também baseado no clássico *1984*, de George Orwell, as referências a Bolsonaro e ao bolsonarismo aparecem de forma sutil e demandam conhecimento prévio do leitor sobre alguns tópicos, como na figura 66, em que um outdoor estampa a frase “nosso país jamais será vermelho”. O texto remete a um bordão utilizado por Jair Bolsonaro, durante as eleições de 2018 e nos anos subsequentes em seu mandato, que dizia “nossa bandeira jamais será vermelha”, insinuando a ligação do Partido dos Trabalhadores (PT) e seus coligados com os partidos comunista mundo afora, cujas bandeiras são vermelhas.

³¹ Matéria sobre visita de Bolsonaro a Jerusalém:
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47740929>

Figura 66_Referência a Bolsonaro na história *Espião doméstico*



Fonte: Borges; Maza (2023)

Quando os pais de Enzo percebem seu comportamento atípico, preocupam-se com as orientações que o filho estaria recebendo fora de casa e fazem menção à escola sem doutrina, uma referência ao movimento Escola sem Partido e os mais de 30 projetos de lei apensados ao PL 7180/2014³², abertamente defendidos por Jair Bolsonaro durante seu governo³³.

Figura 67_Referência ao bolsonarismo na história *Espião doméstico*



Fonte: Borges; Maza (2023)

³² Matéria sobre o Projeto de Lei Escola sem Partido:

<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/apos-anos-engavetado-pL-escola-sem-partido-tem-sua-admissibilidade-aprovada-em-comissao-da-camara1>

³³ Matéria sobre apoio de Bolsonaro ao Projeto de Lei Escola sem Partido:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-04/bolsonaro-volta-defender-escola-sem-partido>

4.3. O que dizem os quadrinhos sobre a gestão do governo federal 2019-2022

Nas seis histórias da HQ, o humor, quando presente, tem papel secundário. Sobre isso, reiteramos que nem toda HQ política é humorística, mas as categorias cômicas representam quase totalidade das publicações em quadrinhos, entre 2019 e 2023 que envolvem na trama o ex-presidente Jair Bolsonaro ou seus apoiadores, conforme demonstramos acima.

A partir dessa constatação, podemos acrescentar o estilo ao conceito de HQ política da seguinte forma: gênero discursivo de materialidade gráfica em mídia exclusiva, ficcional ou não-ficcional, com ou sem texto verbal, e que aborda temas relacionados à política em seu conceito mais amplo, entre Estado e pautas de interesse de minorias sociais, manifestando implícita ou explicitamente, um posicionamento ideológico por meio do humor, do drama, da tragédia, entre outros estilos que se destacam de acordo com cada autor.

Esses valores estéticos ou características estilísticas que acabamos de observar nas HQs políticas brasileiras referem-se a uma apreciação global, que envolve uma avaliação mais sentimental do que intelectual, segundo Souriau (1983). Trata-se de uma apreciação reflexiva, sem entrar em pormenores, que valoriza o efeito total produzido pelos dispositivos artísticos profundos.

Determinado período da arte aceita melhor a pintura de assuntos pitorescos quase humorísticos, outro prefere assuntos romanescos; como um outro ainda reclamará, na poesia, antes de tudo o lirismo e será pouco sensível ao gosto épico. Por que admirar-se? Isso diz respeito não às condições universais e necessárias da arte (que permitem todas essas combinações), mas às condições da inserção da obra num dado meio histórico. (SOURIAU, 1983, p.256)

Souriau não nega a criatividade do artista para além de sua época e de suas aptidões individuais, no entanto, considera o contexto sócio-histórico um ponto de partida importante para a compreensão estética de uma obra. Entendemos que, assim como a produção artística segue a tendência de um período e circunstâncias, o estilo das HQs, do jornalismo, da literatura, dos memes e de tantas outras produções narrativas corresponde a um estímulo exterior que influencia seu padrão discursivo. A crítica pelo riso, no Brasil, como já apontamos, se destaca em períodos de intensa crise política e social, e um novo

formato menos risível desponta para refletir, talvez, com mais exatidão, a gravidade da crise que atravessamos.

Considerações finais

Esse trabalho teve como objetivo definir um conceito de história em quadrinhos política em mídia exclusiva, seja ela uma HQ, uma *graphic novel*, ou um mangá. A falta de uma definição em pesquisas anteriores, apesar de uma extensa produção sobre o assunto, nos levou a tentar preencher essa lacuna necessária para o avanço dos trabalhos da área. Nossa hipótese de que as HQs em quadrinhos seriam um gênero discursivo com conteúdo temático, construção composicional e estilos próprios e estáveis se confirmou, apesar de nos direcionar para um outro olhar sobre as abordagens humorísticas de praxe.

Iniciamos a discussão teórica naquilo que consideramos a raiz do nosso problema: uma definição ampla de política que contemplasse não apenas as questões de Estado, mas todo o sistema de deliberações políticas que levam à definição de políticas públicas que impactam em diversas áreas sociais. Uma pesquisa bibliográfica sobre os diversos conceitos que se complementaram ao longo de séculos na história das ciências humanas e sociais nos levaram a palavras-chave para a formulação do conteúdo temático do gênero HQ política. São elas: povo, poder, bem comum, absolutismo, democracia, coletividade, comunidade, ativismo, participação, igualdade, desigualdade, justiça, liberdade, leis, governo, governante, Estado, riqueza, escassez, propriedade, virtude, corrupção, ética, razão, modo de produção, formas sociais, luta de classes, trabalho, capitalismo, anticapitalismo, sujeito, direito, justiça social, representatividade, multiculturalismo, agenda, informação e *fake News*.

Entendemos que, a partir daí, seria possível estabelecer uma temática alicerce para a identificação de uma HQ política. Mas, para superar a mera identificação de “HQs *sobre* política”, seria necessário estabelecer ainda a construção composicional e o estilo dessas HQs, de acordo com a proposição de Bakhtin dos elementos estáveis que constituem cada gênero discursivo.

Os modos típicos de organização do texto determinam como as partes do enunciado se articulam e se distribuem, configurando o discurso. Nesse contexto, destaca-se a diversidade da estrutura narrativa dos quadrinhos, que pode adotar, de maneira tradicional, a combinação de texto e imagem ou, em alguns casos, apresentar apenas imagens organizadas de forma sequencial, além disso, vimos que os recursos expressivos de balões, legenda, letramento e hiatos contribuem na definição da construção composicional das HQs políticas.

Foi necessário desbravar, além das características gráficas dos quadrinhos, suas composições de conteúdo. Para isso, partimos de uma proposta de cartografia dos quadrinhos, elaborada por Dutra e Debom (2021), que se baseia, inicialmente, em dois grandes campos: quadrinhos não-ficcionais e jornalismo em quadrinhos. Uma relação extensa de gêneros proposta pelos autores nos possibilitou delinear os contornos do gênero de HQs políticas que, em nosso entendimento, contempla os quadrinhos ficcionais, não-ficcionais e o jornalismo em quadrinhos como um subgênero de não-ficção.

Dedicamos, também, atenção às charges como uma expressão do jornalismo em quadrinhos. Ao longo das análises, nos deparamos com diversas coletâneas de charges que, fundamentados em Groosteen, consideramos uma narrativa sequencial, apesar da composição de um quadro só. As charges têm um papel relevante na história do jornalismo brasileiro com seu conteúdo invariavelmente político.

Ao longo de todo o trabalho, fizemos questão de retomar a ideia de que o que o emissor espera com seu enunciado não é uma adesão total ou objeção ao seu pensamento, mas uma resposta ativa. Este princípio foi fundamentado, principalmente, nos estudos linguísticos de Bakhtin e na proposição marxista do materialismo histórico que propõe um contexto sócio-histórico imprescindível para a compreensão das relações sociais e que também determinam as condições de produção do discurso e seus muitos significados.

Nesse sentido, consideramos necessário abordar os posicionamentos ideológicos que impulsionam a elaboração dessas HQs. Para que se caracterize uma HQ política é indispensável a expressão ideológica explícita ou implícita no conteúdo da publicação. Assim, como explicamos, HQs educativas, por mais que tratem de assuntos político, não pertencem a esse gênero, em função de seu posicionamento “neutro” na forma de narrar. Este é um critério que consideramos fundamental para diferenciar HQs políticas e HQs sobre política.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, explanamos, nesta etapa, a atuação de cartunistas mundo a fora em momentos de grandes crises políticas e sociais, demonstrando como a cultura contra-hegemônica pode interferir em cenários de políticas autoritárias e de negação de direitos sociais. Abordamos, ainda neste contexto, exemplos contemporâneos de censura aos quadrinhos no Brasil e exemplos bem-sucedidos de reportagens em quadrinhos, que se enquadram no gênero de HQ política, dadas as graves denúncias de vulnerabilidades sociais apresentadas pelos autores em *Meninas em Jogo*, *Mulheres da Craco* e *Três Mulheres da Craco*.

Ainda no exercício de caracterização das HQs políticas como um gênero discursivo, chegamos ao elemento mais complexo proposto por Bakhtin: o estilo. Complexo porque ele pode ser tão diverso quanto a infinidade de HQs publicadas ao longo de séculos. Comprovamos esta premissa a partir de uma análise estética do corpus formado por HQs políticas publicadas no Brasil, entre os anos de 2019 e 2023, que abordassem a gestão do presidente à época, Jair Bolsonaro, diante da crise sanitária mundial e da crise nacional social e política.

Fundamentamos esta análise no diagrama estético elaborado por Étienne Souriau, em 1933, com 24 categorias estéticas que poderiam ser observadas em objetos artísticos, inclusive de forma híbrida. São elas: o belo, o nobre, o enfático, o grandioso, o sublime, o lírico, o patético, o heroico, o trágico, o pírrico, o dramático, o melodramático, o grotesco, o caricatural, o irônico, o satírico, o cômico, o espiritual, o extravagante, o pitoresco, o bonito, o gracioso, o poético e o elegíaco. Porém, Silva (2010) amplia as possibilidades de uso do diagrama como metodologia de análise de outros objetos como os derivados da publicidade e da comunicação social de um modo geral. Utilizamos este método para investigar o perfil humorístico das publicações e os resultados indicaram que há uma tendência dos autores à sátira, especialmente, em função das charges. Também aparecem com bastante frequência as categorias cômica e grotesca, que rebaixam a figura do personagem a um sujeito de moral degenerada, monstruosa ou ridiculamente ingênua.

Embora os resultados desta análise tenham sido significativos, a pesquisa apresentou limitações, como a dificuldade de acesso a todas as revistas, visto que grande parte delas é de publicação independente e tiragem limitada, não se encontrando mais disponível à venda pelos autores.

Entretanto, foi possível fecharmos a fundamentação teórica que nos permite conceituar HQ política como um gênero discursivo de materialidade gráfica em mídia exclusiva, ficcional ou não-ficcional, com ou sem texto verbal, e que aborda temas relacionados à política em seu conceito mais amplo, manifestando implícita ou explicitamente, um posicionamento ideológico por meio do humor, do drama, da tragédia, entre outros estilos que se destacam de acordo com cada autor.

Sim, apesar de nossa hipótese, no início desta pesquisa, de que o estilo das HQs políticas analisadas seria predominantemente humorístico, partindo do escracho cômico presente nos veículos alternativos que faziam oposição à ditadura militar no Brasil, observamos que, apesar da forte representatividade das categorias risíveis no corpus analisado, elas já não são suficientes para narrar as atrocidades políticas no Brasil em

tempos de crise. O drama e a tragédia despontam nos quadrinhos brasileiros, assim como nos *gekigas* japoneses da década de 50. Nossa hipótese de que o estilo narrativo humorístico se repetiria foi comprovada, mas abriu novas lacunas de investigação sobre os quadrinhos não risíveis.

Esses achados oferecem uma nova perspectiva de investigações que podem explorar as categorias estéticas além do quadrante do riso, observando se o perfil dos quadrinhos contra-hegemônicos caminha para um estilo menos humorístico e mais colérico. Além disso, uma análise dessas publicações em outros países que também tiveram governos autoritários durante a pandemia da covid-19 pode oferecer um comparativo entre os movimentos de resistência por meio da contracultura mundo a fora.

Por fim, esta tese reafirma a importância de um conceito e uma taxonomia que deem conta dos múltiplos formatos de histórias em quadrinhos políticas, sobretudo quando levamos em conta seu potencial contra-hegemônico, educativo e de transformação social. Com este trabalho esperamos contribuir para os estudos dos quadrinhos, da linguagem e da comunicação política, avançando para um novo gênero discursivo estável, além de ampliar as possibilidades de análises e contemplação desses produtos a partir das categorias estéticas que tão bem contemplam as experiências sensíveis diante da arte, da publicidade, do jornalismo, entre tantas outras produções humanas. Acreditamos que novas classificações são possíveis e necessárias e esperamos que este trabalho possa impulsionar novas definições e metodologias.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGÊNCIA Senado. CPI da Pandemia: principais pontos do relatório. **Senado Notícias**. 20 out 2021. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/cpi-da-pandemia-principais-pontos-do-relatorio>>. Acesso em: 10 nov 2024.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Os riscos do vice-presidencialismo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 25 out 2009. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2510200908.htm>>. Acesso em: 14 nov 2024.

ALMEIDA, Paulo. **Traços de um país em transição**: narrativas da constituição federal de 1988 em charges jornalísticas. 2020. 226f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília.

APÓS anos engavetado, PL Escola Sem Partido tem sua admissibilidade aprovada em comissão da Câmara. **Andes**. 18 out 2024. Disponível em <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/apos-anos-engavetado-pl-escola-sem-partido-tem-sua-admissibilidade-aprovada-em-comissao-da-camara1>>. Acesso em: 10 nov 2024.

ARAGÃO, Octávio. Charges e política: o riso moldando um país. In: **História, imagem e narrativas**. n.5, ano 3, set. 2007. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/32192997/charges-e-politica-o-riso-moldando-um-paa-s-histaria-imagem-e->>. Acesso em 08 dez 2024.

_____. **A reconstrução gráfica de um candidato**: como os chargistas perceberam a mudança de imagem de Luís Inácio Lula da Silva. 2007, 314f. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ARAGÃO, Octávio; HOLLANDA, Carlos. **Psicopompo**. Rio de Janeiro, RJ: Caligari, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARBOSA, Vanessa; FANTI, Maria da Glória. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana. **Em discurso 4**: pesquisar com gêneros discursivos, interpelando mídia e política. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020, p.185-200.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2020.

BRASIL. Lei nº 7.170, de 14 de dezembro de 1983. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17170.htm>. Acesso em: 10 dez 2024.

BOLSONARISTAS atacam evento de Lula com bomba de fezes no Rio de Janeiro. **Pragmatismo político.** 7 jul 2022. Disponível em <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2022/07/bolsonaristas-atacam-evento-de-lula-com-bomba-de-fezes-no-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em: 03 out 2024.

BOLSONARO diz que não vai responder à CPI sobre caso Covaxin: 'Caguei'. **Uol.** São Paulo, 8 jul 2021. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/07/08/bolsonaro-diz-que-nao-vai-responder-a-cpi-sobre-caso-covaxin-caguei.htm>>. Acesso em: 03 out 2024.

BOLSONARO em Israel: O que aconteceu de mais importante na visita do presidente até agora?. **BBC News Brasil.** 2 abr 2019. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47740929>>. Acesso em: 03 out 2024.

CACO Galhardo cria um diário ilustrado da pandemia em seu novo livro de quadrinhos. **Folha de S. Paulo,** 14 dez. 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/12/caco-galhardo-cria-um-diario-ilustrado-da-pandemia-em-seu-novo-livro-de-quadrinhos.shtml>. Acesso em: 25 out. 2024.

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos:** linguagem e semiótica. São Paulo: Criativo, 2014.

CAMPOS, Rogério de. **HQ:** uma pequena história dos quadrinhos para uso das novas gerações. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Editora Veneta, 2022. 160 p.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil:** o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970). 2007, 256f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo.

CARTA aberta em defesa da liberdade artística e ao direito ao humor. **Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo.** São Paulo, 17 jun 2020. Disponível em <<https://sjsp.org.br/carta-aberta-em-defesa-da-liberdade-artistica-e-ao-direito-ao-humor/>>. Acesso em: 10 set 2024.

CENTRALISMO político é top demais. 18 out 2018. Facebook: Centralismo democrático é top demais. Disponível em <<https://www.facebook.com/centralismoetop/posts/361470711262491/>>. Acesso em 10 nov 2024.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 3 ed. Petrópolis: Vozes. 1998.

CHARGISTAS denunciam tentativas de censura: “Como nos piores períodos da ditadura”. **Brasil de Fato,** [São Paulo]. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/16/chargistas-denunciam-tentativas-de-censura-como-nos-piores-periodos-da-ditadura>>. Acesso em 28 jan 2024.

CHAUÍ, Marilena. **Democracia e Autoritarismo no Brasil**. Revista Comunicação & Informação, v. 15, n. 2, 2012, p.149-161.

_____. **O discurso competente**. In: Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2014.

_____. Comunicação e Democracia. **PT**. São Paulo, 20 abr 2018. Disponível em <<https://pt.org.br/marilena-chau-i-comunicacao-e-democracia/>>. Acesso em: 10 fev 2025.

CORREA, Marcus Dickson Oliveira. Com jornalismo, com quadrinhos, com tudo: um breve estudo da HQ Um grande acordo nacional. **Revista ECCOM**, Lorena-SP, v. 13, n. 26, 2022, p. 318-336.

COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro afirma que Exército pode ir para a rua acabar com 'covardia de toque de recolher'. **Folha de São Paulo**. Brasília-DF, Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/bolsonaro-afirma-que-exercito-pode-ir-para-a-rua-acabar-com-covardia-de-toque-de-recolher.shtml>>. Acesso em: 03 out 2024.

COLETTA, Ricardo Della; CARVALHO, Daniel. A generais Bolsonaro repete 'meu Exército' e diz que ele e militares sempre irão agir dentro da Constituição. **Folha de São Paulo**. Brasília-DF, 8 abr 2021. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/a-generais-bolsonaro-repete-meu-exercito-e-diz-que-ele-e-militares-sempre-irao-agir-dentro-da-constituicao.shtml>>. Acesso em: 03 out 2024.

COMICS code authority. **Wikipedia**. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Comics_Code_Authority#cite_note-CodeText-21>. Acesso em 15 fev 2024.

COSTA, Camilla; MORI, Leticia. Eleições 2018: Segundo turno será 'disputa da rejeição' Notícia sobre a pesquisa eleitoral. **BBC News Brasil**. São Paulo, 8 out 2018. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45793212>>. Acesso em: 10 jul 2024.

COVID-19 eliminou uma década de progresso na expectativa de vida global. **Organização Pan-americana da Saúde**. 24 mai 2024. Disponível em <<https://www.paho.org/pt/noticias/24-5-2024-covid-19-eliminou-uma-decada-progresso-na-expectativa-vida-global>>. Acesso em: 10 jul 2024.

DECLARAÇÃO universal dos direitos humanos. Disponível em <<https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/portuguese?LangID=por>>. Acesso em 10 dez 2024.

DE MAIO, Alexandre; DIP, Andrea. **Meninas em Jogo**. Agência Pública, 2014. Disponível em <<https://apublica.org/hq/2014/05/hq-meninas-em-jogo/>>. Acesso em: 14 dez 2024

DEWILD, Fred. **Mon Bataclan**. Paris: French and European Publications Inc, 2016.

DINIZ, André. **Revolta da Vacina**. Rio De Janeiro, RJ: Darkside, 2021.

DIP, Andrea; TERTO, Ricardo; DOMENICI, Thiago. Jornalismo em quadrinhos. **Podcast Pauta Pública**, 18 dez 2020. Disponível em <<https://apublica.org/podcast/2020/12/podcast-pauta-publica/podcast-jornalismo-em-quadrinhos/#>>. Acesso em: 10 jul 2024.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa; DEBOM, Paulo. Anotações para uma cartografia dos quadrinhos não ficcionais e do jornalismo em quadrinhos. **Revista Pauta Geral: Revista do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa**, Ponta Grossa, v.8, e21, 2021.

EAGLETON, Terry. **Humor: o papel fundamental do riso na cultura**. Rio de Janeiro-RJ: Record, 2020.

EM ato de pré-campanha, Bolsonaro exalta Ustra e chama o torturador de ‘velho amigo’. **Carta Capital**. 27 mar 2022. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/em-ato-de-pre-campanha-bolsonaro-exalta-ustra-e-chama-o-torturador-de-velho-amigo/>>. Acesso em: 10 jul 2024.

EMÍLIA e a turma do sítio na cartilha da nutrição do programa fome zero. Editora Globo, 2005

ESTEFAN, Carlos; MAURO, Pedro. Onde estão os heróis?. In: AZARELLO, Brian. **Batman: o mundo**. Barueri, SP: Panini Brasil, 2021.

EXPOSIÇÃO “Independência em risco” é censurada em Porto Alegre. **PCdoB65**, 04 set 2019. Disponível em <<https://pcdob.org.br/noticias/exposicao-independencia-em-risco-e-censurada-em-porto-alegre/>>. Acesso em: 10 nov 2024.

FARIA, Bruna de; FALCO, Alessandra de. Reportagem investigativa em quadrinhos: o caso da Agência Pública. In: II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo. **Anais**. São Paulo, 2015. Disponível em <https://seminario.abraji.org.br/wp-content/uploads/2023/04/alessandra_de_falco_bruna_de_faria.pdf> Acesso em 15 dez 2024.

FERNANDES, Raphael et al. **1984: Brasil, distopia e paranoia**. São Paulo: Draco, 2023.

FUGIO Go; KOBAYACHI, Takiji. **Kanikosen: o navio dos homens**. Cidade: Veneta, 2021.

GARCÍA, Santiago. **A novela gráfica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GENDRY-KIN, Keun Suk. **Grama**. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2020.

GILMAR. **Brasil: 20019 em Charges**. Santo André, SP: Ed. do autor, 2020.

_____. **Brasil: 2020 em Charges**. Santo André, SP: Ed. do autor, 2021.

_____. **Brasil: 2021 em Charges**. Santo André, SP: Ed. do autor, 2022a.

_____. **Brasil:** 2022 em Charges. Santo André, SP: Ed. do autor, 2022b.

_____. **Ascensão e queda de Bolsonaro:** efeito Lula. Florianópolis: Skript, 2023.

GROESTEEN, Thierry. **O Sistema dos Quadrinhos.** Nova Iguaçu-RJ: Marsupial editora, 2015.

GUIA DOS QUADRINHOS: Todas as HQs publicadas no Brasil, num só lugar!. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/>>. Acesso: 01 abr. 2024.

HEINBERG, Allan. CHEUNG, Jim. **Vingadores:** a cruzada das crianças. São Paulo: Salvat, 2016.

HENRIQUES, Mendo Castro. Introdução à política de Aristóteles. In: ARISTÓTELES. **Política.** Portugal: Vega, 1998. p. 17-45.

ITO, Carol. **Mulheres da Craco.** Agência Pública, 2020. Disponível em <<https://apublica.org/hq/2020/10/hq-mulheres-da-craco/>>. Acesso em: 10 dez 2024.

_____. **Três mulheres da Craco.** Revista Piauí, 2022. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tres-mulheres-da-craco/>>. Acesso em: 10 dez 2024.

JOSGRILBERG, Fábio B. **Cotidiano e invenção:** os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: escrituras, 2005.

KUCINSCKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta editorial, 1991.

LABOISSIÈRE, Paula. Após anos engavetado, PL Escola Sem Partido tem sua admissibilidade aprovada em comissão da Câmara. **Agência Brasil.** Brasília-DF: 28 abr 2019. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-04/bolsonaro-volta-defender-escola-sem-partido>>. Acesso em: 14 nov 2024.

LIMA, Herman. **A história da Caricatura no Brasil.** Vol. 1. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1963.

MARCELO Crivella, prefeito do Rio, manda recolher livro da Bienal e gera protestos. **G1**, 06 set 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/09/06/marcelo-crivella-prefeito-do-rio-manda-recolher-livro-da-bienal-e-gera-protestos.ghtml>>. Acesso em: 10 nov 2024.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo.** Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 2003.

MARQUES, Ste. **Cat Freud:** a fotonovela que representa, com Laura do Toc. Minhocazine, São Paulo, almanaque especial, 2023, p.42.

MARX, K. (1989a). **O capital:** crítica da economia política. vol. 1. Livro 1. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.

_____. (1989b). Trabalho alienado e superação positiva da autoalienação humana. In F. Fernandes (Ed.), Marx/Engels: vol. 36. **Grandes Cientistas Sociais**. História (p. 146-181). São Paulo, SP: Ática.

MASCARO, Alysson. Política e crise do capitalismo atual: aportes teóricos. In: **Direito & Práxis**, vol.9, nº 1. Rio de Janeiro, 2018, p. 46-69.

MÁXIMO, Gabriel. Vacina, fake news, joias e mais: as investigações contra Bolsonaro no STF. **Uol**. Brasília-DF: 4 jul 2024. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/07/04/veja-as-investigacoes-que-estao-no-stf-contra-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 10 jul 2024.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**: história, criação, desenho, animação, roteiro. São Paulo: M.Books, 2005.

MIANI, Rozinaldo Antonio; SANTOS, Renata de Paula dos. Na contramão do pensamento hegemônico: uma análise da obra Reportagens de Joe Sacco. **Revista Pauta Geral**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, v.8, e21, 2021.

MILLER, Frank. **Cavaleiro das trevas**: a criança dourada. Barueri: Panini Brasil, 2020.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto. 5 ed. 2020, p-167-176.

MIR, Alex. **Almanaque guará**: o universo é infinito!. nº 1. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2021.

MIRANDA, Amanda. **A urna**. São Paulo, SP: Mostra. 2022.

MOEBIUS. **Arzach**. São Paulo: Editora Nemo, 2011.

MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MOREAU, Diego (org). **Crônicas de 2020**. Florianópolis, SC: Skript, 2021.

MOURA, Marília Silva de. **Em busca de uma metodologia de análise para tiras em quadrinhos**: um breve estudo de caso da série quase nada. 2014. 96f. Monografia (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MUSEU DE MEMES. Disponível em <<https://museudememes.com.br/collection/laranja-bolsonaro>>. Acesso em: 25 nov 2024.

NOGUEIRA, Natania. A presença feminina nos quadrinhos franceses nos anos de 1970. **Anais**. 5as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, 2018. Disponível em <https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais5asjornadas/artigos.php?artigo=q_historia/natania_nogueira.pdf&jornada=5> Acesso em 20 mar 2024.

_____. As HQs de Chantal Montellier. **Mina de HQ**. 4 set 2023. Disponível em <<https://minadehq.com.br/conheca-a-quadrinista-francesa-chantal-montellier/>> Acesso em 20 mar 2024.

INCITAÇÃO à violência contra a vida na internet lidera violações de direitos humanos com mais de 76 mil casos em cinco anos, aponta ObservaDH. **Governo Federal**. Brasília, 23 jan 2024. Disponível em <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/incitacao-a-violencia-contr-a-vida-na-internet-lidera-violacoes-de-direitos-humanos-com-mais-de-76-mil-casos-em-cinco-anos-aponta-observadh>>. Acesso em: 05 nov 2024.

OLIVEIRA, Caroline. Psol aciona Corte Interamericana de Direitos Humanos contra Tarcísio e Derrite por violência policial em SP. **Brasil de Fato**. São Paulo, 13 dez 2024. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2024/12/13/psol-aciona-corte-interamericana-de-direitos-humanos-contr-tarcisio-e-derrite-por-violencia-policial-em-sp>>. Acesso em: 14 dez 2024.

OKUYAMA, Rodrigo; BELLO, Victor. **Crono Xiririca**. Ed. Pé-de-cabra, 2022.

O PASQUIM. Ano I, nº 1, 1969. In: **Biblioteca Digital**. Disponível em <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/>>. Acesso em: 16 dez 2024.

O PASQUIM. Ano IV, nº 281, 1972. In: **Biblioteca Digital**. Disponível em <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/>>. Acesso em: 16 dez 2024.

O PASQUIM. Ano 37, nº 1.072, 1991. In: **Biblioteca Digital**. Disponível em <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/>>. Acesso em: 16 dez 2024.

PAIM, Augusto Machado. Apontamentos sobre a área do jornalismo em quadrinhos e o gênero da reportagem. In: SILVA, Vinícius; MOTA, Célia (Orgs.). **Jornalismo em quadrinhos: contextos, pesquisas e práticas**. Florianópolis: Insular, 2020.

PEDRO IVO et al. **Almanaque guará: o universo é infinito!**. nº 4. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2021.

_____. **Almanaque guará: o universo é infinito!**. nº 5. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2021.

PINHEIRO, Rapha et al. **Almanaque guará: o universo é infinito!**. nº 6. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2021.

_____. **Almanaque guará: o universo é infinito!**. nº 8. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2021.

PORTO, Douglas. Confira quem foram os depoentes da CPI da Pandemia ao longo de 67 reuniões. **CNN Brasil**. São Paulo, 20 out 2021. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/confira-quem-foram-os-depoentes-da-cpi-da-pandemia-ao-longo-de-67-reunioes/>>. Acesso em: 14 dez 2024.

PORTO, Douglas. Vacinas, joias, golpe: veja o que Cid já disse em depoimentos à PF em inquéritos sobre Bolsonaro. **CNN Brasil**. São Paulo, 4 dez 2024. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/vacinas-joias-golpe-veja-o-que-cid-ja-disse-em-depoimentos-a-pf-em-inqueritos-sobre-bolsonaro/>>. Acesso em: 14 dez 2024.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa dos quadrinhos**: construindo sentidos a partir de fragmentos. São Paulo: Peirópolis, 2018.

RAMIREZ, Lobo (org). **El perro feo**: comics horribles, nº 2, Escória Comix, 2022.

RAMOS, P. **Tiras livres**: um gênero em processo de consolidação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIII, 2010, Caxias do Sul. Anais eletrônicos: Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1976-1.pdf> >. Acesso em: 07 dez 2024.

REAL, Raquel. **O homem que se chamava Eri Johnson, mas não era o Eri Johnson**. Minhocazine, São Paulo, almanaque especial, 2023, p.52.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Oeiras-Portugal: Público, 2010.

ROWSON, Martin. **Manifesto comunista em quadrinhos**. São Paulo: Veneta, 2019.

SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo: Veneta, 2021.

SACCO, Joe. **Reportagens**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. Vol. 1, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCABIN, Nara Lya Cabral; NABEIRO, Ana Lucia Pinto da Silva. **“Rindo, você castiga muito mais”**: mobilização digital e efeito bumerangue no caso Charge Continuada. Revista Comunicação Midiática, Bauru, SP, v. 17, n. 1, p. 43–60, 2022. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/529..> Acesso em: 19 dez. 2024.

SILVA, Silvano Alves Bezerra da. **Estética utilitária**: interação através da experiência sensível com a publicidade. João Pessoa: UFPB, 2010.

SOULE, Charles. **Demolidor**. v.17. Barueri: Panini Brasil, 2018.

SOURIAU, Étienne. Art et Vérité. In: **Revue Philosophique de la France et de l'Étranger**, T 115. Presses Universitaires de France Stable, jan-jun 1933, p.161-201.

_____. **A correspondência das artes**: elementos de estética comparada. São Paulo, SP: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

SOUSA, Maurício de. **Fake News da Vacinação**. Instituto Cultural Maurício de Sousa, 2023.

_____. **Turma da Mônica em**: o estatuto do adolescente. São Paulo: Panini, 2008

SOUZA, Marina Duarte de. Chargistas denunciam tentativas de censura: "Como nos piores períodos da ditadura". **Brasil de Fato**, 16 jun 2020. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/16/chargistas-denunciam-tentativas-de-censura-como-nos-piores-periodos-da-ditadura>>. Acesso em: 10 nov 2024.

SOUZA, Tássia Aguiar de. **Memes em pauta**: relações com a mídia mainstream no ideal habermasiano de democracia deliberativa. 2019, 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo.

SOUZA, Tássia Aguiar de; PASSOS, Mateus Yuri. Os memes em pauta: uma análise discursiva das apropriações midiáticas do humor. In: **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 44, n. 1, p.231-246, jan./abr. 2021. Disponível em <<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3447/2520>>. Acesso em 02 dez 2024.

SPIEGELMAN, Art. **Maus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STRUZANI, Bruno. [Compilação de Charges que eu fiz sobre Tarcísio de Freitas e sua Polícia assassina...]. Threads, 4 dez 2024. Disponível em: <<https://www.threads.net/@desenholadino/post/DDK8kPvSZvc>>. Acesso em: 14 dez 2024.

SVERSUTI, Leilane Cristina. Jornalismo em quadrinhos: a história que conta a história. **Anais**. 5as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, 2018.

TV BRASIL. Dando a Real com Leandro Demori recebe a filósofa Marilena Chauí. Youtube, 5 de novembro de 2024. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qLiBXRG4JAw&ab_channel=TVBrasil>. Acesso em: 2 fev 2025.

VALLADÃO, Osmarco et al. **Almanaque guará**: o universo é infinito!. nº 10. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2022.

VAZ, Marcos. **BRASILZINHO**: cartilha da justiça em quadrinhos. Brasília, 2019.

VEJA a cronologia da disputa entre Bolsonaro e Doria em torno da vacina contra a Covid-19. **G1**. 12 dez 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 14 dez 2024.

VEJA os principais pontos sobre o indiciamento de Bolsonaro no caso das joias sauditas. **G1**. Brasília-DF: 5 jul 2024. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/07/05/veja-os-principais-pontos-sobre-o-indiciamento-de-bolsonaro-no-caso-das-joias-sauditas.ghtml>>. Acesso em: 14 dez 2024.

VILALBA, Robson. **Um grande acordo nacional**. São Paulo: Elefante, 2021.

ZIRALDO. **Ziraldo n'O Pasquim Só dói quando eu rio**: treze anos daqueles tempos contados pelo humor de Ziraldo. São Paulo: Globo, 2012. 383 p.

ANEXOS

Tabela 9_ Amostragem total das HQs analisadas

PALAVRA-CHAVE: POLÍTICA				
Título	Ano	Temática	Gênero	Observação
Brasil 2020 em charges	2020	Bolsonaro	HQ Política	***
Brasil 2021 em charges	2021	Bolsonaro	HQ Política	***
Crônicas de 2020	2022	Bolsonaro	HQ Política	***
Turma da Mônica, 3ª Série #6	2021	***	***	***
Guardiões da Galáxia, 4ª Série #2	2021	***	***	***
A Saga do Superman, 1ª Série #15	2022	***	***	Reedição/Coletânea
Juiz Dredd Essencial #2	2021	***	***	Reedição/Coletânea
Marvel Epic Collection #2	2023	***	***	Reedição/Coletânea
Os anos 2000: O Renascimento da Marvel #2	2022	***	***	Reedição/Coletânea
PALAVRA-CHAVE: BRASIL				
Título	Ano	Temática	Gênero	Observação
Agata #1	2023	***	***	Produto indisponível
Agata #2	2023	***	***	Produto indisponível
Agata #3	2023	***	***	Produto indisponível
1984 - Brasil, Distopia, Paranoia	2023	Bolsonaro	HQ Política	***
Badaró #1	2023	***	***	Produto indisponível
Badaró #2	2023	Diversos	HQ Política	***
Badaró Especial	2023	***	***	Produto indisponível
Diamba	2023	Proibicionismo da maconha	HQ Política	***
O Filho do Norte	2023	***	***	***
Graphic Book: O Vingador Origem	2023	***	***	Reedição/Coletânea
Zé Carioca Conta A História do Brasil	2023	***	***	***
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #1	2023	***	***	***
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #2	2023	***	***	***
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #3	2023	***	***	***
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #4	2023	***	***	***
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #5	2023	***	***	***
Brasil 2022 em charges	2022	Bolsonaro	HQ Política	***
Carlos Estêvão Apresenta: Ser Mulher	2022	***	***	Reedição/Coletânea
Graphic Book: X-Men - Made In Brasil	2022	***	***	Reedição/Coletânea

A Independência do Brasil em Quadrinhos	2022	***	***	***
A infância do Brasil	2022	***	***	Reedição/Coletânea
Kuri Special Showcase	2022	***	***	Produto indisponível
O Miolo Frito - Somos Apaixonados	2022	***	***	Produto indisponível
A Outra Anita: A Trajetória de Anita Malfatti	2022	***	***	***
A princesa e o cavaleiro - A noite da princesa	2022	***	***	***
Almanaque Guará #1	2021	***	***	Sorteada
Almanaque Guará #2	2021	***	***	***
Almanaque Guará #3	2021	***	***	***
Almanaque Guará #4	2021	***	***	Sorteada
Almanaque Guará #5	2021	***	***	Sorteada
Almanaque Guará #6	2021	***	***	Sorteada
Almanaque Guará #7	2021	***	***	***
Almanaque Guará #8	2021	***	***	Sorteada
Almanaque Guará #9	2022	***	***	***
Almanaque Guará #10	2022	***	***	Sorteada
Almanaque Guará #11	2022	***	***	Sorteada
Almanaque Guará #12	2022	***	***	***
Brasil 2021 em charges	2021	Bolsonaro	HQ Política	Duplicado
Depois que o Brasil acabou	2021	Diversos	HQ Política	***
Mugiko	2021	***	***	Reedição/Coletânea
Olho de Vidro – Manguetown	2021	Distopia/Futurista	HQ Política	***
Volta: Realidade Alternativa #1	2021	***	***	***
Brasil	2020	***	***	Produto indisponível
Brasil 2020 em charges	2020	Bolsonaro	HQ Política	Duplicado
DIVAS Brasileiras	2020	Protagonismo feminino	HQ Política	***
Minhocazine #1	2020	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #2	2020	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #3	2020	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #4	2020	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #5	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #6	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #7	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #8	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #9	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #10	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #11	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #12	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #13	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #14	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #15	2021	***	***	Não é mídia exclusiva

Minhocazine #16	2021	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #17	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #18	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #19	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #20	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #21	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #22	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #23	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #24	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #25	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #26	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #27	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #28	2022	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #29	2023	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #30	2023	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #31	2023	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #32	2023	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #33	2023	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #34	2023	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #35	2023	***	***	Não é mídia exclusiva
Minhocazine #36	2023	***	***	Não é mídia exclusiva
Psicopompo	2020	Filosofia	***	***
Supermercado Brasil	2020	Discursos de ódio	HQ Política	***
Gibilândia - 2ª Série	2019	***	***	Reedição/Coletânea
Brasil 2019 em Charges	2019	Bolsonaro	HQ Política	***
Carne Viva	2019	Multiculturalismo	HQ Política	***
Estados Brasileiros #1	2019	***	***	***
Gothic Girl	2019	***	***	***
Procissão	2019	***	***	***
Segunda Feira Eu Paro	2019	***	***	Produto indisponível
Shoujo Bomb	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #1	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #2	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #3	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #4	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #5	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #6	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #7	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #8	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #9	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #10	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #11	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #12	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #13	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #14	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #15	2019	***	***	***

Turma da Mônica ODS #16	2019	***	***	***
Turma da Mônica ODS #17	2019	***	***	***
Júnior N° 28 (Fac-Símile)	2019	***	***	Reedição/Coletânea
Dolmen	2019	***	***	***
Kardec	2019	***	***	Reedição/Coletânea
Pão francês	2019	***	***	***
Mundo Gibi #4	2020	***	***	Produto indisponível
Mundo Gibi #5	2021	***	***	Produto indisponível
Mundo Gibi #6	2023	***	***	Produto indisponível
Tex (Formato Italiano) #1 a #51	2019	***	***	Reedição/Coletânea
Cowboy - Primeiras Histórias (1970-1971)	2020	***	***	Reedição/Coletânea
Batman - O Impostor — Minissérie #1	2021	***	***	***
Batman - O Impostor — Minissérie #2	2021	***	***	***
Batman - O Impostor — Minissérie #3	2021	***	***	***
Batman/Fortnite: Ponto Zero #1	2021	***	***	***
Batman/Fortnite: Ponto Zero #2	2021	***	***	***
Batman/Fortnite: Ponto Zero #3	2021	***	***	***
Batman/Fortnite: Ponto Zero #4	2021	***	***	***
Batman/Fortnite: Ponto Zero #5	2021	***	***	***
Batman/Fortnite: Ponto Zero #6	2021	***	***	***
Batman: O Mundo	2021	Corrupção	HQ Política	***
Brasilzinho: Lugar de Criança É Na Escola - Diga Não Ao Trabalho Infantil	2021	***	***	***
Tex Especial 50 Anos	2021	***	***	Reedição/Coletânea
Amor de Gringo	2022	Turismo sexual no Brasil	HQ Política	***
Angela Davis: Edição Brasileira	2022	Racismo	HQ Política	***
Aventuras do Anjo	2022	***	***	Reedição/Coletânea
Made In Korea - Edição brasileira	2022	***	***	***
O Procurador	2022	***	***	***
Stray Toasters - Torradeiras Assassinas	2022	***	***	Reedição/Coletânea
Taxista	2022	***	***	Reedição/Coletânea
Turma do Brasilzinho e Procon Junior: consumidor consciente	2022	***	***	***
Zorro	2022	***	***	Reedição/Coletânea

Brasilzinho - Cartilha da Justiça 30 Anos	2023	***	***	***
Brasilzinho - Parlamento Jovem Sãocarlense	2023	***	***	***
Mestres da Aventura e Ficção	2023	***	***	Reedição/Coletânea
Mister No - As Novas Aventuras	2023	***	***	***
Rabiscos de Um Pracinha	2023	***	***	***
Intrepidus	2023	***	***	Reedição/Coletânea
PALAVRA-CHAVE: BOLSONARO				
Título	Ano	Temática	Gênero	Observação
Ascensão e Queda de Bolsonaro: Efeito Lula	2023	Bolsonaro	HQ Política	***
Crono Xiririca	2022	Bolsonaro	HQ Política	***
El Perro Feo #2	2022	Diversos	***	***
PALAVRA-CHAVE: COVID				
Título	Ano	Temática	Gênero	Observação
Crônicas de 2020	2022	Pandemia	HQ Política	Duplicado
Cinco Mil Anos Mais Um de Covid	2021	Pandemia	HQ Política	***
Como Eu Sobrevivi À Covid-19 e Seus Amigos!	2021	***	***	***
Covida	2022	***	***	***
Covida Extras	2022	***	***	Produto indisponível
PALAVRA-CHAVE: VACINA				
Título	Ano	Temática	Gênero	Observação
Revolta da Vacina	2021	***	***	Reedição/Coletânea
Turma da Mônica - Vacinação, Vida e Saúde de Montão	2021	***	***	***
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #1	2023	***	***	Duplicado
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #2	2023	***	***	Duplicado
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #3	2023	***	***	Duplicado
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #4	2023	***	***	Duplicado
Saiba Mais! Turma da Mônica, 2ª Série, #5	2023	***	***	Duplicado
Turma da Mônica - Fake News da Vacinação	2023	Fake News/Pandemia	HQ Política	***

Fonte: autora